



Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu



À Laura,

RESUMO

As atrações culturais e patrimoniais desempenham um papel importante no turismo enquanto ícones de tendência da cultura global, nas quais os locais Património Mundial devem ser incluídos, o que irá servir para reforçar as identidades locais (Richards, 2012). Assim sendo, a certificação a Património Mundial da UNESCO torna-se bastante desejada, porque uma vez concedida as pessoas passam a reconhecer o lugar como distinto e único. Essas características são ativos que ajudam a atrair turistas.

O *storytelling* é usado na interpretação do património histórico. As histórias ajudam a tornar o destino mais atraente, proporcionando uma experiência mais significativa aos turistas. Quando as pessoas se encontram conectadas por meio de uma história, é mais provável que elas se recordem da experiência. No entanto, a experiência de consumo é uma área ainda pouco compreendida (Healy, Beverland, Oppewal, & Sands, 2007), particularmente em questões relativas a experiências de contar histórias no contexto do turismo de património.

As experiências turísticas devem ser distintas daquelas encontradas em situações quotidianas, devem envolver os turistas numa construção ativa de significado, tornando assim, as informações mais acessíveis (Moscardo, 2009).

Este artigo pretende analisar as experiências pré-turísticas nos Centros Históricos Património Mundial em Portugal continental como, Guimarães e Porto (norte de Portugal) e Évora (sul de Portugal), através da análise de conteúdo da informação disponibilizada nos seus sites oficiais.

A metodologia utilizada baseou-se na análise de conteúdo, uma técnica de pesquisa qualitativa que permite o exame sistemático e replicável de símbolos de comunicação (Riffe, Lacy, & Fico, 1998), fixado num código pré-definido e categorizado com base na revisão da literatura sobre experiências turísticas, turismo cultural e narração de histórias. Para uma boa divulgação dos destinos turísticos é importante que a comunicação com os turistas seja efetiva, não apenas durante as visitas, mas também no momento da pré-experiência, identificando as características do lugar e das pessoas, os factos históricos, as atividades e eventos, por forma a criar e dramatizar potenciais experiências turísticas, fazendo uso do *storytelling*, para que estas se tornem quase reais.

Algumas limitações são apresentadas. Em primeiro lugar, o estudo concentrou-se apenas nos Centros Históricos Património Mundial em Portugal continental, o que torna os resultados limitados. Em segundo lugar, o estudo analisou apenas parte de toda a experiência turística, concentrando-se na fase da pré-experiência turística. E, finalmente, o estudo pode omitir e, portanto, não considerar outras dimensões relevantes relacionadas com o *storytelling*.

Contar histórias agrega valor aos destinos, promovendo heranças históricas e culturais. Assim, as experiências turísticas devem ser vendidas como únicas, memoráveis e pessoais (Pine & Gilmore, 1999). Ao criá-las dessa forma, é importante entender o que motiva as pessoas, de que maneira elas dão sentido às suas vidas e identificar quais as experiências significativas que realmente as tocam e modificam (Bosangit, Hibbert, & McCabe, 2015). De acordo com o conceito de Moscardo (2010), o *storytelling* é principalmente uma atividade pós-consumo. Os consumidores contam histórias aos outros para retransmitir memórias da experiência vivida, bem como os seus significados em termos de identidade.

ABSTRACT

Heritage and cultural attractions play an important role in tourism as icons of important trends of global culture, in which the World Heritage Sites have to be included, that will reinforce local identities (Richards, 2012).

Therefore, the UNESCO'S World Heritage Site certification is quite desired because, once it is granted, people will recognize the site as distinctive and unique. Those features are assets that will help attract tourists.

Storytelling is used in the interpretation of historical heritage. Stories make the destination more attractive by providing a more meaningful experience to tourists. When people are personally connected through a story, they are more likely to remember the experience. However, consumption experience is an area which is still poorly understood (Healy, Beverland, Oppewal, & Sands, 2007), particularly in matters concerning storytelling experiences within the heritage tourism context.

Tourist experiences must be distinctive from those met in everyday situations, involving the tourists in an active construction of meaning to the information available to them (Moscardo, 2009).

This paper pretends to analyze the pre-tourist experiences in World Heritage Historical Centers in mainland Portugal, such as Guimarães and Porto (northern Portugal) and Évora (southern Portugal), through content analysis of the information promoted in their official sites.

The methodology used was based on content analysis, a qualitative research technique that allows for the systematic and replicable examination of symbols of communication (Riffe, Lacy, & Fico, 1998), using a pre-design code sheet listing specific symbols of tourists' experiences based on literature review of tourism experiences, cultural tourism and storytelling.

For the tourist destination management, it is important to be able to communicate with tourists in meaningful ways not only during their visits but also before their experiences take place by identifying the characteristics of place and people, facts, activities and events in a narrative way, creating and dramatizing potential experiences as a real storytelling tourist experience.

Some limitations are presented. First of all, the study concentrated only in Portuguese official historical sites, which could be limitative for generalizing the results. Second, the study analysed only part of the whole tourist experience, focusing on the pre-tourist experience stage. And finally, the study might omit and therefore not consider other relevant existing dimensions of storytelling information.

Storytelling adds value to the destinations, promoting historical and cultural heritages.

Tourists experiences should sell as unique, memorable and personal (Pine & Gilmore, 1999). In creating them as so, it is important to understand what motivates people, in what ways they give meaning to their lifes and identifying when meaningful experiences actually touch them and change them (Bosangit, Hibbert, & McCabe, 2015).

Based on the Moscardo's (2010) concept, Storytelling is mainly a post consumption activity. Consumers tell stories to others to relay memories of the experience as well as their significance in terms of identity. In this sense, it could be interesting for future research, the analysis of stories reported by tourists in the social media platforms such as travel blogs, and cross that information with the results of this study.

PALAVRAS CHAVE

Storytelling

Pré-Experiência turística

Centros Históricos Património Mundial

Turismo Cultural

Património

KEY WORDS

Storytelling

Pre-Touristic Experience

World Heritage Historic Center

Cultural Tourism

Heritage

AGRADECIMENTOS

Aos professores. Aos colegas. Mas, sobretudo, à família.

Seria difícil nomear todos os nomes e seria sobretudo injusto esquecer-me de alguém.

Desta forma, os agradecimentos vão para todos em geral. Todos os que fazem parte da minha vida pessoal e profissional. Todos os que partilham momentos comigo. Todos os que ao longo deste período ouviram queixumes. Mas, sobretudo, todos os que ao longo deste percurso partilharam comigo experiências.

Afinal é sobre experiências que trata este trabalho!

Ainda assim, há nomes que merecem ser citados pela ajuda franca e disponível que me deram na realização desta tese:

- as orientadoras, a Professora Doutora Carla Silva e a Professora Doutora Maria João Amante, pela coordenação e incentivo;
- a Professora Doutora Cláudia Seabra e a Professora Doutora Susana Barros da Fonseca pela disponibilidade e apoio que sempre me prestaram;
- os meus pais, irmão, cunhada e marido pelo incentivo, motivação e todo o apoio incondicional;
- a minha filha que tornou o desafio ainda maior e que é a minha maior inspiração;
- a minha tia pela disponibilidade e ajuda.

Sem eles este trabalho não teria sido possível. Obrigada de coração!

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	15
ÍNDICE DE TABELAS.....	17
ÍNDICE DE FIGURAS.....	19
Introdução	21
1. Enquadramento Teórico	25
1.1. Turismo Cultural	25
1.2. Perfil do Turista Cultural	28
1.3. A Experiência Turística	30
1.4. O <i>Storytelling</i>	32
1.4.1. <i>Storytelling</i> na pré-experiência turística.....	36
2. Metodologia	39
2.1. Caracterização dos Centros Históricos em estudo	39
2.1.1. Guimarães.....	42
2.1.2. Porto.....	43
2.1.3. Évora.....	44
2.2. Método de Investigação	45
2.2.1. Natureza do Estudo.....	46
2.2.2. A Amostra.....	47
2.2.3. Técnica de Análise de Dados.....	47
3. Apresentação e Análise de Resultados	53
Conclusões	59
Bibliografia	63
Anexo I.....	68
FONTES (Conteúdo Analisado).....	68
Anexo II.....	153
RESULTADOS (Outputs da Análise de Conteúdo).....	153

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Definições de Turismo Cultural	26
Tabela 2. Relação entre Fontes e Dimensões	53
Tabela 3. Relação entre Fontes e Categoria Comunicação	54
Tabela 4. Relação entre Fontes e Categoria Experiência	55
Tabela 5. Relação entre Fontes e Categoria Informação	56
Tabela 6. Relação entre Fontes e Subcategorias	58

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Centro Histórico de Guimarães.....	43
Figura 2. Centro Histórico do Porto	44
Figura 3. Centro Histórico de Évora	45

Introdução

Contar histórias sempre foi o veículo de transmissão de culturas e tradições locais, sobretudo, quando a oralidade era usada em detrimento da escrita. Quando as pessoas estavam mais predispostas a ouvir e a informação não circulava à velocidade atual.

Hoje,

o número de turistas disparou com o processo de globalização e as alterações económicas forçaram as cidades a reposicionarem-se e renovarem as suas imagens para se tornarem competitivas nos novos modelos económicos do século XXI [...] As cidades tiveram que repensar e recriar a história e a herança, e promover as culturas urbanas e o entretenimento (Maitland, 2010, p. 177).

Foi assim que o conceito de *storytelling* ressurgiu. Numa primeira fase associado à área do marketing foi um passo até à aplicação do *storytelling* ao turismo. Pera, Viglia & Furlan (2016) dizem mesmo que *semelhante à marca do produto, o storytelling é interpretado como uma forma de obter reputação pessoal que ajuda na promoção singular de algo único perante uma audiência assumida* (p. 45).

Os turistas que preparam a visita a um determinado lugar, neste caso, os Centros Históricos de Guimarães, Porto ou Évora são a audiência sobre a qual incide este estudo, que visa analisar a informação contida em sites online oficiais com informação turística sobre as cidades mencionadas.

O *storytelling* apresenta-se como tema central, embora enquadrado no amplo conceito de turismo cultural, onde cabe, ainda, a ideia de património e cidade, conceitos importantes para o estudo.

É a procura pelo que é diferente e pelo conhecimento do outro (pessoa ou lugar) o que mais motiva as pessoas a saírem de casa e, sobretudo, a saírem do país. Visitar museus e palácios remete para as histórias passadas, o desconhecido, o que talvez ajude a compreender melhor o presente. Comunicar com as gentes da terra transporta para um imaginário do local, ajuda a recriar paralelismos entre o que se é e se conhece e o que se quer aprender, mas é desconhecido, ou seja, capacita o envolvimento da pessoa com o local visitado.

Isto é Turismo Cultural. É uma das principais motivações para viajar. É um dos principais meios de sustento da atividade turística em diversos países e regiões (Marujo, 2015).

Assente na dicotomia entre o material e imaterial, o Turismo Cultural apresenta-se talvez como o produto turístico mais completo e abrangente, pelo que, mesmo que não seja o principal motivo de viagem, acabará sempre por ser contemplado, em qualquer destino (Isaac, 2008).

Assim acontece na Europa, onde o turismo cultural foi reconhecido como um importante agente de mudança social e económica (Richards G. , 1996). Assim acontece em Portugal, onde a *riqueza do património cultural constitui um forte elemento unificador para os portugueses e uma poderosa atração para os estrangeiros* (Curado, 1996, p. 182). O mesmo autor (Curado, 1996), salienta, ainda, o facto das primeiras políticas destinadas a desenvolver as características culturais em Portugal terem o objetivo de fortalecer a identidade nacional e o carácter português, ao mesmo tempo que visariam extrair lucros económicos de turistas estrangeiros.

Uma importante via de promoção de lugares culturais e de interesse patrimonial é feita pela UNESCO através da distinção de cidades/Centros Históricos Património Mundial, uma vez que, a organização fornece apoio e informação para os gestores municipais sobre questões relacionadas com preservação histórica e desenvolvimento turístico (Rosenfeld, 2008).

A Europa é o principal destino turístico do mundo e o turismo cultural e patrimonial ganha aqui uma dimensão central (Rosenfeld, 2008). De salientar, que é o continente europeu o que tem maior número de locais classificados pela UNESCO, nos quais se incluem os centros históricos das cidades portuguesas continentais – Porto, Guimarães e Évora.

Além disso, a certificação da UNESCO como Património da Humanidade é bastante desejada, pois reconhece o local como distinto e único, o que por si só, é um meio de atração de turistas.

Muitos autores concordam em definir património como,

algo que herdamos do passado e usamos no presente. Ou melhor dizendo, a história é o passado, enquanto que o Património é o uso moderno do passado para fins turísticos e outros propósitos (como por exemplo, a educação e o desenvolvimento social) [...] o que inclui elementos tangíveis e intangíveis (Timothy, 2011, p. 3).

Nos últimos anos, a alteração das necessidades e desejos dos turistas, o aumento da economia da experiência e o crescendo das inovações tecnológicas, conduziu a uma maior procura por histórias. Consequentemente, emergiu um tipo de procura turística assente na experiência autêntica e única, apenas possibilitada pelo contacto mais estreito entre o turista e os lugares visitados e, efetivada através do conto de histórias por guias turísticos, residentes e outros agentes locais.

Contar histórias é usado na interpretação do património histórico. Além disso, são as histórias que tornam o destino mais atraente, proporcionando uma experiência mais significativa aos turistas e, sem dúvida, mais memorável. No entanto, o consumo de experiências é uma área ainda não totalmente compreendida (Healy, Beverland, Oppewal, & Sands, 2007), particularmente no que diz respeito às experiências de contar histórias no contexto do turismo de património.

O *storytelling* assume, assim, uma maior relevância nos dias de hoje. Não só por ser um produto único, mas também porque faz a ponte entre os residentes e os turistas, aproximando-os de uma maneira que a vertente tradicional do turismo jamais faria.

Contudo, a informação existente sobre este tema ainda é escassa, especialmente na sua vertente turística. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar e apresentar dados sobre o subproduto do turismo cultural, o *storytelling*, por forma a demonstrar a sua relevância para a atividade turística. O objetivo é perceber, de que forma as histórias “contadas” aos turistas nos sites oficiais dos três centros património mundial da humanidade podem influenciar a pré-experiência da viagem.

Ou seja, pretende-se avaliar: i) a informação descrita nos sites oficiais dos três Centros Históricos Património Mundial em Portugal – Porto, Guimarães e Évora; ii) as suas características em termos de conteúdo comunicacional, de experiência e de informação; e iii) a forma como a linguagem usada pode influenciar o comportamento do consumidor relativamente à viagem, aquando da sua fase de preparação inicial, e com vista ao relacionamento dos conceitos: sítios Património Mundial, pré-experiência turística e *storytelling*.

Para a realização do trabalho foi feita uma recolha de material textual tendo por base os sites oficiais dos três Centros Históricos Património Mundial em Portugal Continental, com vista à análise da contação de histórias/informação neles contidas. Isto justificado pelo facto do estudo pretender aprofundar a temática do *storytelling* numa perspetiva de relevância científica, mas especialmente recolher informações importantes para ajudar os

gestores de destinos culturais em Portugal a definir melhores estratégias de comunicação para atrair turistas através da informação disponibilizada online.

Assim, este trabalho socorre-se, em primeiro lugar, de uma revisão da literatura sobre o conceito de contar histórias – *storytelling*; aborda o tema central de turismo cultural e patrimonial, de onde se parte para uma breve descrição dos cenários em estudo - os Centros Históricos de Évora, Guimarães e Porto. Em seguida, é apresentada uma visão geral da abordagem metodológica. A terceira secção é dedicada aos resultados e suas implicações. E, por fim, surgem as conclusões.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Turismo Cultural

De acordo com as estimativas da Organização Mundial de Turismo para o ano 2000, o Turismo Cultural foi um dos segmentos de mercado com maior crescimento, representando um quinto do mercado global. Uma tendência acompanhada pelo *European Travel Monitor* que refere que o mercado do Turismo Cultural europeu cresceu mais de 20% em apenas uma década (Isaac, 2008).

Os estudos demonstram que os turistas, sobretudo os europeus, têm preferência por locais onde possam experienciar e conhecer o modo de vida de outras populações, razão pelo qual os números, relativamente ao mercado particular do Turismo Cultural, têm crescido mais de 15% por ano nas últimas décadas (UNWTO, 2015).

Aqui há que considerar uma importante chamada de atenção de Isaac (2008) que refere que estes indicadores denotam que os produtos de turismo de massas estão a perder peso face aos produtos que envolvem experiências e interação entre turistas e habitantes locais. Por exemplo, *experimentar a atmosfera* (Richards G. , 2009, p. 3) é desde 2004 considerada a principal motivação do turista cultural estrangeiro. Assim sendo, *parece que o turismo cultural está a tornar-se um produto da experiência, segundo a qual a visita é julgada em termos de todos os atributos de atração, não apenas em termos do seu valor cultural* (Richards G. , 2009, p. 3).

Partindo deste alargado leque de possíveis motivações do Turismo Cultural importa atentar na variedade de definições que foram sendo propostas por diferentes autores, ao longo dos anos, na tentativa de efetivamente definir Turismo Cultural.

Até porque será, sem dúvida, desta contextualização do conceito ao longo do tempo que melhor se irá perceber a relevância do *Storytelling* neste produto turístico e até mesmo a forma como este aí se integra. Ou não fosse o Turismo Cultural, aquele que *oferece algo mais ou diferente tanto ao turista como à comunidade que acolhe o turista* (McKercher & Cros, 2002).

TABELA 1. DEFINIÇÕES DE TURISMO CULTURAL

<i>Autores</i>	<i>Definição/Descrição</i>
Wood (1984)	<i>Os exemplos de situações onde o papel da cultura é contextual, onde a sua função é formar o turista numa situação geral e sem uma perspetiva particular de uma identidade cultural específica.</i>
Smith (1992)	<i>Abarca o pitoresco ou a cor, os vestígios de uma vida em processo de extinção que permanece na memória humana com as suas casas antiquadas, os seus telhados artesanais, os seus carros...o seu artesanato e trabalhos manuais alheios a todas as técnicas industriais.</i>
Silberberg (1995)	<i>Aquelas deslocações realizadas fora do lugar habitual de residência cuja motivação principal ou parcial é o interesse nos aspetos históricos, científicos ou de estilos de vida oferecidos por uma comunidade, região, grupo ou instituição.</i>
Richards (1996)	<i>O modo como os turistas – aquelas pessoas que viajam fora dos seus locais de residência – consomem a cultura.</i>
McIntosch e Goeldner (1999)	<i>Todos os aspetos do turismo através dos quais os viajantes aprendem sobre a história e o património de outros ou sobre os seus atuais estilos de vida e formas de pensar.</i>
Prentice (2001)	<i>Turismo construído, oferecido e consumido explícita ou implicitamente como uma apreciação cultural, quer como experiência quer como um ganho de conhecimento.</i>
Beni (2003)	<i>A afluência de turistas a núcleos recetores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representando a partir do património e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte.</i>
McKercher e Cros (2002)	<i>O turismo cultural é definido como uma forma de turismo que se baseia nos bens culturais de um destino e os transforma em produtos que podem ser consumidos por turistas.</i>
Smith (2003)	<i>O turismo cultural é o envolvimento passivo, ativo e interativo com as culturas e comunidades, através do qual o visitante ganha novas experiências de carácter educativo, criativo e divertido.</i>
Craik (2003)	<i>Excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos seus povos, estilos de vida, património e artes, representantes genuínos dessas culturas e dos seus contextos históricos.</i>
Petroman et al. (2013)	<i>Refere-se às formas de arte (cultura) na área urbana e rural de uma região ou país, e define-se como um movimento de pessoas para as atrações culturais longe do seu local de residência habitual com o objetivo de assimilar informações e experiências culturais.</i>
Marujo et al. (2013)	<i>O turismo cultural caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer e vivenciar lugares onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada sociedade.</i>

Fonte: in O Estudo Académico do Turismo Cultural (Marujo, 2015)

Smith (2003), Petroman et al. (2013) e Marujo et al. (2013) são as definições que mais interessarão ao Storytelling, precisamente por abordarem a questão da intangibilidade do turismo cultural contemporâneo (Richards G. , 2001).

A par de todas estas definições Richards (2018, p. 3) refere a nova proposta de definição de turismo cultural para a UNWTO (World Tourism Organization) em 2017, segundo a qual

turismo cultural é um tipo de atividade em que o visitante tem como principal motivação a aprendizagem, descoberta, experiência e consumo de atrações culturais/produtos turísticos tangíveis e intangíveis num destino cultural. Estas atrações/produtos encontram-se relacionados com um conjunto de características materiais, intelectuais, espirituais e emocionais de uma sociedade que engloba artes, arquitetura, história a património cultural, culinária, literatura, música, indústrias criativas e culturas vivas com os seus estilos de vida, sistemas de valores, crenças e tradições.

Depois desta ampla definição, compreende-se ainda melhor o facto de o turismo cultural ser apontado como de extrema importância para o desenvolvimento do turismo a nível internacional, nacional, regional ou local, sendo apontado como um dos dez produtos estratégicos no Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) (Ministério da Economia e do Emprego, 2007), no caso português. Já que,

pode funcionar como um estímulo aos fatores culturais dentro de uma região ou localidade, onde se procura conservar a cultura e o passado através das formas de vivência, património histórico, língua, gastronomia, etc. (...) Por outro lado, o fortalecimento da identidade cultural através do turismo pode atuar como uma força inibidora dos efeitos homogeneizadores provocados pelo fenómeno da globalização (Marujo, 2015, p. 6).

Profundamente ligado ao turismo cultural está o turismo urbano.

O número de turistas disparou com o processo de globalização e as alterações económicas forçaram as cidades a reposicionarem-se e renovarem as suas imagens para se tornarem competitivas nos novos modelos económicos do século XXI [...] As cidades tiveram que repensar e recriar a história e a herança, e promover as culturas urbanas e o entretenimento (Maitland, 2010, p. 177).

A par do turismo cultural, também o turismo urbano tem crescido exponencialmente nos últimos anos. Em Portugal, por exemplo, espera-se que em 2020 os destinos urbanos atinjam 72 milhões de viagens (Ministério da Economia e da Inovação, 2007).

Muitos turistas visitam lugares urbanos principalmente por outras razões que não os seus recursos patrimoniais (...). No entanto, os recursos patrimoniais podem ser uma atração notável para os turistas urbanos (Su, Bramwell, & Whalley, 2018, p. 30).

É desde os anos 70 que o turismo cultural aparece como produto turístico, mas só desde 1990 é que o turismo cultural foi reconhecido como uma atividade de mercado de massa de perfil elevado (McKercher & Cros, 2002).

1.2. Perfil do Turista Cultural

Hoje em dia ser turista implica uma determinada predisposição, hábitos diversificados e uma forma de escapar a determinadas regras culturais. Os turistas assumem-se como parte integrante da bagagem e, assim, demonstram conhecimento do que é ser um turista (Edensor, 2001). Com efeito, *o turismo nunca está totalmente separado da realidade quotidiana, já que os turistas trazem os seus hábitos irrefletidamente para as ‘viagens’* (Edensor, 2001, p. 61). E, é efetivamente dessas potencialidades que advêm as diversas performances que podem ser consideradas pelos guias turísticos para melhor veicular a sua (his)estória.

No entanto, há um fator importante a ter em consideração relativamente aos turistas. Eles são pessoas e, por isso, dominados pelas emoções. Esta é uma faceta humana amplamente conhecida e muito determinante no domínio do consumo. Desta forma, verifica-se que as pessoas compram emocionalmente e só *a posteriori* justificam as suas decisões com a lógica, ou seja, com argumentos racionais (Cardoso, 2009).

Esta faceta do comportamento humano é, então, a que interessa explorar através do *storytelling*, até porque, como já foi anteriormente referido, os motivos que levam os turistas a procurarem o turismo cultural, prendem-se com a necessidade de aprendizagem e o desejo de viver novas experiências (Richards G. , 2009).

Assim, devido à sua componente emocional, supõe-se que o *storytelling* tem um efeito importante nas intenções futuras de comportamento dos turistas no que diz respeito aos destinos visitados e experiências vividas.

Passando da importância das (his)estórias para a importância de quem as conta e da forma como são interpretadas fica a constatação de que,

as estórias criam uma maior conexão pessoal entre o indivíduo e a comunidade e podem permitir um posicionamento mais atrativo do mesmo em detrimento dos outros membros da comunidade (Pera et al., 2016, p. 53).

Aqui a performance do turista irá depender da sua ligação simbólica ao local, mas, sobretudo, do grupo onde está inserido, caso o haja. A par do grupo, também as tecnologias e técnicas dispostas ao alcance do turista contribuem para a moldagem da performance – guias (livros), mapas, aplicações de telemóvel. Pois, como o mesmo autor refere, há que considerar que os turistas são performers, sobretudo, na medida em que, muitas vezes, acatam recomendações de guias (livros) e desta forma acabam por condicionar a prestação do guia (pessoa), na interação que deve existir entre ambos (Edensor, 2001).

Decorrente das motivações e tipologias de Turismo Cultural, investigações recentes concluíram que existem diferentes tipos de turistas para este produto, agrupados pela centralidade e pela profundidade das experiências tendo como base as suas motivações (McKercher & Cros, 2002):

- (i) Turista Cultural Intencional: demonstra um elevado envolvimento com os locais visitados - viaja por motivos culturais e procura experiências culturais profundas.
- (ii) Turista Cultural Sightseeing: viaja por motivos culturais, mas a experiência é superficial. É seletivo na escolha das atrações culturais a visitar e a viagem é orientada para o lazer.
- (iii) Turista Cultural Casual: a cultura não é a principal motivação para a escolha do destino e o envolvimento na experiência é superficial. Visita apenas locais mais icónicos divulgados pela comunicação social.
- (iv) Turista Cultural Incidental: não viaja por razões culturais, mas acaba por participar em atividades de cariz cultural, desenvolvendo por isso uma experiência apenas superficial com as mesmas.
- (v) Turista Cultural Serendipitous: não viaja com motivações culturais, mas uma vez no destino, acaba por participar e envolver-se em atividades culturais, acabando por beneficiar de uma experiência de turismo cultural profunda.

Assim sendo, importa esclarecer que a tipologia do turista cultural varia de acordo com a centralidade da experiência, fortemente dependente da motivação da viagem. Enquanto

que há turistas que escolhem um destino em função da experiência cultural, há-os que, simplesmente, não consideram essa opção como determinante na hora da escolha da viagem.

Conhecida a importância e as principais definições do Turismo Cultural na sociedade atual e estabelecido um breve perfil do turista cultural, importa agora esclarecer sobre a importância que o *storytelling* merece em termos da experiência turística cultural que possibilita, aprofundando este tema para melhor se compreender o estudo em causa.

1.3. A Experiência Turística

As experiências sempre estiveram no centro do entretenimento (Loureiro, 2014) e são cada vez mais solicitadas por turistas que procuram atividades de lazer e turismo atraentes, únicas e memoráveis.

As experiências de consumo são multidimensionais e incluem dimensões hedônicas, como sentimentos, fantasias e diversão (Holbrook & Hirschman, 1982). Grande parte da literatura sobre experiências de consumo estudou propósitos hedônicos que ocorrem durante e após o consumo de, por exemplo, produtos patrimoniais (Brakus, Schmitt, & Zarantonello, 2009).

De acordo com a Teoria de Processamento de Informação (Bettman, Payne, & Staelin, 1986; Gabbott & Hogg, 1994) que considera uma série de etapas racionais no processo de decisão de comportamento do consumidor (Chen, 1997), a experiência turística também pode ser considerada como tendo três etapas principais (Seabra, Abrantes, & Kastenholtz, 2014): i) a pré-experiência quando o turista prepara e planeia a viagem; ii) a experiência turística, ou seja, o momento em que os turistas estão no seu destino e usufruem de todos os produtos que fazem parte de sua viagem; e iii) a pós-experiência que é a fase em que os turistas voltam para casa e avaliam a viagem.

No que respeita à experiência de consumo, esta pode ser direta, quando há um contato físico entre o consumidor e o produto (Hoch & Ha, 1986), ou indireta, quando um determinado produto é apresentado de forma virtual ou através de publicidade (Hoch & Ha, 1986; Kempf & Smith, 1998). De qualquer forma, esta experiência deve estimular as conexões multissensoriais para que os consumidores sintam, aprendam, sejam e façam (Mehmetoglu & Engen, 2011).

As plataformas online funcionam como instrumentos de gestão e promoção dos destinos

turísticos nomeadamente pela oferta variada de informação sobre produtos e serviços, para a construção da imagem e da marca do destino e para a comunicação entre os turistas e os destinos, antes, durante e após a visita (Zhang, Fu, Cai, & Lu, 2014). Neste sentido, assume-se que as plataformas online, através dos seus conteúdos, proporcionam aos turistas uma pré-experiência turística (Zhang, Xu, Lu, & Lei, 2015).

Um dos modelos que avalia a pré-experiência turística através de plataformas online, é o desenvolvido no estudo de Zhang, Gordon, Buhalis & Ding (2018). Estes autores dividem a experiência em cinco dimensões: estética, utilidade, facilidade, confiança e interatividade, considerando que estas dimensões são determinantes na escolha do destino.

A experiência turística está relacionada com o efeito visual ou estético que o próprio design da interface da plataforma proporciona. Uma representação estética do destino permite sentir a beleza do lugar mesmo que esta esteja a ser promovida em ambiente virtual. As dimensões da utilidade e facilidade da gestão da informação nas plataformas online têm mais a ver com o utilizador e as suas competências de adaptação e utilização da informação disponível, mas são também parte do constructo da experiência turística, sendo também determinante a escolha do destino. A confiança, sendo o elemento chave em ambiente online, influencia significativamente a imagem que o potencial turista tem do destino porque o liga a sentimentos de honestidade, benevolência e integridade (Etemad-Sajadi, 2016; Grefen & Straub, 2004). Por último, a experiência interativa que se refere às recomendações e sugestões de produtos, serviços e atividades turísticas personalizadas que vão ao encontro das necessidades e desejos dos turistas permitindo um pré-encontro entre o destino e o turista e mesmo entre turistas (Stromer-Galley, 2004). Estas cinco dimensões da pré-experiência turística proporcionada pelos conteúdos das plataformas online dos destinos turísticos são de natureza cognitiva (Zhang et al., 2018). Ainda no âmbito das experiências turísticas proporcionadas em plataformas online, outro dos modelos é aquele que caracteriza a experiência em duas dimensões - cognitiva e afetiva – e que considera que as descrições textuais do destino turístico e que são mais sensoriais, juntamente com as imagens do destino, ativam no potencial turista uma representação mais cognitiva do destino e, por isso, uma pré-experiência que vai ser determinante na escolha do mesmo ((Lee, Gretzel, & Law, 2010; Lee & Gretzel, 2012; Lee & Jeong, 2014).

Outro modelo que avalia a experiência turística e é amplamente utilizado na literatura em

turismo é o modelo dos "4 E's" de Oh, Fiore & Jeoung (2007), que a categoriza em quatro dimensões: *Education*, *Entertainment*, *Esthetics* e *Escapist*. Embora o modelo tenha sido criado para o enoturismo, pode facilmente alargar-se a outros sectores e/ou experiências turísticas e dele aferir-se que, por exemplo no caso da dimensão “educação” a experiência irá contribuir para o aprimoramento dos conhecimentos e habilidades do turista. No caso do “entertentimento”, os turistas são envolvidos por performers ou em performances que contribuem para o enriquecimento da experiência. Já na experiência “escapista” os turistas são chamados a participar de forma ativa, envolvendo-se e/ou criando novas dinâmicas. Por fim, a experiência estética pretende-se mais sensorial, os turistas são cativados pelo despertar dos sentidos (Quadri-Felitti & Fiore, 2013).

Ainda a respeito do modelo dos “4 E’s” Pine and Gilmore são da opinião de que as experiências que incorporam essas quatro dimensões - *Education*, *Entertainment*, *Esthetics* e *Escapist* - geram memórias mais fortes e conseqüentemente avaliações mais positivas (Gilmore & Pine, 2002).

Na opinião de Schmitt (1999), as experiências turísticas podem ser classificadas em cinco categorias: (1) *Act*, (2) *Feel*, (3) *Relate*, (4) *Sense*, e (5) *Think*. A dimensão “*act*” é sobre a criação de experiências físicas que visam o desenvolvimento físico do consumidor e mostrar-lhe formas alternativas de fazer algo, experimentando estilos de vida e interações alternativos. O “*feel*” está relacionado com a criação de sentimentos e emoções, como alegria, felicidade e orgulho. O “*relate*” engloba aspectos das dimensões remanescentes e está essencialmente relacionada com a identidade social e cultural do “eu”. A dimensão “*sense*” refere-se ao uso dos nossos sentidos para criar experiências sensoriais que ajudarão a agregar valor aos produtos. E, por fim, o “*think*” implica a inteligência dos consumidores na criação de experiências cognitivas que os envolvam de maneira criativa, pois pretende gerar pensamento, surpresa e provocação/inquietação.

1.4. O Storytelling

No turismo, o *storytelling* surge, sobretudo, acoplado à ideia de experiência, uma dupla de conceitos que ganha força ao considerar-se o negócio da indústria de turismo como sendo a venda de experiências (Kim, 2010). Mas o conceito de *storytelling* aplicado ao turismo sofre, ainda, um maior estímulo ao verificar-se que o turismo é um processo que encoraja as pessoas a aprender (Maitland, 2010) e o *storytelling* tem o poder de

familiarizar as pessoas com o que está a ser dito (Lee & Shin, 2014) e acrescenta, por isso, valor ao produto (Mora & Livat, 2013).

Mais, o *storytelling* tem o poder de transformar o passado em presente (Chronis, 2012), o que se vislumbra de extrema importância quando o estudo interliga o efeito do *storytelling* aplicado aos Centros Históricos Património Mundial da UNESCO em Portugal Continental – Guimarães e Porto (no norte do país) e Évora (no sul de Portugal), que são testemunhos únicos e excepcionais da cultura e da História.

No entanto, é de ressaltar que

os lugares não se constituem na forma de histórias interessantes com enredos centrais, coerências e protagonistas atuantes. Essa tarefa estruturante e interpretativa é realizada por profissionais de marketing de turismo e técnicas comerciais (Chronis, 2012, p. 1799).

E é precisamente sobre o trabalho desses profissionais, espelhado nos sites oficiais dos três centros históricos anteriormente mencionados, que incide este estudo. O que demonstra que os sites oficiais dos destinos turísticos são importantes ferramentas de promoção dos destinos turísticos (Barreto, Rubio, & Martínez, 2019), que geram experiências turísticas em ambiente virtual capazes de influenciar as atitudes e intenções dos potenciais turistas (Luna-Nevarez & Hyman, 2012).

Usadas na comunicação de memórias e na promoção boca a boca, as histórias são

narrativas [que] não apelam exclusivamente às emoções, elas também têm o poder de acrescentar um toque especial aos já standardizados destinos turísticos. Num mundo onde há um fim de produtos, serviços e destinos turísticos, em que todos pretendem afirmar-se como sendo únicos e não passam de meras cópias uns dos outros, as histórias tornam-se numa das poucas formas de venda exclusiva que os locais têm ao seu dispor (Bryon, 2012, p. 29).

Neste sentido, Bryon (2012, p. 41) afirma ainda que,

cada vez mais as agências turísticas tentam ir aos bastidores dos destinos turísticos para oferecer mais interatividade e atividades multissensoriais, bem como para desenvolver mais tours onde o contemporâneo e o modo de vida local desempenhem um papel mais central. Inclusive os novos guias turísticos - guias relacionais – partilham histórias e experiências pessoais como meio de desenvolver significativamente as relações com os turistas.

Assim sendo, obviamente que o *storytelling* pode ser entendido como forma de compreender experiências turísticas (Tung & Ritchie, 2011). Sobretudo, quando se parte do pressuposto que *as histórias não são reais, mas invenções humanas, não podemos escapar ao desafio de encontrar múltiplas e conflituosas narrativas* (Chronis, 2012, p. 1810).

Palavras que conduzem a experiências memoráveis, uma possibilidade que Tung & Ritchie (2011, p. 1372) constatam ao aferir que *muitos estudos se têm centrado sobre a interpretação de experiências através do conceito de narrativas*.

O ato de contar histórias consolida e recupera experiência da memória, e a valorização do storytelling fornece aos ouvintes uma compreensão mais profunda das vidas intrincadas dos contadores de histórias e capacita verdadeiramente os pesquisadores de um intenso senso de atenção aos detalhes nessas histórias (Tung & Ritchie, 2011, p. 1373).

Real, imaginário ou um misto entre realidade e ficção, tudo irá certamente depender do contador de (his)estórias. Mas certo é que *quanto mais metafórica e simbólica for a estória comunicada, maior será o poder que ela tem de envolver os outros* (Pera et al., 2016, p. 52), no uso daquilo a que facilmente se pode chamar de meta narrativa.

Paralelamente, e no que concerne às experiências vividas em viagem

os aspetos sensoriais de um destino estão recentemente a ser focados como uma importante dimensão no processo de facilitação de experiências turísticas positivas. As zonas rurais englobam recursos locais ricos em estímulos multissensoriais que podem ser utilizados no planeamento e comercialização de experiências turísticas dirigidas a segmentos de turistas, ao mesmo tempo que se ajustam ao desenvolvimento local sustentável (Agapito, Valle, & Mendes, 2014, p. 224)

Partindo deste princípio, Chronis (2012, p. 1799) vai mais longe notando que,

os lugares não constituem em si histórias interessantes com enredos centrais, coerência e protagonistas. Esta estrutura e interpretação é uma tarefa dos marketeers do turismo e das técnicas comerciais.

Portanto, as histórias sobre o local podem dar ao destino turístico uma vantagem competitiva única e, ao mesmo tempo, proporcionar uma experiência turística mais significativa (Mossberg, 2008) ao fortalecer a conexão dos turistas aos locais, o que automaticamente contribui para conferir maior valor ao produto (Mora & Livat, 2013).

Assim, os produtos e experiências patrimoniais são projetados e promovidos com o objetivo principal de satisfazer o consumo contemporâneo (Su et al., 2018). Assim sendo, experiências turísticas devem ser distintas daquelas encontradas em situações quotidianas e envolvem os turistas ativamente na construção de significado na informação disponível para eles (Moscardo G. , 2009).

A tangibilidade do espaço é crucial para conectar o turista com o passado histórico [...] a experiência de estar lá dissolve parcialmente a dimensão do tempo e concede ao espaço poder emocional (Chronis, 2012, p. 1806)

De facto, e como já foi referido, a indústria do turismo é a atividade de vender experiências (Kim, 2010), e as histórias são elementos importantes das experiências dos turistas (Moscardo G. , 2009). O que, por si só, justifica o aparecimento do *storytelling* ligado ao turismo, depois da sua aplicação no marketing. Pera et al., (2016, p. 45) dizem mesmo que,

semelhante à marca do produto, o storytelling é interpretado como uma forma de obter reputação pessoal que ajuda na promoção singular de algo único perante uma audiência assumida.

Esta caracterização do *storytelling* justifica a sua reputação enquanto *atividade cocriativa que é exemplo de empowerment* (Pera et al., 2016, p. 53), já que se apresenta como um elemento diferenciador, sobretudo, em mercados altamente competitivos.

A par disso, o *storytelling* é um importante elemento na ajuda que presta à familiarização com os produtos (Lee & Shin, 2014).

Devido à mudança nos desejos dos turistas, o aumento da economia da experiência e das inovações tecnológicas, a busca por histórias aumentou substancialmente nos últimos anos. Consequentemente, uma impressionante procura emergiu no turismo e, particularmente, nas visitas guiadas (Bryon, 2012, p. 27).

A ideia é que as pessoas experienciem e, intrinsecamente, mudem a forma de olhar o mundo, até porque, como já foi referido, o *turismo é um processo que encoraja a aprendizagem* (Maitland, 2010, p. 178), sobretudo, através da experiencição e do despertar dos sentidos e é aqui que, mais uma vez, entra o *storytelling*.

1.4.1. *Storytelling* na pré-experiência turística

Considerando o *storytelling* como ponto base e fulcral deste estudo e feito um primeiro enfoque no tema, em termos gerais, importa agora referir a forma como este conceito pode influenciar comportamentos em termos de pré-experiência, porque, afinal, é exatamente isto de que se trata o estudo.

O turismo, tal como qualquer outro produto de consumo, engloba três fases de experimentação: a pré-experiência que antecede a compra; a experiência que decorre da efetivação da compra; e a pós-experiência que resulta da análise/avaliação do produto consumido.

Neste caso, interessa, sobretudo, a pré-experiência. O primeiro “contacto” dos turistas com os lugares é de extrema importância no momento da escolha do destino turístico e sabe-se que o recurso aos media sociais e redes sociais é cada vez mais uma forma de validação desse primeiro contacto, pois as *novas tecnologias da informação facilitam aos turistas o planeamento das suas viagens* (Rosenfeld, 2008, p. 3), por permitirem a identificação imediata de características locais, hábitos, tradições e eventos.

Neste aspeto, sabe-se que,

uma grande parte da população global está agora conectada nas redes sociais, onde podem facilmente partilhar experiências e histórias e, conseqüentemente, influenciar percepções e comportamentos de compra (Lund, Cohen, & Scarles, 2018, p. 271).

Pese, embora, o *storytelling* ser apenas uma forma de comunicação, este é já e, cada vez mais, um elemento diferenciador na transmissão de qualquer mensagem. Uma característica que acrescenta valor e que, por isso, é hoje aplicada no mundo empresarial e estudada ao nível científico.

Contar histórias evoca uma forte resposta neurológica. A pesquisa do neuroeconomista Paul Zak indica que os nossos cérebros produzem a hormona do stress – cortisol - durante os momentos tensos de uma história, o que nos permite focar, enquanto que a beleza da mesma faz libertar a oxitocina, o produto químico que promove a conexão e a empatia. Outras pesquisas neurológicas referem que um final feliz para uma história desencadeia o sistema límbico, o centro de recompensa do nosso cérebro,

para libertar a dopamina que nos faz sentir mais esperançosos e otimistas
(Monarth, 2014).

O sector do turismo tem um forte peso no consumo, o que torna os produtos turísticos mais suscetíveis a conversas e histórias nos media sociais (Lund et al., 2018). Daí a literatura da especialidade alertar para a importância de promover informação compreensível, significativa e memorável (McLellan, 2006).

Esta chamada de atenção ganha tanta mais importância, quanto maior é o conhecimento de que o aparecimento dos novos media, da internet e das novas ferramentas digitais condiciona a “qualidade” do que se encontra online e do que é partilhado por todos e, a maior parte das vezes, sem qualquer filtro.

Daí o estudo ter incidido nas fontes online oficiais. Estes são desenhados para providenciar informação ao turista de um modo efetivo, por forma a atrair o turista para o destino antes mesmo da visita. Recorre-se, assim, às histórias, ao uso de verbos específicos, objetos, experiências, lugares e personagens para para efetivar essa via de comunicação (Yavuz, Sumbul, Ergec, & Derdiyok, 2016).

Esta busca de informação na pré-experiência faz com que os turistas quando chegam aos locais tenham uma visão e apreensão diferente da realidade circundante, uma visão já mais informada.

A busca de informação e o planeamento da viagem são um aspeto importante da procura turística. Perceber quais são as fontes pode ajudar os marketeers e gestores locais a tomar decisões mais informadas sobre qual a melhor forma de aproximação aos potenciais mercados. Quando planeiam a viagem, a maioria dos turistas de património utilizam a internet como fonte principal de informação, seguida da recomendação de parentes ou amigos (Timothy, 2011, p. 30).

De facto,

uma grande parte da população mundial encontra-se agora conectada através das redes sociais, onde partilham experiências e histórias e, conseqüentemente, influenciam percepções e comportamentos de compra
(Lund et al., 2018, p. 271).

Esta realidade traz para a esfera pública aquilo que é privado e nosso. *As narrativas de viagem não são apenas reflexo de experiências de viagem, mas de nós próprios* (Bosangit, Hibbert, & McCabe, 2015, p. 4). Ou seja, *escrever histórias acerca das suas experiências*

[passou a ser] uma atividade importante que permite às pessoas agirem de acordo com as mesmas em conexão com os outros (Bosangit et al., 2015, p. 4). E, todas estas circunstâncias, fazem do *storytelling* uma *tecnologia de poder* (Lund et al., 2018, p. 272).

Este poder do *storytelling* é facilmente compreendido, uma vez que,

as novas ferramentas digitais são baratas e amplamente acessíveis, a narrativa digital tende a ser altamente pessoal e, ao mesmo tempo, universal. Como resultado disso, torna-se uma forma muito poderosa de comunicação (McLellan, 2006, p. 66).

Por fim, e como ponto de partida para o tema seguinte, importa referir que,

as histórias ajudam os consumidores a entender o produto e / ou serviços em questões de marketing e branding. Especialmente no turismo, contar histórias é um canal eficaz para a comunicação da marca de destino (Yavuz et al., 2016, p. 63).

2. Metodologia

Este capítulo pretende analisar as experiências pré-turísticas nos Centros Históricos Património Mundial em Portugal Continental, como Guimarães e Porto (norte do país) e Évora (sul de Portugal), através de uma análise de conteúdo da informação disponibilizada pelos sites turísticos oficiais.

O principal objetivo é tentar perceber de que forma o *storytelling* é abordado na experiência turística, considerando a internet como um ponto de partida de referência na busca de informação aquando do planeamento de uma visita turística às três cidades em estudo.

O estudo de caso em questão apresenta uma abordagem única sobre a experiência de contar histórias, baseada no modelo de experiência de Schmitt (1999), em que foram consideradas na dimensão experiência as seguintes categorias: experiência de sentimento, experiência de sensação, experiência de ação, experiência de relacionamento e experiência de pensamento. A respeito das categorias apresentadas, Loureiro (2014) considera que o “*feel*”, o “*sense*” e o “*think*” são considerados no domínio das experiências individuais. Por sua vez, o “*act*” e o “*relate*” são considerados no domínio das experiências partilhadas.

Além da dimensão experiência, que se vislumbra de primordial importância para o estudo turístico em questão, e em que se privilegiou a proposta de Schmitt (1999), na categorização das dimensões foram ainda consideradas a comunicação e informação.

As três dimensões foram divididas em categorias e estas subdivididas em subcategorias. No que respeita às fontes usadas, estas dividem-se de acordo com os centros históricos analisados – Guimarães, Porto e Évora – os três Centros Históricos Património Mundial da UNESCO em Portugal continental, tendo sido, também, subdivididos entre informação geral e informação relativa aos monumentos.

2.1. Caracterização dos Centros Históricos em estudo

Hoje em dia, milhares de pessoas viajam todos os anos à procura de prazer, relaxamento, diversão, educação, amor, curiosidade e um sem número de

motivações internas. O património cultural da humanidade é um dos mais importantes recursos em que as viagens se baseiam (Timothy, 2011, p. 2)

Em Portugal continental existem três centros históricos com o distintivo da UNESCO de Património Mundial são eles: Guimarães, Porto e Évora. E, neste capítulo, o que se pretende é perceber até que ponto este distintivo se torna importante ou diferenciador para quem os visita. Uma breve caracterização dos centros históricos em questão também faz parte deste capítulo por meio a enquadrar a análise de dados consequentes.

O mercado do turismo cultural na Europa está a tornar-se cada vez mais competitivo. Um crescente número de cidades e regiões na União Europeia estão a basear o seu turismo em estratégias de desenvolvimento para a promoção do património cultural e o número de atrações está a crescer rapidamente (Richards G. , 1996, p. 10).

Este crescimento, quando sustentado por títulos como os da UNESCO de Património Mundial ou Cidades Europeias da Cultura, entre outras, acaba por ganhar um peso ainda maior. O reconhecimento conferido por este tipo de títulos ajuda no reconhecimento universal e, conseqüentemente, torna os destinos turísticos em fortes atrações.

Esta ideia é suportada por Drost (1996), que garante que estes lugares por razões históricas, científicas e estéticas ganham valor universal. No entanto, para que isso aconteça é importante que,

cada comunidade tenha consciência desse valor e da competitividade que isso pode aportar ao lugar. Os turistas têm muitas opções e são seletivos. Assim, o primeiro desafio passa por substantivar a natureza dos programas – reunir eventos por épocas, pessoas e culturas. Há a necessidade de contar a estória, de capturar a audiência e de a transmitir no sentido de diversão, apreciação e compreensão. Os lugares precisam de se desenvolver ou reestruturar. A sinalética deve ser apropriada para contar a história. As pessoas que trabalham nestes locais devem ser treinadas (Rosenfeld, 2008, p. 11).

Todas as questões defendidas por Rosenfeld ganham significado quando sabemos que, muitas vezes, as estórias dos locais servem essencialmente para preservar memórias (Kerr, 2016). Daí a importância de *cada comunidade desenvolver a sua própria ‘marca’ e de a vender em websites, publicidade, etc.* (Rosenfeld, 2008, p. 12).

Neste aspeto é de salientar o papel dos *marketeers e mesmo dos consumidores como agentes ativos de produção, partilha e consumo de conhecimento* (Lund et al., 2018, p. 276).

Na Europa, turismo e cultura estiveram sempre estritamente ligados. Daí este continente ser um atrativo para os que procuram património cultural e história (Richards G. , 1996). *Aliás, a herança cultural da humanidade é um dos recursos mais importantes sobre os quais a viagem é baseada e apela a muitos motivos subjacentes à viagem* (Timothy, 2011, p. 2).

No caso de Portugal, o vasto património cultural constitui um forte elemento unificador [no sentido patriótico] para os portugueses e uma poderosa atração para estrangeiros (Curado, 1996). A análise feita aos sites oficiais dos três centros históricos – Guimarães, Porto e Évora denota exatamente isso, como poderá constatar-se no capítulo seguinte.

Para já, de salientar que, de facto, a certificação da UNESCO confere visibilidade nacional e internacional aos locais, tornando-os mais atrativos e apetecíveis para o turismo o que, conseqüentemente, resulta num investimento para a preservação dos mesmos (Drost, 1996). Opinião semelhante tem Richards (2018, p. 5) ao defender que *o turismo cultural tem há muito tempo uma importante dimensão económica, uma vez que, as receitas do turismo ajudam a apoiar a preservação do património cultural*.

A análise de resultados evidencia também esta questão, colocando nos centros históricos um foco que faz deles muito mais do que um espaço urbano. Nota-se que há da parte das entidades competentes um esforço para realçar o que é diferente e original, quer em termos arquitetónicos e de património, quer, também, em termos sociais e culturais. Uma situação que torna cada lugar excepcional e com grande foco na experiénciação.

Desta forma, e antes da breve apresentação de cada um dos três Centros Históricos Património Mundial da UNESCO em Portugal Continental, importa evidenciar esta visão de Maitland (2010, p. 13), relativamente à morfologia das cidades

observar a vida quotidiana é interessante por si só, mas talvez se torne mais importante agir de forma marcada e significativa considerando que a área [turística] é parte da cidade real e não, simplesmente, um espetáculo para os visitantes verem. Como um entrevistado respondeu, não parecer artificial... para que não se sinta como se estivesse na Disneyland.

2.1.1. Guimarães

Conhecida como o “berço da nação”, Guimarães tem associado a si um forte simbolismo patriótico ligado à identidade nacional.

De acordo com a UNESCO (UNESCO, 2018) este centro histórico encontra-se *excepcionalmente bem preservado* e o que o distingue, em particular, é a integridade e autenticidade que os seus edifícios históricos transparecem mantendo o layout medieval, apesar das diversas transformações ao longo do tempo.

Situada no distrito de Braga, a norte de Portugal, Guimarães é associada à criação da nacionalidade e da língua portuguesa, tendo mesmo sido a primeira capital do país, no século XII.

O centro histórico de Guimarães deve o título, que lhe foi atribuído em 2001, de Património Mundial da UNESCO essencialmente aos três critérios seguintes¹ (UNESCO, 2018):

- Critério (ii) – Guimarães é de considerável significado universal em virtude das técnicas especializadas de construção desenvolvidas na Idade Média terem sido transmitidas para as colónias portuguesas na África e no Novo Mundo, tornando-se numa sua característica.
- Critério (iii) - A história antiga de Guimarães está intimamente associada ao estabelecimento da identidade nacional portuguesa e da língua portuguesa no século XII.
- Critério (iv) – é uma cidade excepcionalmente bem preservada, além disso, Guimarães ilustra a evolução de determinados tipos de construção, desde o assentamento medieval até à cidade atual, com especial enfoque no período que medeia os séculos XV a XIX.

¹ Critérios de Seleção da UNESCO usados na classificação das cidades estudadas (UNESCO, 2018):

Critério (ii) - expor um importante intercâmbio de valores humanos, durante um período de tempo ou dentro de uma área cultural do mundo, em desenvolvimentos em arquitetura ou tecnologia, artes monumentais, urbanismo ou paisagismo.

Critério (iii) - para prestar um testemunho único ou pelo menos excepcional a uma tradição cultural ou a uma civilização que está viva ou que desapareceu.

Critério (iv) - ser um excelente exemplo de um tipo de edifício, conjunto arquitetónico ou tecnológico ou paisagem que ilustre (a) estágio (s) significativo (s) na história da humanidade.

FIGURA 1. CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

2.1.2. Porto

O Porto localiza-se também no norte de Portugal, numa zona costeira, e é uma das cidades mais antigas da Europa, com dois mil anos de história.

Os prémios turísticos que tem ganho nos últimos anos, conferem a esta cidade uma atratividade ímpar e um forte reconhecimento nacional e internacional. O Porto foi eleito, pelo segundo ano consecutivo, em 2018, o Melhor Destino Europeu.

Além do património cultural, histórico e arquitetónico, o Porto tem no Douro um dos seus grandes *ex libris*.

O Centro Histórico do Porto foi classificado pela UNESCO em 1996. De acordo com a UNESCO (UNESCO, 2018) é um local com interesse militar, comercial, agrícola e demográfico. O Porto tem uma rica e variada arquitetura que expressa os valores culturais de diferentes períodos - românico, gótico, renascentista, barroco, neoclássico e moderno. Além disso, o tecido social e institucional ativo da cidade garante a sua sobrevivência como um centro histórico vivo.

Mais uma vez a integridade e autenticidade visíveis na preservação da história e património arquitetónico da cidade justificam o título de Património Mundial da Unesco. No caso do Porto foi essencialmente especificado o critério (iv) - *o Centro Histórico do Porto, a Ponte Luiz I e o Mosteiro da Serra do Pilar com o seu tecido urbano e os seus muitos edifícios históricos testemunham, de forma notável, o desenvolvimento dos últimos mil anos de uma cidade europeia que olha para o mar pelas suas ligações culturais e comerciais* (UNESCO, 2018).

FIGURA 2. CENTRO HISTÓRICO DO PORTO



Fonte: Câmara Municipal do Porto

2.1.3. Évora

Cidade museu (UNESCO, 2018) assim é designada esta cidade que se situa no sul de Portugal.

Évora foi a primeira das três cidades estudadas a receber o reconhecimento da UNESCO de Património Mundial, em 1986.

Esta cidade alentejana teve a sua idade de ouro no século XV, quando se tornou residência real, mas as suas raízes remontam à época romana. Com um rico património arquitetónico

do período medieval e estilo manuelino, entre outros, Évora influenciou fortemente a arquitetura no Brasil, além de ter permanecido quase ilesa do terramoto de 1755 (UNESCO, 2018).

Em Évora, além da monumentalidade das construções, também se destacam alguns eventos históricos significativos. Esta é também uma cidade com fortes influências intelectuais e religiosas.

A integridade e autenticidade do centro histórico de Évora contribuíram para a sua classificação que assentou, essencialmente, nestes critérios (UNESCO, 2018):

- Critério (ii) – *A paisagem urbana do Centro Histórico de Évora é um local único para compreender a influência exercida pela arquitetura portuguesa no Brasil, em locais como o Centro Histórico de Salvador da Bahia;*
- Critério (iv) - O Centro Histórico de Évora é o melhor exemplo de uma cidade da idade de ouro de Portugal, após a destruição de Lisboa pelo terramoto de 1755.

FIGURA 3. CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA



Fonte: Câmara Municipal de Évora

2.2. Método de Investigação

O método de investigação usado baseou-se na análise de conteúdo textual, uma análise qualitativa desenhada a partir da revisão de literatura sobre experiências turísticas,

turismo cultural, *storytelling* e património mundial.

No conjunto dos modelos existentes na literatura em turismo que medem e avaliam a experiência turística, optou-se por aplicar o modelo de Schmitt (1999), dada a especificidade do destino turístico em estudo que são Centros Históricos Património Mundial, também pelo facto dos restantes modelos não considerarem as dimensões mais sensorial e emocional da experiência turística e ainda porque o modelo de Schmitt permite uma análise comparativa em estudos futuros com a experiência *in loco* sentida pelos turistas aquando da visita a esses espaços.

2.2.1. Natureza do Estudo

A abordagem é textual e refere-se à informação disponibilizada em sites oficiais da internet. O tratamento de dados foi feito com base numa técnica qualitativa de análise de conteúdo. Esta técnica permite, essencialmente, através da análise temática categorial, identificar frequências de determinados conceitos e palavras em textos materiais e tratar as variáveis ou dimensões mais frequentes, e é um dos procedimentos metodológicos qualitativos mais aceites na medição de discursos (Bardin, 1977).

A este respeito, Bardin explica ainda que,

no plano metodológico, a querela entre a abordagem quantitativa e qualitativa absorve certas cabeças. Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (Bardin, 1977, p. 21).

Contudo, o mesmo autor não deixa de referir que *enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade* (Bardin, 1977, p. 9). Ou seja, é obvio que *existe atitude interpretativa na análise de conteúdo, no entanto, esta é sustida por processos técnicos de validação* (Bardin, 1977, p. 14).

A propósito da mensagem analisada foram, obviamente, considerados temas específicos relacionados com a revisão de literatura feita anteriormente, ou seja, pertinentes para os conceitos de experiência turística, turismo cultural e patrimonial e o *storytelling*.

2.2.2. A Amostra

O estudo qualitativo foi analisado através do recurso ao software Nvivo, versão 11 e surgiu a partir da análise de conteúdo de sete websites oficiais de informação turística sobre o centro histórico de Guimarães; seis sites online oficiais de informação turística sobre o centro histórico do Porto; e seis websites com informação oficial turística sobre o centro histórico de Évora.

A informação recolhida dos diferentes websites foi, posteriormente, agrupada em documentos intitulados com os nomes dos três centros históricos – Porto, Évora e Guimarães (ver anexos – Fontes) – e para cada um destes, subdividida em conteúdo geral e monumentos (que diz respeito à descrição particular de cada local com importância para o respetivo centro histórico).

Ainda a propósito da informação recolhida, de referir que se considerou a informação em português e inglês, isto porque é evidente *a hegemonia da língua inglesa na pesquisa em turismo* (Richards G. , 2018, p. 14).

2.2.3. Técnica de Análise de Dados

A propósito da análise de conteúdo, Laurence Bardin, que é considerada uma referência na área, define este método como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p.42).

Para Flick (2005), a análise do conteúdo é um procedimento metodológico para análise de matéria textual. Um dos seus aspetos essenciais é o emprego de categorias. Para Bardin (1977) esta categorização cabe na denominada exploração do material, a segunda etapa da análise de conteúdo. No caso específico deste estudo foram considerados três patamares de análise: dimensões, categorias e subcategorias.

No caso das dimensões propostas no modelo de experiência de Schmitt (1999), que conta com cinco categorias - “*act*”, “*feel*”, “*relate*”, “*sense*” e “*think*” - a categorização foi feita *a priori* – antes do estudo/leitura efetiva dos documentos analisados. Aqui, a busca foi

feita de forma totalmente direcional e apontada para os parâmetros já anteriormente pré-definidos. Contudo, e depois de uma primeira análise feita nestes termos e, considerando apenas estas categorias, sentiu-se a necessidade de aprofundar o estudo. Assim, as cinco categorias foram integradas numa dimensão maior, a experiência, à qual se juntaram mais duas dimensões, a comunicação e a informação.

Assim sendo, a análise de conteúdo realizada foi tanto de «*significados*» (*exemplo: a análise temática*), [...] como uma análise de «*significantes*» (*análise léxica*) (Bardin, 1977, p. 34), como se passará a demonstrar.

Esta abordagem por análise de conteúdo permite, através da análise temática categorial, identificar as frequências de determinados conceitos e palavras em textos materiais e tratar as variáveis ou dimensões mais frequentes (ver anexos - Resultados). Uma realidade que constitui a parte objetiva e racional da análise de conteúdo. Contudo,

é evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar. (...). A finalidade desta classificação é deduzir daí certos dados... (Bardin, 1977, p. 37).

No que respeita às restantes dimensões, categorias e sub-categorias, a categorização decorreu *a posteriori*, depois de uma leitura flutuante com o intuito de enriquecer o estudo de acordo com a informação disponibilizada nos sites online analisados e em concordância com as “respostas” pretendidas na revisão da literatura realizada (Bardin, 1977).

Na dimensão comunicação foram consideradas as categorias: discurso direto e citações, fontes e repetições.

A dimensão comunicação pretendeu responder à questão: quais os recursos linguísticos usados que podem captar a atenção do "turista"/utilizador dos sites com informação turística? Isto considerando que, em termos comunicativos importa mais aferir sobre a imagem que os sites deixam em termos de veracidade e exatidão (fontes, repetições...) e não tanto referir questões de estilo, até porque essa questão é, sobretudo, "avaliada" no nó "Experiência". Assim, e em resposta a esta dimensão, surgem as categorias discurso direto e citações que distinguem discursos na primeira pessoa ou referência direta ao interlocutor. As fontes, que constata sobre o que é dito e surgem com a função de sustentáculo do que é dito, não têm que ser necessariamente identificadas. E, por fim, as

repetições que identificam situações em que a informação é repetida *ipsis verbis* em, pelo menos, dois locais/sítios diferentes sem que haja identificação da fonte original.

Na dimensão experiência foram, então, apontadas as cinco categorias definidas por Schmitt (1999) – *act, feel, relate, sense* e *think* – e acrescentou-se, ainda, o *storytelling* e a autenticidade.

A respeito da autenticidade, uma característica de extrema importância nas classificações da UNESCO, e que, por isso foi considerada como categoria na dimensão da experiência, Marujo (2015, p. 4) refere que,

o sucesso das atrações culturais deve compartilhar características comuns, ou seja, elas devem contar uma história, tornarem a experiência participativa, serem focadas na qualidade, serem relevantes para o turista e proporcionarem uma sensação de autenticidade.

No turismo, a autenticidade desempenha, assim, um papel vital, sobretudo, no que respeita à atribuição do valor turístico (Taylor, 2001). A autenticidade pode ser avaliada em duas perspectivas: a autenticidade do objeto e a autenticidade da experiência (Kolar & Zabkar, 2010). Sendo que,

A busca de experiências autênticas é considerada uma das principais tendências no turismo. (...) É útil para a compreensão do comportamento e da motivação turística, bem como, as implicações estratégicas e táticas relativas à gestão do destino turístico (Kolar & Zabkar, 2010, p. 652).

Assim sendo, a autenticidade surge como uma importante variável de consumo, na medida em que influencia diretamente o comportamento do consumidor de turismo, mas também na forma como fornece dicas aos agentes turísticos.

Em termos da dimensão experiência foram considerados vários tipos de categorias e subcategorias subjacentes a esta, sendo que é neste nó que se tenta identificar que tipo de sentimentos, sensações, etc. são transmitidos ao "interlocutor". Neste caso, a avaliação é maioritariamente feita através do recurso a figuras de estilo.

Relativamente a esta dimensão, importa esclarecer que o *act* diz respeito à criação de experiências físicas que possam contribuir para o desenvolvimento físico do consumidor e mostrando-lhe formas alternativas de fazer algo, alternativas ao estilo de vida e interações. O *feel*, por sua vez, surge com a finalidade de transparecer e despertar no interlocutor sentimentos e emoções, como a alegria, a felicidade e o orgulho. A fim de acrescentar valor aos produtos, através do despertar dos sentidos e com o fim de criar

experiências sensoriais, surge o *sense*, que tanto recorre a todos os sentidos em simultâneo como a cada um deles em particular - o que vai distinguir as classificações enquadradas neste nó e seus subsequentes. O *think* surge como meio de apelo à inteligência dos consumidores por forma a criar uma experiência cognitiva que os envolva criativamente gerando, posteriormente, pensamento, surpresa e provocação. Por fim, a categoria *relate* contém aspetos das restantes dimensões mencionadas anteriormente. Esta é de identificação com o indivíduo, relacionando-o com o seu "eu", integração e relacionamento com o grupo como, por exemplo, com a sua identidade social e cultural. Ainda na dimensão experiência, mas com um enquadramento teórico diversificado, surge o *storytelling* ligado à forma de contar/de interagir com quem lê (neste caso), pode ser encontrado em meras suposições/especulações, lendas ou factos reais (provados). E a autenticidade que sublinha aspetos únicos e exclusivos do que é descrito. Faz referência ao que se mantém intacto e original (e/ou foi preservado de acordo com isso).

Por fim, a dimensão informação contém a análise despretensiosa dos textos em termos informativos, ou seja, que tipo de "esclarecimento" se obtém, numa primeira análise, aquando da leitura dos conteúdos disponibilizados nos sites, em matéria de referências arquitetónicas e artísticas, cultural-educativa, económicas, geográficas, históricas e turísticas.

No caso desta dimensão podemos aferir que a categoria arquitetónica e artística informa sobre o estilo das construções, à existência ou não de remodelações, etc. Inclui, ainda, informação sobre elementos decorativos de valor artístico.

O cultural-educativo é referente a informação de cariz meramente cultural ou educativo que, embora possa merecer alguma atenção e tenha importância, não se consubstancia de primordial interesse para a maioria das pessoas, está geralmente relacionado com "curiosidades".

Em termos de informação económica, considerou-se que seria tudo aquilo que esclarece ou dá indicações subtis acerca do "estilo de vida" das populações, dos tipos de poder hierárquicos e de atividades económicas desenvolvidas.

As indicações geográficas localizam espacialmente, de forma mais ou menos esclarecida, os locais de interesse.

As referências históricas consubstanciam informação relevante para a compreensão da importância dos locais analisados, tratando de referências a pessoas, datas, locais que contribuem para enquadrar os factos e justificam o interesse depositado nos conteúdos

analisados.

Por fim, a categoria turística respeita toda a informação que é diretamente e esclarecidamente direcionada para o turista, apresentando indicações precisas de carácter turístico, como por exemplo, "Ponto integrante da Rota..."

A criação destas três dimensões serviu, essencialmente, para enriquecer a análise de conteúdo e sustentar, de forma mais precisa, que tipo de conteúdo é oferecido em termos de experiência pré-turística a quem pretende visitar os Centros Históricos Património Mundial da UNESCO em Portugal continental – Évora, Porto e Guimarães.

Assim, e para a situação particular das categorias – *act*, *feel*, *relate*, *sense* e *think* – foram, ainda, tidas em consideração algumas subcategories específicas. Para a categoria *act* foram consideradas as subcategories estilo de vida e interação. Aqui, o estilo de vida diz respeito ao fazer, servindo de sugestão aos visitantes e considerando, sobretudo, as indicações dadas sobre aquilo que os locais fazem. Por sua vez, a interação desperta em quem lê para as diversas possibilidades do que pode ser feito. "Abana" o interlocutor e chama-o à atenção para aspetos da vida social/cultural, do que pode ser visto e/ou feito e/ou sentido.

O *feel* foi subdividido em alegria - sobretudo relacionado com festividades e eventos que possam transmitir este tipo de sentimento - e orgulho, fortemente revelado em descrições que denotam a satisfação do fazer, do ter, do ser detentor de determinadas capacidades e/ou de realização de determinados feitos que dignificam o local (as cidades, neste caso) e as suas gentes. Da honra de ser português, de possuir História.

O *relate* considerou as subcategories “eu com a identidade cultural” e “eu com a identidade social”, de acordo com o tipo de relacionamento que é estabelecido e por forma a diferenciar o social do cultural. Na categoria *sense* foram consideradas as subcategories audição, olfato, paladar, tato e visão. E, por fim, o pensamento – mais introspetivo, a provocação – provocatória e desafiante, e a surpresa – cativante e surpreendente integraram as subcategories do *think*.

Neste estudo, o tema foi considerado como unidade de registo, as frases como unidade de contexto e, por fim, utilizou-se a frequência de contagem como unidade de enumeração, todos os elementos com o mesmo grau de importância. Vale, no entanto, a pena ressaltar que toda a técnica de análise apresenta certas limitações (Flick, 2005). *Não é possível ter total e completa transparência* dizem-nos Altheide & Johnson (2011, p. 588), que afirmam, no entanto, que *a pesquisa qualitativa deve fornecer uma janela para uma*

leitura crítica ou, no mínimo, permitir que o leitor seja informado sobre o que está a ser lido, visto ou ouvido (2011, p. 588).

3. Apresentação e Análise de Resultados

No que respeita à análise de conteúdo, a proposta de Bardin (1977), refere que a terceira etapa deste tipo de estudos diz respeito ao tratamento dos resultados, à inferência e à interpretação.

Os resultados refletem, de forma clara (ver anexos – Resultados), o modo como os sites oficiais analisados apresentam os conteúdos que, à partida, são os responsáveis pela introdução de uma pré-experiência no turista que pretende visitar os Centros Históricos Património Mundial em Portugal Continental - Évora, Porto e Guimarães.

Numa primeira análise e considerando as dimensões, ou seja, tendo em atenção o conteúdo apenas de uma forma mais global, é possível afirmar que apenas o conteúdo relativo aos monumentos do Porto e de Évora tiveram mais incidências na dimensão informação. Guimarães (geral e monumentos), Porto geral e Évora geral apresentam sempre maior número de ocorrências na dimensão experiência (ver tabela 2). Estes dados são pertinentes no sentido em que revelam que há um cuidado na mensagem que se pretende transmitir ao potencial turista, no sentido de lhe criar a vontade da visita, havendo lugar a descrições mais técnicas – informação – apenas no que respeita aos monumentos.

TABELA 2. RELAÇÃO ENTRE FONTES E DIMENSÕES

	Fontes	Dimensões		
		Comunicação	Experiências	Informação
Guimarães	Aspetos Gerais	7	32	22
	Monumentos	6	76	68
Porto	Aspetos Gerais	5	39	23
	Monumentos	37	77	137
Évora	Aspetos Gerais	7	49	82
	Monumentos	23	78	174

Relativamente às categorias da comunicação analisadas de referir, apenas, o número de repetições existentes no Porto Monumentos. Um claro indicativo de que a mesma fonte é usada em mais do que um sítio, embora sem referências oficiais/fontes.

TABELA 3. RELAÇÃO ENTRE FONTES E CATEGORIA COMUNICAÇÃO

Fontes	Fontes	Comunicação		
		Discurso Direto e Citações	Fontes	Repetições
Guimarães	Aspetos Gerais	5	---	3
	Monumentos	6	---	---
Porto	Aspetos Gerais	5	2	---
	Monumentos	13	---	28
Évora	Aspetos Gerais	8	1	---
	Monumentos	23	---	---

O discurso direto e as citações são o recurso de comunicação mais vezes usado, mas sem expressão significativa. Contudo, de referir que é no apelo direto ao turista que este mais se manifesta. Um dos exemplos desta situação é *Deixe-se ficar mais uns dias, viva tudo isto e, quando a intuição lhe disser que é tempo de partir, aventure-se à descoberta do muito que está para além das suas muralhas e tanto contribui para lhe dar sentido* in (Alentejo, 2018), ou seja, relativo às fontes gerais de Évora.

A propósito destas categorias da comunicação Lund et al., referem que *a inclusão de histórias pessoais e experiências vividas podem criar uma conexão emocional com o consumidor* (2018, p. 278), quando estas são integradas na comunicação mix de marcas desenvolvidas através dos media sociais.

No que concerne à categoria experiências será mais conveniente analisar os resultados considerando as fontes, ou seja, os três centros históricos em análise, Porto, Évora e Guimarães.

No fundo, é a forma como cada uma das fontes transmite o conteúdo analisado que irá permitir tirar conclusões acerca da pré-experiência transmitida aos turistas e o reflexo em número de visitantes.

Assim sendo, podemos aferir que Guimarães aposta muito no *feel*. É também o centro histórico que mais referências faz à autenticidade e o *storytelling* tem, também, expressão significativa, sobretudo, na descrição de monumentos (tabela 4).

No que respeita ao Porto, destaca-se claramente o *act*, o que denota o incentivo à ação, ao fazer, agir, participar e, neste caso, resulta no convite direto à visita: *Visitar o Porto*

implica disponibilidade de tempo para percorrer o espaço público, sentir os espaços interiores, ouvir os sons e deixar o olhar aperceber-se do todo e do detalhe. O Porto convida a voltar (Portugal, Turismo de Portugal, 2018) relativo à fonte Porto Geral. O *feel* e o *sense* também têm expressão na análise de conteúdo do Porto (tabela 4) e estão, essencialmente, interligados com o orgulho nacional *O Porto é uma das raras cidades europeias que conserva, ainda, as estruturas portuárias medievais* (Portugal, Turismo de Portugal, 2018) e o apelo direto aos sentidos, o que poderá ser posteriormente comprovado através da análise das subcategorias (tabela 5).

Évora, por sua vez, recorre essencialmente ao *storytelling*, *subsiste a antiquíssima coluna de pedra que assinala o lendário episódio de açoitemento de S. Manços, pelo pretor romano Valídio* (Évora, 2018) relativo à fonte Évora Monumentos e ao *act, conhecer, descobrir e, seguramente, desejar voltar* (Évora, 2018) para se promover online. O *feel* tem também alguma expressão e é, sobretudo, esta cidade a que mais referências encontra no *think*, *vestígios romanos de extraordinária beleza que são testemunho do passado* (Seco, 2018) e no *relate*, *só a paisagem urbana de Évora permite compreender, hoje em dia, a influência exercida pela arquitetura portuguesa no Brasil e em sítios como Salvador da Bahia* (Évora, 2018) (ver tabela 4).

TABELA 4. RELAÇÃO ENTRE FONTES E CATEGORIA EXPERIÊNCIA

Fontes	Experiências							
	Act	Autenticidade	Feel	Relate	Sense	Storytelling	Think	
Guimarães	Aspetos Gerais	8	11	16	15	4	---	5
	Monumentos	16	7	43	4	1	21	6
Porto	Aspetos Gerais	20	2	11	8	9	5	2
	Monumentos	25	10	20	10	22	15	1
Évora	Aspetos Gerais	15	10	17	14	8	1	2
	Monumentos	39	3	19	11	11	27	12

A informação, a mais objetiva das dimensões analisadas é, claramente, a que encontra maior número de referências e aqui os números são bastante expressivos. As referências arquitetónicas e artísticas, *esta torre, com 15 metros de altura, é visível das Escadas do Caminho Novo e é uma preciosa relíquia da muralha do século XIV* (Porto, 2018), históricas *Portugal nasceu no norte. Foi na região Porto e Norte que os portugueses começaram enquanto povo e nação. Aqui aprendemos o valor da diferença, mas também a complementaridade das culturas* (Portugal, Visitportugal, 2018) e geográficas, o *Porto,*

a capital da região, tem uma localização privilegiada enquanto cidade atlântica sobre a contida foz de um imenso rio ibérico: o Douro (Portugal, Visitportugal, 2018) são, pela ordem indicada, as mais recorrentes e é nas descrições do Porto - Monumentos que encontram a sua maior expressão.

Com estes resultados é facilmente perceptível que é nos conteúdos analisados respeitante aos monumentos que a dimensão informação tem maior expressão. De salientar, ainda, que dos sítios analisados, Guimarães é a cidade que menos informação turística presta aos visitantes (ver tabela 5).

TABELA 5. RELAÇÃO ENTRE FONTES E CATEGORIA INFORMAÇÃO

Fontes		Informação					
		Arquitetónica e Artística	Cultural e Educativa	Económica	Geográfica	Histórica	Turística
Guimarães	Aspetos Gerais	33	11	5	12	20	6
	Monumentos	66	27	9	47	65	19
Porto	Aspetos Gerais	37	7	7	27	15	23
	Monumentos	197	66	33	133	140	53
Évora	Aspetos Gerais	62	19	19	15	43	25
	Monumentos	101	41	21	41	91	28

A partir da análise de resultados da tabela 4, onde se identificam as categorias da dimensão experiência e, por forma, a compreender melhor a estratégia de comunicação usada pelos websites dos três centros históricos e a forma como se posicionam face ao turista que os consulta numa fase de pré-experiência, surge a tabela 6 com as subcategorias da dimensão experiência.

Nesta tabela, é possível compreender, de acordo com o que já foi mencionado anteriormente que, a aposta de Guimarães no *feel* diz respeito, essencialmente, ao sentimento de orgulho, *perante os factos descritos, não admira que Guimarães seja considerada pelos portugueses como o berço da nacionalidade! Cidade única e especial* (Guimarães, 2017).

Em relação ao Porto, é na interação com o visitante do website que o *act* encontra a sua máxima expressão, *depois de se ver do rio a silhueta do casario e das torres das igrejas, espera-nos o interior dourado da Igreja de S. Francisco* (Portugal, Visitportugal, 2018). Embora, no caso do Porto Monumentos, também sejam dadas bastantes referências relativas ao estilo de vida *servir como espaço de animação cultural, onde está presentemente instalado o Hard Club* (Porto, 2018).

Sobre esta categoria é importante referir a visão de Maitland (2010, p. 4) que diz *história e património são revistos e representados [ao mesmo tempo que] as culturas urbanas e os entretenimentos são promovidos*.

O orgulho volta a ter nesta cidade um papel de destaque e o *sense* foca-se, sobretudo, no sentido da visão. No entanto, é nesta cidade que esta categoria encontra o seu expoente máximo, incluindo, ainda, um número significativo de referências ao paladar, *chocolate com Vinho do Porto é uma das combinações irresistíveis* (Porto, 2018) (tabela 6). Ainda relativo à forma como o Porto se posiciona em termos de apelo ao visitante é importante destacar que o Porto Monumentos encontra na subcategoria eu com a identidade cultural, da categoria *relate* uma boa forma de envolver o visitante na pré-experiência turística.

Évora, que recorre essencialmente ao *storytelling* e ao *act* para se promover online, tem na interação com o visitante a sua principal estratégia e, em termos de ocorrências, demarca-se claramente dos restantes centros históricos. O estilo de vida também é bastante focado em Évora. O *feel* tem, mais uma vez, expressão aqui através do orgulho. E, nesta cidade destaca-se a subcategoria provocação (categoria *think*), *Rainha do largo onde está situada, o seu sereno exterior convida-nos a entrar e apenas estar* (Seco, 2018), como forma de envolvimento do turista na pré-experiência, algo novo face aos restantes centros históricos do Porto e de Guimarães (ver tabela 6).

TABELA 6. RELAÇÃO ENTRE FONTES E SUBCATEGORIAS

Fontes		Act		Feel		Relate		Sense				Think			
		Estilo de Vida	Interação	Alegria	Orgulho	Identidade cultural	Identidade social	Audição	Olfato	Paladar	Tato	Visão	Pensamento	Provocação	Surpresa
Guimarães	Aspetos Gerais	1	5	---	15	1	1	---	---	---	---	1	---	3	2
	Monumentos	3	13	---	42	4	---	---	---	1	---	---	---	3	3
Porto	Aspetos Gerais	3	8	---	8	---	---	1	---	1	---	4	1	1	---
	Monumentos	13	14	1	16	8	1	2	---	6	---	10	---	1	---
Évora	Aspetos Gerais	1	7	---	17	---	---	---	---	1	---	1	1	1	---
	Monumentos	10	30	2	16	3	2	---	---	2	---	4	---	11	1

Conclusões

As histórias conectam as pessoas e acrescentam valor aos destinos, esta é a real constatação de todo este estudo.

No caso dos destinos estudados, os Centros Históricos Património Mundial em Portugal Continental – Guimarães, Porto e Évora – é claramente perceptível tudo aquilo que a revisão de literatura infere a respeito da temática. É verdade que o *storytelling* ajuda a promover o Património cultural e histórico, conferindo-lhe uma “nova vida” e trazendo para o presente as memórias e tradições do passado.

É certo que os marketeers se socorrem do *storytelling* para captar a atenção dos turistas, não só durante a viagem – durante a experiência turística, socorrendo-se de guias turísticos ou outros suportes digitais ou livros - mas também na pré-experiência. E esta realidade é comprovada pelo discurso utilizado, pela criatividade aplicada, pelos recursos empregues em sites oficiais da internet que serão, muitas vezes, usados na preparação de uma qualquer viagem turística.

Isso mesmo diz Bosangit et al., (2015, p. 12)

Nossas descobertas sobre as dimensões das experiências que são selecionadas para contar histórias, e as maneiras pelas quais as histórias são contadas, contribuem com conhecimentos práticos que ajudarão os marketeer a criar e dramatizar experiências como eventos narrativos.

Na era digital em que se vive, as escolhas são cada vez mais determinadas pelos media sociais, através das histórias que todos fazem questão de partilhar. Dessa interação resultam experiências compartilhadas, que determinam escolhas, mesmo entre pessoas desconhecidas. No caso deste estudo específico optou-se por privilegiar a recolha de informação textual dos sites oficiais na internet dos três centros históricos estudados. No entanto, esta que é uma limitação do estudo, pretende ser, sobretudo, um ponto de partida para uma análise mais aprofundada da temática do *storytelling* aplicada ao turismo.

Uma opinião partilhada por Richards (2018, p. 12),

No futuro, muito mais esforço deve ser aplicado ao estudo das práticas de turismo cultural, que formam um sistema que inclui os materiais que fornecem a base da prática do turismo cultural (por exemplo, património tangível e intangível, cultura contemporânea e criatividade), os significados

que as pessoas atribuem à prática (por exemplo, aprendizagem, identidade e narrativa) e as competências que são desenvolvidas através da prática (por exemplo, maneiras de 'fazer' turismo cultural, ler e interpretar o património cultural).

A este respeito e em conformidade com a descrição de autenticidade mencionada neste trabalho pela sua importância em termos da preservação do legado patrimonial dos lugares históricos, de referir aqui que esta autenticidade é procurada também pelos turistas aquando da preparação das suas visitas turísticas e facilmente perceptível na importância que conferem à opinião de outros visitantes/turistas. Daí os resultados indicarem de forma irrepreensível que os websites são importantes *storytellers*.

Mais, sendo os recursos patrimoniais fatores importantes de atração para os turistas (Su et al., 2018), as informações sobre o Património Mundial promovidas online são um dos aspetos mais importantes do marketing e da comunicação destes destinos.

Daí a primeira escolha para análise do *storytelling* ter recaído sobre os sites oficiais, daí o estudo abordar a pré-experiência numa primeira instância.

Começar pelo princípio foi o que se pretendeu com este trabalho que, embora tenha algumas limitações, abre vários caminhos para investigações futuras.

No que respeita aos resultados pode aferir-se que, partindo do pressuposto de que a narrativa em turismo é um fator importante no processo de contemplar, experienciar, lembrar e divulgar as viagens e as experiências turísticas (Tivers & Raki'c, 2012), o conteúdo disponibilizado nos sites oficiais de turismo dos centros históricos de Guimarães, Porto e Évora reflete o cuidado de criar empatia com o visitante online. Isto é justificado pelo facto de ter, nos conteúdos mais generalizados, uma maior incidência na dimensão experiência do que na informação. Em termos de comunicação, é possível verificar que há um número significativo de apelos diretos ao turista, convidando-os sobretudo a agir e a sentir, ou seja, a experienciar. No que concerne aos conteúdos relativos aos monumentos, a dimensão informação apresenta claramente maior número de incidências, o que não deixa de ser interessante, uma vez que, a informação juntamente com a autenticidade, também aqui muito presente, contribuem para a memorização mais rápida e profunda da informação e consequente vinculação ao lugar e aos seus pontos de interesse mais relevantes (Overend, 2012). Choi (2016) vai mais longe ao afirmar que o *storytelling* deve envolver informação [cultural, histórica, educacional] para aumentar a consciencialização sobre a cultural social e sobre a história dos destino.

Desta forma, a partir dos resultados apresentados é possível perceber que há material disponível para aprofundar o estudo desta temática numa perspetiva de relevância científica, mas é especialmente possível reter informações importantes para ajudar os gestores de destinos culturais em Portugal a definir melhores estratégias de marketing para atrair turistas. Finalmente, os resultados deste estudo poderão ajudar os responsáveis e gestores de centros históricos portugueses que pretendem a classificação da UNESCO, nomeadamente Santarém, Baixa Pombalina e Viseu.

No que respeita à metodologia, a grande vantagem da utilização de metodologias não estruturadas e de técnicas qualitativas como as utilizadas no presente estudo, é a possibilidade de permitirem respostas “livres” e, por isso, de incluírem componentes holísticos e únicos do destino que podem ser relevantes numa análise mais aprofundada (Govers & Go, 2003; Govers, Go & Kuman, 2007). No entanto, este tipo de metodologia pode ser limitativa quando se pretendem fazer estudos comparativos (Stepchenkova & Li, 2014) e nesse sentido considera-se que a utilização de técnicas exclusivamente qualitativas pode constituir uma limitação do presente estudo, sugerindo para futuro a complementaridade com técnicas quantitativas.

Assim sendo, as futuras linhas de investigação propostas apresentam-se em contraponto com as limitações do estudo que, como já foi referido, se prendem com o facto de terem sido considerados apenas Centros Históricos Património Mundial em Portugal continental e respetivos websites oficiais em língua portuguesa (embora tenham surgido algumas referências em língua inglesa) e, com o facto de, eventualmente, não terem sido consideradas todas as dimensões/aspectos do *storytelling* e da experiência em termos de análise textual. Uma limitação relevante deste estudo é também o facto de se centrar na pré-experiência turística. Desta forma, seria de maior interesse fazer o estudo da experiência em conformidade com os resultados apresentados neste trabalho, para que pudessem aferir conclusões mais precisas, após a confrontação de resultados e, assim, clarificar o tema de forma mais esclarecida e contundente. Mais, poderia ser interessante em pesquisas futuras perceber, durante a experiência turística, quais são realmente as plataformas digitais mais utilizadas pelos turistas aquando da preparação da viagem e, eventualmente, fazer incidir o estudo da pré-experiência em blogues de viagens ou outras plataformas de media social (através da análise de histórias relatadas pelos próprios turistas) ou mesmo informações noticiosas sobre os destinos e/ou que envolvam os destinos e cruzar essa informação com os resultados deste estudo. Um outro desafio futuro será

contrapor este tipo de experiências promovidas pelos sites oficiais com aquelas sentidas e descritas pelos turistas durante a visita aos próprios destinos.

Bibliografia

- Agapito, D., Valle, P., & Mendes, J. (2014). The sensory dimension of tourist experiences: capturing meaningful sensory - informed themes in Southwest Portugal. *Tourism Management, 42* (2014), 224-237.
- Alentejo, T. d. (27 de fevereiro de 2018). *Alentejo tempo para ser feliz*. Fonte: Alentejo tempo para ser feliz: <http://www.visitalentejo.pt>
- Altheide, D. L., & Johnson, J. M. (2011). Reflections on interpretive adequacy in qualitative research. Em N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln, *The SAGE handbook of qualitative research* (pp. 581-594). Thousand Oaks: SAGE.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, J., Rubio, N., & Martínez, S. (2019). The online destination brand experience: Development of sensorial-cognitive-conative model. *International Journal of Tourism Research, 21*, 245-258.
- Bettman, J., Payne, J., & Staelin, R. (1986). Cognitive Considerations in Designing Effective Labels for Presenting Risk Information. *Journal of Public Policy & Marketing, 5*, 1-28.
- Bosangit, C., Hibbert, S., & McCabe, S. (2015). If I was going to die I should at least be having fun": Travel blogs, meaning and tourist experience. *Annals of Tourism Research, 55*, 1-14.
- Brakus, J., Schmitt, B., & Zarantonello, L. (2009). Brand experience: What is it? How is it measured? Does it affect loyalty? *Journal of Marketing, 73*, 52-68.
- Bryon, J. (2012). Tour Guides as Storytellers - From Selling to Sharing. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism, 12*(1), 27-43.
- Cardoso, G. (2009). Da Comunicação de Massa para a Comunicação em Rede. Em F. R. Cádima, L. L. Cardoso, & G. Cardoso, *Média, Redes e Comunicação* (pp. 12-48). Quimera.
- Chen, J. (1997). The tourists' cognitive decision making model. *Revue de Tourisme, 4*, 4-9.
- Choi, S. S. (2016). A Study on Effect of Tourism Storytelling of Tourism Destination Brand Value and Tourist Behavioral Intentions. *Indian Journal of Science and Technology, 9*(46), 1-6.
- Chronis, A. (2012). Between Place and Story: Gettysburg as Tourism Imaginary. *Annals of Tourism Research, 39*(4), 1797-1816.
- Curado, H. d. (1996). Cultural Tourism in Portugal. Em G. Richards, *Cultural Tourism in Europe* (pp. 181-194). Wallingford: ATLAS.
- Drost, A. (1996). Developing Sustainable Tourism for World Heritage Sites. *Annals of Tourism Research, 23* (2), 479-492.
- Edensor, T. (2001). Performing tourism, staging tourism. *Tourist Studies, 1* (1), 59-81.
- Etemad-Sajadi, R. (2016). The impact of online real-time interactivity on patronage intention: the use of avatars. *Computer in Human Behavior, 61*, 227-232.
- Évora, C. M. (9 de março de 2018). *Câmara Municipal de Évora* . Fonte: Câmara Municipal de Évora: <http://conteudos.evora.net/turismo/pt-pt/>
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

- Frias, C., Silva, C., & Seabra, C. (2017). Storytelling: motivações, autenticidade e envolvimento dos turistas culturais. *Turismo & Desenvolvimento*, 27/28, 1355-1366.
- Gabbott, M., & Hogg, G. (1994). Consumer behaviour and services: A review. *Journal of Marketing Management*, 10, 311-324.
- Gilmore, J., & Pine, B. (2002). Differentiating hospitality operations via experiences: Why selling services is not enough. *Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly*, 43(3), 87-96.
- Grefen, D., & Straub, D. (2004). Consumer trust in B2Ce-commerce and the importance of social presence: experiments in e-products and e-services. *Omega*, 32(6), 407-424.
- Guimarães, C. M. (23 de 05 de 2017). <https://www.guimaraesturismo.com/>. Fonte: Guimarães Turismo - Património Mundial da Humanidade: <https://www.guimaraesturismo.com/>
- Healy, M., Beverland, M., Oppewal, H., & Sands, S. (2007). Understanding retail experiences: The case for ethnography. *Internacioanl Journal of Market Research*, 751-778.
- Hoch, S., & Ha, Y. (1986). Consumer learning: Advertising and the ambiguity of product experience. *Journal of Consumer Research*, 13, 221-233.
- Holbrook, M., & Hirschman, E. (1982). The experiential aspects of consumption: Consumer fantasies, feelings, and fun. *Journal of Consumer Research*, 9(2), 132-140.
- Isaac, R. (2008). *Understanding the behavior of cultural tourists: towards a clasifiction of Dutch cultural tourists*. Breda, Netherlands: NHTV International Higher Education Breda. Fonte: <http://www.tram-research.com/atlas/Rami%20Issac%20PhD.pdf>
- Kempf, D., & Smith, R. (1998). Consumer processing of product trial and the influence of prior advertising: a structural modeling approach. *Journal of Marketing Research*, 35, 325-338.
- Kerr, T. (2016). Who Speaks Land Stories? Inexpert Voicing of Place. *Limina, A Journal of Historical and Cultural Studies*, 12, 40-51.
- Kim, J.-H. (2010). Determining the Factors Affecting the Memorable Nature of Travel Experiences. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 27 (8), 780-796.
- Kolar, T., & Zabkar, V. (2010). A consumer-based model of authenticity: An oxymoron or the foundation. *Tourism Management* 31, 652–664.
- Lee, S., & Jeong, M. (2014). Enhancing online brand experiences: An application of congruity theory. *International Journal of Hospitality Management*, 40, 49-58.
- Lee, W., & Gretzel, U. (2012). Designing persuasive destination websites: a mental imagery processing perspective. *Tourism Management*, 33(5), 1270-1280.
- Lee, W., Gretzel, U., & Law, R. (2010). Quasi-trial experiences through sensory information on destination websites. *Journal of Travel Research*, 49(3), 310-322.
- Lee, Y.-s., & Shin, W.-j. (8 de Janeiro de 2014). Marketing tradition-bound products through storytelling: a case study of a Japanese sake brewery. *Service Business*, 9, 281–295.
- Loureiro, S. C. (2014). The role of the rural tourism experience economy in place attachment and behavioral intentions. *International Journal of Hospitality Management*, 40, 1-9.
- Luna-Nevarez, C., & Hyman, M. (2012). Common practices in destination website design. *Journal of Destination Marketing & Management*, 1((1/2)), 94-106.

- Lund, N. F., Cohen, S., & Scarles, C. (2018). The power of social media storytelling in destination branding. *Journal of destination Marketing and Management*, 8, 271-280.
- Maitland, R. (2010). Everyday Life as a Creative Experience in Cities. *Internacional Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, 4, 176-185.
- Marujo, N. (junho de 2015). *O Estudo Académico do Turismo Cultural*. Fonte: <https://dspace.uevora.pt>.
- McKercher, B., & Cros, H. (2002). *Cultural Tourism: the partnership between*. New York, London, Oxford: THHP.
- McLellan, H. (2006). Digital Storytelling in Higher Education. *Journal of Computing in Higher Education*, 19 (1), 65-79.
- Mehmetoglu, M., & Engen, M. (2011). Pine and Gilmore's concept of experience economy and its dimensions: an empirical examination in tourism. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 12(4), 237-255.
- Ministério da Economia e do Emprego. (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo - Horizonte 2013-2015*. Lisboa: Turismo de Portugal.
- Monarth, H. (11 de Março de 2014). *The Irresistible Power of Storytelling as a Strategic Business Tool*. Fonte: Harvard Business Review: https://hbr.org/2014/03/the-irresistible-power-of-storytelling-as-a-strategic-business-tool&ab=Article-Links-End_of_Page_Recirculation
- Mora, P., & Livat, F. (Junho de 2013). Does storytelling add value to fine Bordeaux wines? *Wine Economics and Policy*, 2(1), 3-10.
- Moscardo, G. (2009). Understanding tourist experience through Mindfulness Theory. Em K. Metin, A. Decrop, & (eds.), *Handbook of Tourist Behaviour: Theory and Practice* (pp. 99-115). New York: Routledge.
- Moscardo, G. (2010). The Shaping of Tourist Experience: the importance of stories and themes. Em M. Morgan, P. Lugosi, & J. Ritchie, *The Tourism and leisure experience: consumer and management perspectives* (pp. 3-26). Buffalo, NY: Channel View Publications.
- Mossberg, L. (2008). Extraordinary Experiences through Storytelling. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 8, 195-210.
- Oh, H., Fiore, A., & Jeoung, M. (2007). Measuring experience economy concepts: Tourism applications. *Journal of Travel Research*, 46(2), 119-132.
- Pera, R., Viglia, G., & Furlan, R. (2016). Who Am I? How Compelling Self-Storytelling Builds Digital Personal Reputation. *Journal of Interactive Marketing*, 35, 44-55.
- Pine, B., & Gilmore, J. (1999). *The Experience Economy*. Boston: Harvard Business School Press.
- Porto, T. d. (18 de março de 2018). *Visitporto*. Fonte: Visitporto: <http://www.visitporto.travel>
- Portugal, T. d. (2 de março de 2018). *Turismo de Portugal*. Fonte: Turismo de Portugal: <http://www.turismodeportugal.pt>
- Portugal, T. d. (20 de fevereiro de 2018). *Visitportugal*. Fonte: Visitportugal: <https://www.visitportugal.com/pt-pt>
- Professional Tour Guide Association of San Antonio*. (11 de junho de 2016). Fonte: Professional Tour Guide Association of San Antonio: <http://www.sanantoniotourguide.com/>

- Quadri-Felitti, D. L., & Fiore, A. M. (2013). Destination loyalty: Effects of wine tourists' experiences, memories, and satisfaction on intentions. *Tourism and Hospitality Research*, 13(1), 47-62.
- Richards, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford, UK: ATLAS.
- Richards, G. (2001). *Cultural attractions and European tourism*. Wallingford: CAB International.
- Richards, G. (2009). Turismo Cultural: Padrões e implicações. *Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências*, 25-48.
- Richards, G. (2012). An overview of food and tourism trends and policies. Em F. a. Experience, *The OECD-Korea Workshop* (pp. 13-46). OECD Studies on Tourism: OECD Publishing.
- Richards, G. (2018). Cultural Tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12-21.
- Riffe, D., Lacy, S., & Fico, F. (1998). *Analyzing Media Messages: Using Quantitative Content Analysis in Research*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rosenfeld, R. (2008). Cultural and Heritage Tourism. *Research Gate*, 1-14.
- Schmitt, B. H. (1999). *Experiential Marketing: How to Get Customers to Sense, Feel, Think, Act, Relate to Your Company and Brands*. New York: Free Press.
- Seabra, C., Abrantes, J. L., & Kastenzholz, E. (2014). The influence of terrorism risk perception on purchase involvement and safety concern of international travellers. *Journal of Marketing Management*, 30, 874-903.
- Seco, L. (15 de março de 2018). *Visitevora*. Fonte: Visitevora: <http://www.visitevora.net/>
- Stromer-Galley, J. (2004). Interactivity-as-product and interactivity-as-process. *Information Society*, 20(5), 391-394.
- Su, R., Bramwell, B., & Whalley, P. A. (2018). Cultural Political Economy and Urban Heritage Tourism. *Annals of Tourism Research*, 68, 30-40.
- Taylor, J. P. (2001). AUTHENTICITY AND SINCERITY IN TOURISM. *Annals of Tourism Research*, 28 No.(1), 7-26.
- Timothy, D. J. (2011). *Heritage and Tourism - An Introduction*. Bristol: Channel View Publications.
- Tivers, J., & Raki'c, I. (2012). *Introducing the narratives of travel and tourism*. England.
- Tung, V. W., & Ritchie, J. B. (2011). Exploring the Essence of Memorable Tourism Experiences. *Annals of Tourism Research*, 38, 1367-1386.
- UNESCO. (11 de 05 de 2018). Fonte: UNESCO: <https://en.unesco.org/>
- UNWTO, T. (2015). *Tourism Highlights*. Madrid: UNWTO - World Tourism Organization.
- Yavuz, M. C., Sumbul, M., Ergec, N. E., & Derdiyok, C. I. (2016). Storytelling in destination brand communication: A qualitative analysis. *Internacional Interdisciplinary Business-Economics Advancement Journal*, 1(2), 63-72.
- Zhang, H., Fu, X., Cai, L., & Lu, L. (2014). Destination image and tourist loyalty: a meta-analysis. *Tourism Management*, 40(1), 213-223.
- Zhang, H., Gordon, S., Buhalis, D., & Ding, X. (2018). Experience value cocreation on destination online platforms. *Journal of Travel Research*, 57(8), 1093-1107.

Zhang, H., Xu, F., Lu, L., & Lei, Y. (2015). Cultural capital and destination image of metropolitans: a comparative study of New York and Tokyo official tourism websites in chinese. *Journal of China Tourism Research*, 11(2), 1-29.

ANEXO I

FONTES (Conteúdo Analisado)

Nome: Internas\\Guimarães - Promotores Oficiais - Geral

Criado em: 07/06/2017 10:36:51

Criado por: CF

Modificado em: 02/03/2018 15:53:26

Modificado por: C

Tamanho: 9 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Guimarães:

- <http://www.guimaraesturismo.com/>

“Este Bem único que a UNESCO classificou em 13 de Dezembro de 2001 é o investimento mais reprodutivo e duradouro na cidade. O mais rentável para a cidade é o que de único ela tem, e o Mundo reconhece.”

- http://www.guimaraesturismo.com/uploads/document/file/2029/GUIA_DA_CIDADE_v.2015.pdf

“Perante os factos descritos, não admira que Guimarães seja considerada pelos portugueses como o berço da nacionalidade! Cidade única e especial, Guimarães distingue-se pelo seu património exemplarmente recuperado, pela sua dinâmica cultural e pelo sentimento de pertença da sua população residente. Se a recuperação e regeneração patrimonial levada a cabo leva a UNESCO, em 2001, a reconhecer o Centro Histórico de Guimarães como Património Cultural da Humanidade, a valorização da cultura como fator de desenvolvimento, por seu lado, fomenta a criação de uma rede de equipamentos culturais que colocam Guimarães em lugar de destaque na área das artes e dos espetáculos, nacional e internacionalmente. Capital Europeia da Cultura em 2012 e Cidade Europeia do Desporto em 2013, Guimarães apresenta-se hoje como um território aberto ao mundo e à contemporaneidade, com uma intensa tradição de diálogo e prática culturais. Atravessar as praças, e calcorrear as ruas e vielas da cidade, é poder sentir a experiência única do sentir vimaranense. Bem-vindos!”

- <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/921>

Centro Histórico de Guimarães – Património Mundial (2001)

“Guimarães é uma cidade com um glorioso passado histórico, cuja história está associada à fundação da identidade nacional portuguesa e à língua portuguesa no séc. XII.

O Centro Histórico de Guimarães constitui um vestígio único de um tipo particular de concepção de cidade, que teve a sua própria evolução, devido à morfologia do seu tecido urbano medieval, que conforma uma sucessão de praças de grande valor formal e qualidade ambiental bem como, de um tipo particular de construção, tipologicamente diversificado, mas

com uma grande unidade formal no seu conjunto, integralmente erguido com as técnicas construtivas tradicionais, e designados por taipa de rodízio e taipa de fasquio.

Este Bem único que a UNESCO classificou em 13 de Dezembro de 2001 é o investimento mais reprodutivo e duradouro na cidade. O mais rentável para a cidade é o que de único ela tem, e o Mundo reconhece.

O Comité da UNESCO inscreveu o Centro Histórico de Guimarães na Lista de Bens Património Mundial, baseado nos seguintes critérios:

Guimarães é de um considerável significado universal, na medida em que aqui se desenvolveram técnicas especializadas de construção de edifícios durante a Idade Média que depois foram exportadas para as colónias portuguesas, na África e no Novo Mundo, transformando-se, mesmo, em características essenciais. A história de Guimarães está intimamente associada com o estabelecimento da identidade nacional portuguesa e da língua portuguesa no século XII.

Guimarães, uma cidade excepcionalmente bem preservada, reflecte a evolução de alguns edifícios particulares desde os tempos medievais até ao presente, com particular incidência entre os séculos XV e XIX.”

- <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-de-guimaraes>

CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES

“Nesta terra teria nascido em 1109, segundo a lenda, o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, numa altura em que Guimarães era um pequeno aglomerado urbano medieval protegido por um castelo de pedra e madeira.

O aglomerado urbano intramuros foi-se bipolarizando durante toda a Idade Média, para se estabilizar e homogeneizar no século XVIII. E não pode haver melhor forma de apreciar uma cidade antiga senão entendê-la como um "conjunto" sedimentado no tempo. De facto, mais do que de monumentalidade, em Guimarães pode falar-se de uma "atmosfera" criada pela rudeza sombria do granito, contrastando com as cores vivas dos rebocos.

Essa atmosfera é marcada por monumentos emblemáticos para a história de Portugal – ao ponto de Guimarães se ter tornado num dos maiores "lugares de memória" nacionais – como sejam o Castelo (século XII-XIII) e o Paço dos Duques de Bragança (século XV).

No século XXI, Guimarães ganhou dimensão e acrescentou novos espaços e equipamentos culturais, apresenta uma agenda cultural forte e contemporânea e propõe aos habitantes e visitantes experiências únicas e surpreendentes.

Guimarães combina de forma harmoniosa e única a memória e a tradição com a abertura ao outro, o cosmopolitismo e a contemporaneidade.”

- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/centro-historico-de-guimaraes/>

Centro Histórico de Guimarães

“O Centro Histórico da cidade de Guimarães encerra nas suas ecléticas edificações parte significativa da história do território português. Desde as habitações “terreiras”- casas simples de um só piso, às habitações de um e dois sobrados, das nobres “casas-torre” ao imponente Paço Ducal, a cidade guarda um conjunto arquitectónico de ímpar valor patrimonial datado dos séculos XIII, XIV e XV.

Pelo século XVI regista-se a criação de novas tipologias habitacionais no aglomerado urbano, caracterizadas pela singularidade formal e decorativa das fachadas, pela qualidade das cantarias e pela ostentação de pedras de armas. No século XVII, a par da crescente diversidade de tipologias construtivas, surge a uniformização de volumetria e altura dos edifícios, a supressão de cornijas e assentamento directo de coberturas sobre o topo das fachadas, criando um singular e característico efeito de avanço de beirais sobre o traçado dos arruamentos.

Excepcionalmente preservado, através de um trabalho continuado de boa gestão urbanística, o centro Histórico de Guimarães ascendeu à categoria de Património Mundial em 2001.”

- <http://whc.unesco.org/en/list/1031>

Historic Centre of Guimarães

“The historic town of Guimarães is associated with the emergence of the Portuguese national identity in the 12th century. An exceptionally well-preserved and authentic example of the evolution of a medieval settlement into a modern town, its rich building typology exemplifies the specific development of Portuguese architecture from the 15th to 19th century through the consistent use of traditional building materials and techniques.”

Justification for Inscription:

“Criterion (ii): Guimarães is of considerable universal significance by virtue of the fact that specialized building techniques developed there in the Middle Ages were transmitted to Portuguese colonies in Africa and the New World, becoming their characteristic feature.

Criterion (iii): The early history of Guimarães is closely associated with the establishment of Portuguese national identity and the Portuguese language in the 12th century.

Criterion (iv): An exceptionally well preserved town, Guimarães illustrates the evolution of particular building types from the medieval settlement to the present-day city, and particularly in the 15th–19th centuries.”

- <http://www.turismodeportugal.pt>
- http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao1/Documents/BrochuraRTPM_NortePortugal.pdf

“Guimarães, cidade no interior, na bacia do rio Ave, localiza-se a 45 minutos de automóvel a partir do Porto. Também ela é granítica. Chamou a si a designação de berço da nacionalidade e é, com carinho, que os vimaranenses perpetuam esse desígnio. Em Guimarães, sente-se o cunho de burgo medieval, centro de artes e ofícios que ainda hoje se manifestam. Guimarães

ilustra a evolução de determinadas tipologias arquitetónicas, desde a época medieval até aos nossos dias, com particular destaque para o período compreendido entre os séculos XV e XIX. A cidade alta construiu-se em torno do castelo ao qual se encostou o Paço, residência ducal, real e presidencial. A cidade baixa formou-se a partir de Santa Maria da Oliveira, rua após rua, largo após largo, contidos pelas casas, dentro da muralha. Guimarães vive deste diálogo entre a cidade alta e a cidade baixa. Guimarães é afável. Guimarães convida a ficar e a visitar os seus arredores.”

“Centro Histórico de Guimarães. O Centro Histórico convida-nos a explorar os seus dois núcleos geradores, a vila e o castelo, apenas formalmente unificados no final do século XIV.”
(...)

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>
- <https://www.visitportugal.com/pt-pt/node/73742>

“Guimarães é considerada a cidade berço de Portugal porque aqui nasceu Afonso Henriques que viria a ser o primeiro rei de Portugal.

Associado à formação e identidade de Portugal, o centro histórico de Guimarães, na zona que ficava dentro de muralhas, foi classificado Património Mundial pela Unesco com base nos valores de originalidade e autenticidade com que foi recuperado. A cidade ainda hoje possui um conjunto patrimonial harmonioso e preservado que se mostra em graciosas varandas de ferro, balcões e alpendres de granito, casas senhoriais, arcos que ligam ruas estreitas, lajes do chão alisadas pelo tempo, torres e claustros. Por momentos imaginamo-nos num cenário medieval, onde a nobreza foi construindo as suas moradias como a casa Mota Prego, o Palácio de Vila Flor, do Toural e tantos outros que dão a Guimarães uma atmosfera única.

Podemos começar pelo coração da cidade baixa, o largo da Oliveira, onde se ergue o Padrão do Salado e a Igreja e Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, que alberga o valioso Museu Alberto Sampaio. Passando os Paços Municipais, coroados de ameias, a Praça de Santiago acolhia os peregrinos que na Idade Média se dirigiam a Compostela, tal como hoje acolhe os residentes e turistas nos seus restaurantes e esplanadas. Na Rua de Santa Maria, que faz a ligação à cidade alta, ficam o Convento de Santa Clara, a Casa do Arco e outras casas nobres.

Subimos por esta rua, ou pela Av. Alberto Sampaio, marginada por restos da antiga muralha que continua na cidade alta, entre o Paço dos Duques de Bragança e o castelo. Até chegarmos ao alto do castelo encontraremos o referido Paço, monumento do séc. XV onde é possível observar a influência da arquitetura senhorial francesa, o Monumento a D. Afonso Henriques, a românica Capela de S. Miguel e, finalmente, o Castelo, que remonta ao séc. X e está intimamente ligado à fundação de Portugal.

Mas falta conhecer outra centralidade de Guimarães, pelo que voltamos a descer até ao Largo do Toural, com o seu chafariz quincentista. A Rua D. João I, que na Idade Média era a via de acesso ao Porto, ostenta casas antigas com balaustradas em madeira e fachadas seiscentistas. Contornando a Igreja do Convento de S. Domingos, já na Rua de Paio Galvão vamos encontrar

o edifício neo-românico do Museu Arqueológico Martins Sarmiento, que se estende para o claustro do Convento. Pouco mais à frente fica o edifício do antigo mercado municipal, onde funciona hoje a Plataforma das Artes e o Centro de Artes Internacional José de Guimarães, com uma retrospectiva da obra deste conceituado artista, natural da cidade.

Um pouco mais longe do centro vale a pena visitar o Palácio e Centro Cultural Vila Flor e os seus jardins suspensos com Casas de Fresco e decorações rocaille. Referência ainda para a Igreja barroca de Nossa Senhora da Conceição e dos Santos Passos no extremo do Largo da República do Brasil.

Para outra visão da cidade podemos subir de teleférico ao Monte da Penha para um dos mais belos panoramas do norte de Portugal, onde fica o concorrido Santuário de Nossa Senhora da Penha.”

Nome: Internas\\Guimarães - Promotores Oficiais - Monumentos

Criado em: 23/02/2018 11:09:44

Criado por: C

Modificado em: 28/02/2018 12:04:31

Modificado por: C

Tamanho: 24 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Guimarães:

- http://www.guimaraesturismo.com/uploads/document/file/2029/GUIA_DA_CIDADE_v.2015.pdf

“O antigo sistema de alarme do Centro Histórico, do séc. XIX, pode ser encontrado em caixas de ferro fundido colocadas nas laterais de algumas igrejas da cidade. Nas suas tampas, pode ser encontrada a gravação dos números das estações, a que corresponde uma área específica da cidade que era do conhecimento geral da população. As caixas, fechadas à chave, tinham no seu interior um puxador ligado ao sino da torre. Cada uma destas caixas estava sob a responsabilidade de uma pessoa, e a sua utilização indevida, ou falta de acionamento em caso de emergência, acarretaria 34 pesadas multas. O sino tocava o número correspondente à estação onde ocorria a emergência, normalmente incêndios, o que permitia à população acorrer à emergência. O sino calar-se-ia apenas após a resolução da emergência.”

- <http://www.guimaraesturismo.com/>
- http://www.guimaraesturismo.com/uploads/document/file/2029/GUIA_DA_CIDADE_v.2015.pdf

“CASTELO DE GUIMARÃES MONUMENTO NACIONAL O castelo de Guimarães foi mandado construir por ordem da Condessa Mumadona. O objetivo da fortificação era o de proteger o Mosteiro de Santa Maria das invasões normandas e sarracenas que então atingiam a Península Ibérica. Nos finais do séc. XI, o Conde D. Henrique dá ordens para que o castelo se construa. Mais tarde, no final do séc. XIII, por iniciativa do rei D. Dinis, a fortaleza é remodelada. Nos séculos seguintes, outros monarcas quiseram deixar a sua marca, submetendo o castelo a diversas obras de melhoramento. Mas, à medida que os séculos foram passando, novas táticas bélicas fazem com que o castelo perca a sua função defensiva, entrando num estado de progressivo abandono e degradação. No séc. XX, o castelo é recuperado e posteriormente classificado como Monumento Nacional.”

“PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA MONUMENTO NACIONAL Datada da primeira metade do séc. XV, esta majestosa casa senhorial foi mandada construir por D. Afonso, filho bastardo de D. João I, 8º Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança, na altura um dos homens mais ricos e poderosos de Portugal. Foi neste paço que D. Afonso viveu com a sua segunda mulher, D. Constança de Noronha, conhecida como a Duquesa Santa. Acredita-se que, após ter enviuvado, se terá dedicado exclusivamente à vida religiosa e à assistência às populações mais pobres. Nessa altura, o paço ducal ter-se-á transformado num imenso albergue permanentemente aberto aos mais necessitados. O edifício, que passou por um longo período de abandono, alberga atualmente um dos museus mais visitados do país, apresentando um espólio diversificado de artes decorativas dos sécs. XVII e XVIII. Das várias coleções, destacam-se o conjunto de réplicas de tapeçarias de Pastrana – cujo desenho é atribuído ao pintor Nuno Gonçalves e que narram alguns episódios das conquistas do norte de África –, as tapeçarias flamengas e francesas de Aubusson, a coleção de três tapetes orientais Salting, as porcelanas orientais – com destaque para as da Companhia das Índias –, as faianças portuguesas das principais fábricas da época, pinturas, mobiliário diverso e um conjunto de armas. O Paço dos Duques de Bragança é, desde 1910, classificado como Palácio Nacional e residência oficial da Presidência da República.”

“RUA DE SANTA MARIA A medieval Rua de Santa Maria é uma das mais antigas de Guimarães. O seu papel na história da cidade é da maior importância pelo facto do seu traçado ter servido como via de comunicação entre a Vila do Mosteiro e a Vila do Castelo. A rua foi, durante séculos, habitada por clérigos, nobres e gente de prestígio, como são exemplo os cónegos da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, tornando-se numa rua de elite. Como todas as ruas medievais, terá sido uma rua escura, atravancada e suja, onde os avisos de “água vai” seriam uma constante. Hoje, é uma das artérias mais bonitas e típicas do centro histórico, e nela, a par de grandes habitações – algumas brasonadas e com varandas com ferros forjados –, podemos encontrar casas simples, mas enriquecidas com belas varandas de madeira.”

“CONVENTO DE SANTA CLARA O Convento de Santa Clara foi mandado construir, no séc. XVI, pelo Cónego Baltazar de Andrade. Foi um dos conventos mais importantes e ricos de Guimarães, tornando-se famoso pelos deliciosos doces que as freiras confeccionavam e vendiam. De entre estes, o destaque vai para o toucinho do céu e para as tortas de Guimarães, doces que ainda hoje se degustam nas pastelarias mais tradicionais da cidade. A fachada barroca do edifício tem, num nicho sobre o portal, a figura da padroeira. A coroá-la, dois serafins seguram uma cartela com a inscrição do ano em que a fachada atual do edifício foi construída, 1741. O convento foi abandonado em 1834, ano em que são extintas as ordens religiosas. Em 1891, foi aí instalado o seminário de Nossa Senhora da Oliveira. Desde 1975, o edifício acolhe os serviços da Câmara Municipal de Guimarães.”

“PRAÇA S. TIAGO Segundo a tradição, uma imagem da Virgem Santa Maria, trazida pelo apóstolo S. Tiago, foi colocada num largo. É por esse motivo que esta praça bastante antiga, que conserva ainda a sua traça medieval, se chama Praça de S. Tiago. No séc. XI, os Francos que acompanharam o Conde D. Henrique fundam aí uma capela dedicada ao santo. No séc. XVII, o templo é demolido e substituído por um outro, do qual também não sobram vestígios. Mais tarde, para recordar estas pré-existências, é gravada no pavimento uma vieira – lembrando S. Tiago – e as primeiras palavras latinas da Carta de Foral, concedida pelo Conde D. Henrique aos homens de Guimarães: “A vós homens que viestes povoar Guimarães e áqueles que aqui queiram habitar...”. [“Ad vos homines qui venistis populare in Vimarenes et ad illos qui ibi habitare voluerint...”].”

“IGREJA DA NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA MONUMENTO NACIONAL As origens da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira remontam aos tempos da Condessa Mumadona Dias e à fundação da cidade de Guimarães. O mosteiro em honra do Salvador do Mundo, da Virgem Santa Maria e dos Santos Apóstolos que a Condessa Mumadona manda construir no séc. X, dá origem, no séc. XII, a uma colegiada. Durante a idade Média, a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira transforma-se num popular centro religioso da Península Ibérica, fruto da popularidade juntos dos peregrinos a Santiago de Compostela. Aquando a instauração da república, em 1911, a colegiada extingue-se. O edifício vai sofrendo, ao longo dos tempos, sucessivas reconstruções, motivo pelo qual apresenta características de diferentes épocas e estilos. A última intervenção, que data de 1967, restituiu-lhe grande parte da influência gótica que ainda hoje mantém, depois de, em 1830, ter sido alvo de uma reforma neoclássica. A Igreja de Nossa Senhora da Oliveira é, sem dúvida, um dos monumentos vimaranenses de maior relevo histórico.”

“Conta a lenda da Senhora da Oliveira que, no séc. XIV, no hoje chamado Largo da Oliveira, em Guimarães, existia uma oliveira trazida de S. Torcato. A oliveira terá secado, assim permanecendo até ter sido colocada, junto a ela, uma cruz que ainda hoje se levanta debaixo do padrão. Três dias depois, a oliveira reverdece, deitando novos rebentos. O povo atribuiu esse facto a um milagre em honra de Nossa Senhora da Vitória que, desde então, passa a ser chamada de Nossa Senhora da Oliveira. A oliveira do milagre permaneceu na praça aproximadamente até 1870, data em que foi removida por decisão 35 da Câmara Municipal de Guimarães. Todavia, em 1985, aquando do último restauro da praça, uma oliveira volta a ocupar o lugar da árvore original. No polígono de pedra que a envolve, encontram-se assinaladas as três datas mais importantes da sua história: 1342, 1870 e 1985. A oliveira faz parte da história da cidade, sendo um dos elementos integrantes do seu brasão.”

“MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO O Museu de Alberto Sampaio, criado em 1928 para albergar as coleções da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas e conventos da região de Guimarães, então na posse do Estado, situa-se em pleno Centro Histórico, no exato local onde, no séc. X, a condessa Mumadona manda instalar o mosteiro à volta do qual se expandiria o burgo vimaranense. Pelo facto de ocupar o espaço que pertencia à Colegiada, têm um grande valor histórico e artístico, como o provam o claustro e as salas medievais que o envolvem, a antiga Casa do Priorado e a Casa do Cabido. As suas importantes coleções de escultura (arquitetural, de vulto e tumulária), cobrem os períodos medieval e renascentista, prolongando-se até ao séc. XVIII. Da sua coleção de ourivesaria, uma das melhores do país, destacam-se o cálice românico de D. Sancho I, a imagem de Santa Maria de Guimarães (séc. XIII), as cruzes processionais, e o magnífico retábulo gótico de prata dourada representando a Natividade, de finais do séc. XIV. Merecem ainda lugar de destaque o loudel que D. João I vestiu na batalha de Aljubarrota, o fresco do séc. XVI representando a Degolação de S. João Batista, a coleção de pintura dos sécs. XVI a XVIII, a talha maneirista e barroca, os paramentos bordados, a azulejaria e a faiança.”

“PADRÃO DO SALADO MONUMENTO NACIONAL O Padrão do Salado, de estilo gótico, comemora, de acordo com a tradição, a Batalha do Salado travada em 1340 contra os mouros, no sul de Espanha. Nesta batalha, Afonso XI de Castela solicitou apoio ao rei português Afonso IV. Debaixo do padrão encontra-se a cruz normanda oferecida pelo negociante vimaranense Pero Esteves, residente em Lisboa. A cruz, feita em calcário, foi inicialmente dourada e policromada. Tem numa face Cristo Crucificado e na outra a Virgem. Na base, apresenta imagens de santos.”

“ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO MONUMENTO NACIONAL Por cima das arcadas que ligam a Praça de S. Tiago ao Largo da Oliveira, encontra-se o edifício dos Antigos Paços do Concelho. Neste edifício tomavam assento os homens que governavam a cidade. A sua construção ter-se-á iniciado no séc. XIV, prolongando-se até meados do séc. XV, época em que reinava D. Afonso V. Entre os sécs. XVI e XVIII, o edifício é alvo de várias reconstruções e reformas. Mais tarde, em 1877, é colocada na sua fachada a escultura de um guerreiro proveniente do antigo edifício da Alfândega. Segundo a tradição, este guerreiro simboliza o duplo contributo dos vimaranenses nas conquistas em África.”

“CASA DA RUA NOVA Sabe-se que a Casa da Rua Nova, no número 115 da Rua Egas Moniz, tem origem remota, ainda que não seja possível precisar com exatidão a data da sua construção. O projeto de restauro desta casa, da autoria do arquiteto Fernando Távora, recebeu o Prémio Europa Nostra, em 1985. A obra teve um carácter exemplar, constituindo-se num ato pedagógico e num incentivo para as recuperações que foram acontecendo ao longo de vários anos no centro histórico da cidade, o que lhe valeu, em 2001, a classificação pela UNESCO de Património Cultural da Humanidade. O critério utilizado na recuperação foi o de consolidar a sua estrutura, sem alterar a sua organização interna. Para o efeito, utilizou-se mão de obra local e materiais e técnicas tradicionais, de modo a obter as unidades construtiva, formal e ambiental.”

- <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/921>

Paço dos Duques de Bragança

“Majestosa casa senhorial do século XV, mandada edificar por D. Afonso - futuro Duque de Bragança, filho bastardo do Rei D. João I - a qual lhe serviu de residência e à sua segunda mulher, D. Constança de Noronha. Palácio de vastas dimensões, com características arquitectónicas de casa fortificada, coberturas de fortes vertentes e inúmeras chaminés cilíndricas que denotam a influência da arquitectura senhorial da Europa Setentrional, trata-se de um exemplar único na Península Ibérica.

O século XVI marca o início de abandono progressivo e conseqüente ruína que se agravaram até ao século XX. A reedificação do palácio começou em 1937 e prolongou-se até 1959, altura em que é aberto ao público e transformado em Museu cujo espólio é datado dos séculos XVII e XVIII. Das colecções existentes destaca-se pelo seu valioso contributo para a história dos Descobrimientos Portugueses, o conjunto das quatro cópias das tapeçarias de Pastrana cujo desenho é atribuído ao pintor Nuno Gonçalves (séc. XV), que narram alguns dos passos das conquistas do norte de África, nomeadamente Arzila e Tânger. Os originais foram mandados executar em Tournai, no século XV pelo rei português D. Afonso V encontrando-se hoje em Espanha. As cópias (únicas) foram adquiridas pelo Estado Português em 1957 sendo executadas em Espanha pela Real Fábrica de Tapices de Madrid. Encontramos ainda o núcleo de tapeçarias flamengas, nomeadamente as que foram executadas segundo cartões de Pieter Paul Rubens, cujos temas são episódios da vida de um Cônsul Romano. Estas tapeçarias são notáveis pelos panejamentos e jogos de sombra. Faz ainda parte do espólio do Museu a mostra de mobiliário português do período pós-descobertas, de que merece especial destaque o conjunto de contadores, desde os indo-portugueses, aos hispano-árabes de estilo mudéjar, aos belos bargeños espanhóis. A ornamentar o mobiliário temos uma grande colecção de porcelanas da Companhia das Índias, e faianças portuguesas das principais fábricas da época: Prado, Viana, Rocha Soares e Rato. Numa das salas encontram-se expostas algumas das armas que foram reunidas pelo segundo Visconde de Pindela, e mais tarde

adquiridas pelo estado Português, cuja colecção compreende vários exemplares de armas brancas, de fogo e elementos de armaduras dos séculos XV a XIX. O edifício está classificado como Monumento Nacional.”

Castelo

“No século X a Condessa Mumadona Dias, após ter ficado viúva, manda construir na sua herdade de Vimaranes - hoje Guimarães - um Mosteiro. Os constantes ataques por parte dos mouros e normandos leva à necessidade de construir uma fortaleza para guarda e defesa dos monges e da comunidade cristã que viviam em seu redor. Surge assim o primitivo Castelo de Guimarães.

No século XII, com a formação do Condado Portucalense, vêm viver para Guimarães o Conde D. Henrique e D. Teresa que mandam realizar grandes obras no Castelo de forma a ampliá-lo e torná-lo mais forte. Diz a tradição que teria sido no interior do Castelo que os condes fixaram residência e provavelmente aí teria nascido D. Afonso Henriques. Entre os séculos XIII e XV vários reis irão contribuir com obras de melhoramento e restauro do Castelo.

Ligado a façanhas heróicas do período da fundação da nacionalidade como a Batalha de S. Mamede em 1128, razão porque é conhecido por Castelo da Fundação ou de S. Mamede, serviu ainda ao longo da sua história de palco a vários conflitos reais. Perdida que foi a sua função defensiva, o Castelo entra num processo de abandono e degradação progressiva até ao século XX, altura em que é declarado Monumento Nacional e são efectuadas obras de restauro.”

Convento de Santo António dos Capuchos

“O Percorso Museológico no Convento de Santo António dos Capuchos foi criado pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães em 2008, como resultado da preocupação pela conservação e valorização do seu património artístico e cultural. Situado em plena Colina Sagrada, ocupa espaço do edifício construído como convento no séc. XVII, e comprado pela Misericórdia em 1842 para aí instalar o seu Hospital. Expõe-se algum património móvel da Instituição, ao mesmo tempo que os visitantes são convidados a percorrer os corredores, pátios e claustro do imponente edifício, bem como visitar a Igreja do convento e a sua magnífica sacristia do séc. XVIII.”

Capela de S. Miguel

“Construção do início do século XII, provavelmente pelo Conde D. Henrique, de estilo românico, de pequenas dimensões e de grande simplicidade arquitectónica.

Tem um grande simbolismo pela sua ligação histórica ao período da fundação da nacionalidade e à tradição de ter sido aí baptizado D. Afonso Henriques. No seu interior o pavimento está lajeado com sepulturas que se atribuem a nobres guerreiros ligados à fundação da nacionalidade. Está classificado como Monumento Nacional.”

Igreja de Nossa Senhora da Oliveira

“As origens da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira remontam ao mosteiro dedicado ao Salvador do Mundo, à Virgem de Santa Maria e aos Santos Apóstolos, fundado pela condessa Mumadona Dias, cerca de 950. A invocação de Nossa Senhora da Oliveira prevalece após 1342, com o reverdecimento de uma oliveira na praça fronteira. A edificação atual evidencia as sucessivas remodelações e acrescentos, integrando elementos de diversas épocas - a reconstrução gótica impulsionada por D. João I; a torre da igreja de características manuelinas, concluída cerca de 1513-1515; a capela-mor, de arquitetura clássica, reedificada no séc. XVII por D. Pedro II; os estuques das capelas maior e colaterais são referências da reforma neoclássica iniciada em 1830; a última intervenção data do séc. XX e pretendeu deixar à vista o granito das paredes e as colunas de origem medieval. A igreja é classificada como monumento nacional desde 1910.”

Igreja S. Francisco

“Convento e igreja começam a construir-se em 3 de Novembro de 1400, com a autorização de D. João I, apesar de referências a um complexo anterior (séc. XIII). A igreja sofreu várias alterações entre os séc. XV e XVIII. Salientamos o portal principal de reminiscências ainda românicas; a cabeceira gótica de influência batalhina; a Sala do Capítulo e claustro de arranjo maneirista. Contudo, a mais importante transformação ocorre no interior, aqui do gótico ao barroco. São introduzidos painéis de azulejos de carácter hagiográfico relatando a vida de Santo António; é elaborada uma nova sacristia de figurino Joanino, com teto de caixotões pintados e arcazes em pau-preto; e, finalmente, é construído o retábulo-mor, desenhado por Miguel Francisco da Silva, em 1743 e executado por Manuel da Costa Andrade. O séc. XX traz obras de restauro sem modificações significativas ao aspeto geral do edifício e a classificação de Imóvel de Interesse Público.”

Antigos Paços do Concelho

“Construção iniciada no tempo de D. João I, em fins do séc. XIV. No início do séc. XVII foi profundamente remodelada pelo arquitecto João Lopes de Amorim.

No seu interior existe um tecto de madeira pintado.

Actualmente está instalado neste edifício a Delegação do Touring Cultural & Paisagístico e dos Patrimónios, da Entidade Regional do Turismo do Porto e Norte de Portugal.”

Padrão do Salado

“Alpendre gótico erguido no reinado de D. Afonso IV, para comemorar a Batalha do Salado, travada em 1340.

O cruzeiro executado em 1342, foi oferecido por Pero Esteves, negociante vimaranense residente em Lisboa.”

Convento de Santa Clara

“Foi um dos mais ricos conventos de Guimarães, instituído no séc. XVI pelo Cónego Mestre Escola da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Baltasar de Andrade. Edifício de fachada barroca, tem ao centro a escultura de Santa Clara. O claustro de dois pisos é de tipo clássico. A sua riquíssima capela foi esvaziada no séc. XIX encontrando-se, hoje, parte das talhas douradas no Museu Alberto Sampaio. Neste edifício está instalada a Câmara Municipal de Guimarães.”

Igreja de N. Sra. da Consolação e Santos Passos

“As origens da igreja remontam a uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, mandada construir em março de 1576. Em outubro de 1785 é concluída a nova igreja, exemplar de espacialidade barroca em Guimarães, onde se acrescentaram duas torres na frontaria um século depois, bem como a escadaria e a balaustrada. No decurso do século XIX foi construída a Casa do Despacho e a Capela do Senhor dos Passos, anexa à igreja. O culto a Nossa Senhora da Consolação determina a ereção canónica da Irmandade, em dezembro de 1594, por Frei Agostinho de Jesus. Em 1878, é agraciada pelo Rei Dom Luís I com o título de Real Irmandade e prerrogativas de Capela Real. A igreja e os oratórios de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos foram classificados em 1993 como imóvel de interesse público.”

Igreja de S. Domingos

“As origens da igreja de S. Domingos remontam à construção do primeiro mosteiro dominicano em Guimarães, erigido entre 1271 e 1278. Posteriormente, D. Dinis ordenou a transferência do local de edificação, obras essas terminadas em 1397. Durante o séc. XVIII e XIX a traça original do edifício é profundamente alterada, concorrendo com elementos góticos reminiscências barrocas e românicas. Depois de algumas extinções, demolições, aquisições e cedências, o Santíssimo Sacramento da Igreja de S. Paio é conduzido para a igreja de S. Domingos, a qual, desde 1914 é investida na condição de paroquial da freguesia de S. Paio. O claustro de S. Domingos é monumento nacional desde 1910 e a igreja é imóvel de interesse público desde 1959. A sacristia desta igreja encontra-se musealizada, merecendo uma visita.”

Capelas dos Passos da Paixão de Cristo

“Os Passos ou estações da via sacra são demonstrações populares de religiosidade e devoção à Paixão de Cristo, que estavam presentes não só nos templos, mas por vezes espalhavam-se em pequenos oratórios pela própria cidade.

Em Guimarães, os Passos, eram sete de início e foram erguidos em 1727 pela Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos. Ao longo do tempo e de acordo com o crescimento da cidade, foram sendo transferidos ou desmontados o que levou à grande dificuldade para identificação, uma vez que as esculturas ou foram dispersas ou reagrupadas arbitrariamente aquando das demolições ou transferências. Hoje apenas temos cinco: Passo do Largo do Carmo, Passo da Rua de Santa Maria, Passo do Largo João Franco, Passo da Senhora da Guia e Passo do Campo da Feira.”

Igreja de S. Dâmaso

“A construção da igreja de S. Dâmaso, principiou na primeira metade do século XVII e terminou apenas no século seguinte.

A capela-mor possui um notável retábulo em talha dourada, obra do entalhador vimaranense Pedro Coelho e o tecto é de caixotões. A nave é igualmente decorada com retábulos em estilo português de finais do século XVII e princípios do XVIII. A talha combina admiravelmente com os azulejos historiados que decoram o seu interior. Executados durante a primeira metade do século XVIII, são atribuídos ao monogramista PMP e contam episódios da vida do Papa S. Dâmaso.”

Igreja de S. Pedro

“Esta igreja foi mandada construir em 1737, apresentando grande simplicidade e uma arquitetura elementar. Em 1750 é benzida e acolhe a imagem do padroeiro. Em 1881 reiniciaram-se as obras com a demolição das estruturas provisórias e das casas que estavam em frente ao corpo da igreja. Os trabalhos terminaram em inícios do século XX, sem que tivessem sido construídas as duas torres previstas, mas apenas uma. A planta da igreja é longitudinal, com capela-mor e nave única retangulares. A capela-mor é separada da nave por arco de cruzeiro de volta perfeita e nela se destaca o retábulo, de talha azul e dourada, manifestação ainda do gosto eclético dos finais do séc. XIX. Localizada na “sala de visitas” da cidade e apesar de incompleta, em 1751, por indulto da Santa Sé, a igreja recebeu o título de basílica por Breve de Benedito XIV. Foi a primeira igreja a receber tal distinção na Arquidiocese de Braga.”

Igreja e Convento das Domínicas

“Apontamentos da história de Guimarães aludem à existência de um remoto templo, invocando ao mártir S. Sebastião, existente no extremo ocidental do Campo de S. Francisco até 1570, altura em que ali foi ereta a igreja. Com a extinção das ordens religiosas e a demolição da igreja paroquial em 1892, a igreja de São Sebastião passou a ocupar o antigo convento de Santa Rosa de Lima (Templo da Dominicas), construído entre 1727 e 1737. Do conjunto patrimonial destacam-se: o altar-mor em talha dourada, no topo da igreja, construído nos anos de 1741-42; dois altares laterais em talha dourada e policromada de 1745; o altar do século XX que consagra a imagem de São Sebastião, em estilo neoclássico; o órgão joanino construído em 1776 em talha dourada e policromada; um conjunto de sanefas em talha dourada do período joanino, que coroam as portas e janelas.”

Igreja da Misericórdia

“O início da construção da igreja remonta a 1588, tendo sido inaugurada apenas em 1606. No ano seguinte iniciaram-se obras para a reconstrução da fachada, as quais terminaram apenas em 1640. De planta longitudinal e fachada maneirista, apresenta na frontaria dois medalhões, enquadrados por duas colunas coríntias e, na parte superior, um nicho envidraçado com a escultura de Nossa Senhora da Misericórdia. No interior, de nave única e capela-mor retangulares, cobertura em abóbada de berço revestida a estuque, sobressaem o

retábulo-mor, datado de finais do século XVIII, os púlpitos de 1781 e a caixa do órgão ibérico. Do espólio destacam-se duas pinturas de grandes dimensões: uma sobre tela representando Nossa Senhora da Misericórdia; e outra sobre madeira representando a Visitação, datada de 1616. Foi classificada como imóvel de interesse público em 1974.”

Igreja de Nossa Senhora do Carmo

“A construção da igreja e do Convento do Carmo iniciou-se em 1685, e constitui uma evidência do estilo barroco. O convento foi dedicado a Santa Teresa, desconhecendo-se o seu fundador.

No início de 1700, uma bula papal autorizava as recolhidas de Santa Teresa a tomarem o véu de religiosas carmelitas descalças, já sob a invocação de S. José. No entanto, o altar-mor era ocupado pela imagem de Nossa Senhora do Carmo – invocação mais vulgar e conhecida.

O corpo da igreja está dividido da capela-mor por um arco de pedra, e está enriquecido por dois altares laterais: o do Evangelho, dedicada a Santa Ana; o da Epístola, a Nossa Senhora do Carmo. No antigo coro existe ainda um outro altar, dedicado ao Senhor Morto, modernamente ereto por particular iniciativa e devoção.

Com a extinção oficial das ordens religiosas, a Igreja e o Convento passaram para a posse do Estado, com utilização para fins militares. A partir de 1862, o edifício passou a acolher o atual Lar de Santa Estefânia.”

- <http://www.turismodeportugal.pt>
- http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoinovacao1/Documents/BrochuraRTPM_NortePortugal.pdf

(...)“O Mosteiro de Nossa Senhora da Oliveira, fundado no séc. X, foi o núcleo fundamental de desenvolvimento da vila baixa. Nos espaços da antiga Colegiada instala-se hoje o Museu de Alberto Sampaio, local de visita obrigatória, tendo em conta o edifício e o valor artístico das suas coleções. Nas suas imediações, um emaranhado de ruas estreitas e tortuosas, de becos e largos, convida-nos a percorrer e a explorar.”

“O Largo da Oliveira, fronteiro ao Mosteiro medieval, e a próxima Praça de Santiago são dois espaços fundamentais da vivência vimaranense. Entre ambos erguem-se os antigos Paços Municipais, lembrando a antiguidade e importância do poder local na cidade. São locais de confluência de importantes eixos viários, tais como a Rua de Santa Maria que, com as suas casas nobres, nos conduz à vila do castelo. A habitação sempre assumiu um carácter próprio em Guimarães. Desde a simples habitação em taipa, até à casa nobre dos arredores da urbe, passando pela Casa do Arco da Rua de Santa Maria, encontramos nesta cidade uma personalização da mesma. Em tempos anteriores à unificação definitiva das duas vilas, a Muralha da vila baixa assumiu um papel definidor de espaços e de gentes. Confrontando-a, a muralha da vila do castelo guardava o Monte Lalito, encabeçado pelo lendário Castelo de Guimarães. Associado à figura do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, esta estrutura militar foi palco de importantes acontecimentos históricos que justificam o epíteto

vimaranense de berço da nacionalidade. Segundo a tradição, o primeiro rei de Portugal terá sido batizado na românica Capela de São Miguel do Castelo. E, muito próximo, o altivo Paço dos Duques de Bragança, mexido e remexido ao longo de séculos, lembra-nos que o tempo passou por esta cidade, qual residência ducal, real e presidencial. Mas Guimarães é também uma cidade de Homens. Homens que estudam e Homens que produzem. Dos que estudam, tornou-se incontornável o nome de Francisco Gouveia Martins Sarmiento, ilustre arqueólogo e etnólogo da segunda metade do século XIX. O trabalho árduo deste vimaranense reflete-se no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, um dos mais antigos museus arqueológicos portugueses. Instalado na sede da Sociedade Martins Sarmiento, que ocupa o claustro gótico e o jardim do extinto Convento de S. Domingos, o edifício, projetado pelo arquiteto Marques da Silva, foi concluído em 1967. Guimarães também é uma terra de homens que produzem. As artes e os ofícios tradicionais (e industriais) sempre desempenharam um papel importante na economia desta cidade. A zona de Couros, alvo de um profundo projeto de reabilitação urbana, é um bom exemplo da dimensão que um saber fazer antigo alcançou na vivência da cidade e na definição dos seus espaços. Em Guimarães, o bordado, o ferro forjado e a produção de cerâmica atingiram um caráter muito próprio. Guimarães é terra de cultura. O Palácio e Quinta de Vila Flor, erguidos no exterior da área urbana em meados do século XVIII, acolhem hoje o Centro Cultural Vila Flor, espaço privilegiado que assume um papel de referência no panorama cultural nacional. O burgo de origem medieval sempre se assumiu como pólo centralizador da região imediatamente envolvente. Para ele confluíam as estradas que conduziam a vários pontos estratégicos da região vimaranense. Passando pela Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, dirigimo-nos ao Parque da Penha. A meia encosta, o Mosteiro da Costa, está hoje convertido em Pousada. No Parque, coroado pelo Santuário da Penha, projetado pelo arquiteto José Marques da Silva, vários monumentos, capelas e infraestruturas, associam-se a uma paisagem arbórea admirável que faz do Monte que se chamou em tempos de Santa Catarina um local notável. Guimarães convida, pois, a ficar e a conhecer os seus arredores: a Citânia de Briteiros, São Torcato, Santa Cristina de Serzedelo. E as Caldas das Taipas.”

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>
- <https://www.visitportugal.com/pt-pt/node/73742>

Largo da Oliveira

“O Largo da Oliveira deve o seu nome a uma secular oliveira plantada neste local. Rodeado de pitorescas casas tipicamente nortenhas, é o ponto partida ideal para percorrer a pé as ruas da cidade. Mas no próprio Largo, existem alguns motivos de interesse para ver: do lado nascente, um curioso templete gótico erguido no reinado de D. Afonso IV, comemora a batalha do Salado, onde portugueses e castelhanos venceram as forças do reino mouro de Granada, em 1339.

Por detrás, a Igreja de Nossa Senhora de Oliveira (ou da Colegiada) é o primeiro monumento gótico erguido no Minho, sob os auspícios de D. João I para cumprimento de um voto pela vitória na batalha de Aljubarrota (1385) contra as tropas de Castela. A torre sineira, destacada

do corpo da igreja, é de feição manuelina, mais tardia portanto. À Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira pertenceram homens notáveis como Pedro Hispano, médico e filósofo que foi eleito papa com o nome de João XXI. No interior do gracioso claustro foi instalado o Museu Alberto Sampaio, com uma notável coleção de pratarias medievais e da Renascença, destacando-se um sumptuoso retábulo de prata do séc. XIV, único em Portugal, e um pelote de combate que D. João I utilizou no campo de batalha de Aljubarrota.

No lado norte do Largo destaca-se o edifício medieval dos antigos Paços do Concelho, rematado por uma escultura de pedra que, segundo a tradição, representa Guimarães. Por baixo, uma arcada gótica dá passagem para o Largo de São Tiago, um dos mais característicos espaços públicos da cidade.

Poderá ainda optar por sair do Largo da Oliveira para amplo e harmonioso Largo do Toural, e daqui partir para a visita do Museu Martins Sarmento, instalado nos claustros medievais do Mosteiro de São Domingos, onde se encontra uma dos mais espólios de peças de arqueologia do país provenientes da Citânia de Briteiros, situada a 10 km de Guimarães, e testemunho bem visível da cultura castreja da Idade do Ferro.”

Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Guimarães

“A Igreja de Nossa Senhora da Oliveira data de finais do séc. XIV, segundo o desenho de Mestre João Garcia de Toledo. Foi mandada construir pelo rei D. João I devido a um voto que fez à Virgem da Oliveira, pela vitória na Batalha de Aljubarrota.

Numa torre anexa datada de 1513, reconstruída pelo Prior D. Diogo Pinheiro, encontra-se a capela funerária de seus pais. Nos finais do séc. XVII, D. Pedro II mandou ampliar a capela-mor, em cuja abóbada se podem ver as suas armas reais.

No interior, de referir ainda o retábulo do altar-mor, da segunda metade do séc. XVIII, o cadeiral seiscentista com espaldares neo-clássicos e o altar de prata da Capela do Santíssimo Sacramento.”

Museu de Alberto Sampaio

“O Museu de Alberto Sampaio foi criado em 1928 para albergar o espólio artístico da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas e conventos de Guimarães. Situa-se em pleno centro histórico da cidade, que é património da humanidade, no local onde a condessa Mumadona mandou construir, no séc. X, um mosteiro.

O museu ocupa três espaços que pertenceram à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: a Casa do Cabido, o Claustro e a Casa do Priorado. O Claustro é um caso único na arquitectura portuguesa, quer pela implantação em torno da cabeceira da Igreja quer pela sua forma irregular.

Possui colecções de grande interesse de que salientamos, na escultura, as estátuas em calcário e madeira do séc. XIII ao XVIII. No núcleo de talha tem destaque o retábulo seiscentista que pertencia à Irmandade de S. Pedro e as ilhargas barrocas da igreja do Convento de Santa Clara. A pintura é representada por frescos destacados e pintura sobre tábuas. A colecção de cerâmica é constituída por exemplares de azulejaria e de faiança. O

conjunto têxtil é composto por vestes litúrgicas e por um núcleo significativo de amostras de tecidos.

Refira-se como peça emblemática das colecções do museu, o loudel (veste militar) que D. João I envergou durante a Batalha de Aljubarrota. Por último na colecção de ourivesaria, destaca-se o tesouro de Nossa Senhora da Oliveira: conjunto de alfaias litúrgicas (cálices, patenas, custódias, cruzes e relicários) que datam do séc. XII ao XIX.”

Largo de São Tiago e Rua de Santa Maria

“Local muito antigo da cidade, é rodeado por bonitas casas de feição nortenha, construções simples dos sécs. XVI e XVII, com três pisos e onde o trabalho de madeira nas varandas ilustra a mestria dos antigos artífices carpinteiros. Conta a tradição que o apóstolo São Tiago teria trazido para Guimarães uma imagem da Virgem Santa que colocou num templo pagão que aqui se situava, passando o local a chamar-se desde então São Tiago.

Daqui siga para a estreita Rua de Santa Maria, uma das primeiras artérias rasgadas em Guimarães, já referenciada com este nome em documentos do séc. XII, onde se perfilam vários testemunhos arquitetónicos do seu passado: Convento de Santa Clara (séc. XVII) Casa do Arco, com uma pontezinha armoriada sobre a rua, Casa dos Peixotos, Casa Gótica dos Valadares, testemunhos da importância que a rua teve na época medieval por ser local de residência dos grandes da cidade: alto clero, nobreza e mercadores abastados.

Logo a seguir espraia-se o Largo do Cónego, onde prendem logo a atenção a esplendida frontaria do convento de Santa Clara, onde está instalada a Câmara Municipal e a construção senhorial da Casa dos Carneiros. Não deixe de passar pelo Largo Martins Sarmento para apreciar a feição oitocentista da cidade: um conjunto de casas e o antigo Convento do Carmo, uma das obras barrocas mais expressivas de Guimarães.”

Paço dos Duques de Bragança

“A construção do palácio dos Duques de Bragança, inspirada nas moradias senhoriais francesas, iniciou-se no início de Quatrocentos e deveu-se a D. Afonso de Barcelos, primeiro duque de Bragança e filho natural de D. João, Mestre de Avis, futuro rei D. João I. Porque mais tarde a residência dos Bragança se deslocou para o Palácio de Vila Viçosa, no Alentejo, o edifício foi-se degradando ao longo dos séculos até se transformar num quartel militar em 1807.

Em 1937 iniciaram-se as obras de restauração e em 24 de Junho de 1959, exactamente 831 anos passados sobre a batalha de S. Mamede, o palácio ressurgiu na sua imponência gótica de inspiração normanda. Na ala norte do piso térreo encontra-se um pequeno museu de arte contemporânea com peças que o pintor José de Guimarães (criador do símbolo do turismo de Portugal) doou à cidade onde nasceu.

O museu ocupa as imensas salas do primeiro andar onde está exposto um conjunto de obras de arte provenientes de diversos museus ou mandadas replicar, entre as quais se destacam peças de mobiliário do séc. XVII, colecções de armas antigas e um conjunto notável de quatro tapeçarias de enormes dimensões que descrevem com muito pormenor cenas da chegada dos portugueses a Arzila, do cerco a esta cidade no norte de África e da tomada de Tânger. Os

originais foram encontrados em Pastrana, próximo de Madrid e posteriormente transferidos para o palácio El Escorial. O Governo espanhol nunca autorizou a devolução das peças originais, tendo apenas dado permissão para executar as reproduções que se podem admirar no Palácio Ducal.”

Castelo de Guimarães

“O Castelo de Guimarães, situado no Monte Largo - “alpis latitus” no latim de documentos da época - evoca o misto de lenda e heroísmo que envolve o início da História de Portugal.

Mumadona, condessa galega, mandou construir neste local, cerca do ano 968, um castelo onde a população se pudesse refugiar dos constantes assaltos de hordas de vikings, vindos dos mares do norte da Europa e dos muçulmanos que acorriam dos territórios que ocupavam a sul.

Quando o Conde Henrique recebeu de seu sogro, Afonso VI de Leão, o governo da província portugalense, mandou construir outra edificação mais ampla e sólida, que constituiu o início do importante conjunto defensivo que vemos hoje, dominado pela torre de menagem. Embora o facto não esteja documentado, é provável que o edifício que se encontra encostado à parte interna da muralha norte tenha sido a morada do Conde D. Henrique e local do nascimento de seu filho Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Ao castelo, liga-se a história militar da fundação do reino nos diversos combates em que Afonso Henriques defrontou em 1127 seu primo Afonso VII, rei de Leão. Liga-se também à abnegação de seu aio, Egas Moniz, que se ofereceu para fiador da palavra do infante quando este, vendo que não conseguia vencer o cerco de Afonso VII, prometeu constituir-se seu vassalo, tendo renegado a promessa ao sair-se vencedor.

Até finais do séc. XIV no castelo de Guimarães protagonizaram-se heróicos combates para a defesa da integridade do jovem reino de Portugal, abalado por questões dinásticas com Castela que tornavam vulnerável a sua independência. Com o nascimento das novas armas de artilharia, o castelo de Guimarães, como tantos outros, conheceu o início do fim das suas glórias. Abandonado à incúria do tempo e dos homens, veio a ser cuidadosamente restaurado na sua original grandiosidade e beleza, na primeira metade do séc. XX.”

Igreja de São Miguel do Castelo - Guimarães

“A primeira referência à Igreja de São Miguel data de 1216 pela Colegiada de Guimarães, calculando-se que tenha sido essa a data da sua fundação. Foi sagrada pelo Arcebispo de Braga em 1239.

Em estilo românico, é uma igreja de pequenas dimensões e simplicidade arquitectónica mas com elementos decorativos de referência como os que se vêem nos frisos do Portal, num dos arcosólios e no arco triunfal da capela mor.

A história desta Igreja está muito ligada à fundação da nacionalidade, dizendo a lenda que foi aqui baptizado D. Afonso Henriques, que viria a ser o primeiro rei de Portugal. Apesar de uma inscrição numa lápide datada de 1664 referir este facto, ele é contraditório com a data presumível da sua fundação, já no reinado de D. Afonso II.

No interior, existem várias sepulturas de guerreiros nobres.

A Igreja de São Miguel está classificada como Monumento Nacional.”

Largo do Toural

“Se no Largo de São Tiago a atmosfera que se respira relembra um passado medievo, na arquitetura do Largo do Toural nota-se a preocupação de planeamento largo e arejado própria do iluminismo do séc. XVIII, revelando diferentes fases de história urbana que Guimarães preservou.

Prosseguindo pela rua Paio Galvão, vai encontrar o Museu Martins Sarmento, dedicado a coleções de arqueologia, que ocupa parte dos belíssimos claustros medievais do convento de São Domingos. Acompanhando a arquitetura do convento, chega-se à rua D. João I, ladeada de casas antigas e varandas. No fim da rua, sobre a esquerda, ergue-se a capelinha da Senhora da Ajuda, com o ano de 1600 gravado na pedra.

Entre os largos do Toural, de João Franco e da Condessa de Juncal não faltam motivos de interesse: Castelo dos Almadas (Rua Dr. Avelino Franco), Capela do Anjo da Guarda, o Palácio dos Lobo Machado, típica moradia nobre do séc. XVIII, a Casa dos Coutos, mesmo em frente (na rua D. Maria II).”

Museu Arqueológico Martins Sarmento

“A Sociedade Martins Sarmento é uma instituição cultural fundada em 1881. Ao seu valioso e diversificado património pertence o Museu Arqueológico "Martins Sarmento", principal referência da cultura castreja em Portugal e um dos mais importantes museus de todo o espaço europeu onde se manifestou aquela cultura.

Instalado no claustro gótico de São Domingos (séc. XIV), este museu possui uma boa colecção de arqueologia pré e proto-histórica, epigrafia, numismática e no núcleo de arte contemporânea uma boa colecção de pintura da 1ª metade do séc. XX. Uma das peças mais importantes é uma estela funerária conhecida por Pedra Formosa, que por iniciativa do Dr. Martins Sarmento foi trazida para o museu em 1897.”

Nome: Internas\\Porto - Promotores Oficiais - Geral

Criado em: 07/06/2017 10:37:02

Criado por: CF

Modificado em: 08/06/2017 12:59:36

Modificado por: CF

Tamanho: 14 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Porto:

- <http://www.cm-porto.pt/>
- <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/-viagens-encantadas-pelo-centro-historico-do-porto>

Viagens encantadas pelo Centro Histórico do Porto

21-03-2017

“No próximo sábado, a PortoLazer apresenta três passeios em que as crianças podem descobrir um pouco da história da cidade.

A 25 de março, o Porto celebra o Dia Nacional dos Centros Históricos e, uma vez mais, a PortoLazer associa-se à festa com algumas propostas de animação de rua. Para o público infantil foi preparada a atividade "Histórias da história do Porto/Viagens Encantadas".

As crianças estão convidadas a fazer um passeio a pé de um quilómetro pelo Centro Histórico do Porto. A viagem será entretecida de cinco pequenas histórias baseadas no livro "Era uma vez o Porto", obra infantil da autoria de Raquel Patriarca que conta a história da Invicta num registo descontraído e encantatório.

Aqui ficam os detalhes dos percursos:

- Horários: 15, 16 ou 17 horas;
- Destinatários: maiores de 5 anos (acompanhados por um adulto);
- Vagas por passeio: 25;
- Jograis: Adélia Carvalho e Raquel Patriarca;
- Partida: Miradouro do Terreiro da Sé;
- Chegada: troço da Muralha Fernandina junto à Travessa de Santa Clara;

A participação é gratuita mas requer inscrição até às 18 horas de dia 23 de março. Os interessados devem enviar nome e idade da criança, horário pretendido e nome e contacto

telefónico do encarregado de educação para passeios@portolazer.pt. Em cada inscrição não é possível inscrever mais de duas crianças.”

Alumia apresenta o seu segundo roteiro de luz no Dia Nacional dos Centros Históricos

21-03-2017

“Partindo da celebração da data, este ano marcada para 25 de março, o projeto Alumia propõe um novo percurso pela cidade, que explora uma vez mais a temática da luz e a sua relação com o espaço.

O novo percurso ficará patente de 24 a 28 de março e engloba nove instalações artísticas em espaço público. As duas iniciais ("Start" e "Eclipse") perduram desde o primeiro roteiro, inaugurado a 5 de dezembro do ano passado, enquanto as restantes sete foram selecionadas numa convocatória lançada a 25 de novembro por este projeto dinamizado pela PortoLazer.

Localizada no Largo dos Lóios, "Start" será o gigante ponto de partida de um caminho que convida o público a perfurar o miolo do Centro Histórico, apelando a novos olhares sobre o território classificado como Património Mundial.

As sete novas e surpreendentes visões estarão distribuídas entre o Passeio das Virtudes e as Escadas da Vitória e prometem transformar o quotidiano destas ruas, sobretudo durante o período noturno, quando irradiarem as suas sombras pelo denso casario da zona.

Embora esteja enquadrado com a celebração do Dia Nacional dos Centros Históricos, o novo roteiro será oficialmente inaugurado às 19 horas do dia 24 de março, permanecendo depois até 28 de março.

Durante este período, serão promovidas diariamente visitas guiadas às instalações, com início às 19, 20,30 e 21,30 horas. As visitas são gratuitas e abertas ao público em geral, mas requerem inscrição através do email alumiaservicoeducativo@gmail.com.

Promovido pela PortoLazer, o Alumia é um programa cultural de celebração do Centro Histórico do Porto, na efeméride dos 20 anos da sua classificação como Património Mundial pela UNESCO.

Encontram mais informações em www.alumia.eu.”

(ver PDF: programaDiaNacionalCentrosHistóricos)

- <http://www.cm-porto.pt/>
- <http://www.cm-porto.pt/patrimonios>

Património da Humanidade

“O Centro Histórico do Porto constitui uma paisagem urbana de grande valor estético que testemunha um desenvolvimento urbano que remonta às épocas Romana, Medieval e dos Almadás (século XVIII). A sua ocupação humana, de acordo com o indiciado pelos vestígios arqueológicos existentes, remonta ao século VIII A.C.

A riqueza e a diversidade da arquitectura civil do Centro Histórico traduzem não só os valores culturais de épocas sucessivas: Romana, Gótica, Renascentista, Barroca, Neoclássica e Moderna como também a sua perfeita adaptação à estrutura social e geográfica da cidade, apresentando, desta forma, uma relação estável e coerente com o ambiente urbano e natural.

O tecido social e institucional da cidade garante a sua existência enquanto Centro Histórico habitado.

Tanto como cidade como realização do homem, o Centro Histórico do Porto constitui uma obra prima do génio criativo da humanidade. Interesses militares, comerciais, agrícolas e demográficos, convergiram aqui para abrigar uma população capaz de construir a cidade. O resultado é uma obra de arte única, de elevado valor estético. É um trabalho colectivo, que não foi realizado num determinado momento, mas o resultado de sucessivas contribuições. Um dos aspectos mais significativos da cidade do Porto, e em particular do seu Centro Histórico, é o seu valor panorâmico, fruto da complexidade do terreno, da articulação harmoniosa das suas ruas e do diálogo com o rio. Apesar da variedade de formas e materiais, o Centro Histórico do Porto conserva uma unidade estética visual. A cidade traduz, com êxito, uma interacção entre os ambientes social e geográfico.

O Porto oferece-nos uma valiosa lição de urbanismo. As intervenções planificadas e não planificadas dos diferentes períodos concentram-se nesta zona permitindo o estudo da concepção urbana das cidades da Europa Ocidental e Atlântico - Mediterrâneas, desde a Idade Média até à Revolução Industrial.

As ruelas tortuosas adaptadas à topografia medieval, as ruas rectilíneas e as pequenas praças da Renascença, as ruas que desembocam nos monumentos barrocos, a profusão de edifícios, aos quais foram sendo sucessivamente adicionados novos andares, e as novas construções fazem deste sítio um tecido urbano complexo.”

- <http://whc.unesco.org/en/list/755>

Historic Centre of Oporto, Luiz I Bridge and Monastery of Serra do Pilar

“The city of Oporto, built along the hillsides overlooking the mouth of the Douro river, is an outstanding urban landscape with a 2,000-year history. Its continuous growth, linked to the sea (the Romans gave it the name Portus, or port), can be seen in the many and varied monuments, from the cathedral with its Romanesque choir, to the neoclassical Stock Exchange and the typically Portuguese Manueline-style Church of Santa Clara.”

Justification for Inscription

“The Committee decided to inscribe the nominated property on the basis of cultural criterion (iv) considering that the site is of outstanding universal value as the urban fabric and its many historic buildings bear remarkable testimony to the development over the past thousand years of a European city that looks outward to the west for its cultural and commercial links.”

- <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-do-porto>

CENTRO HISTÓRICO DO PORTO

[Data de inscrição: 1996 | Critérios: (iv)]

“O Centro Histórico do Porto desenvolveu-se a partir de um pequeno núcleo situado no morro da Sé, no qual se documenta uma ocupação humana que remonta ao 1.º Milénio a.C. As sucessivas ocupações fizeram convergir os mais variados interesses sociais e económicos que foram ampliando e modificando a cidade.

Lugar de grande valor estético, apresenta um tecido urbano e inúmeros edifícios históricos que testemunham o seu desenvolvimento ao longo de mais de mil anos. Obra-prima da criatividade humana, na articulação harmoniosa das ruas com o espaço envolvente e em especial com o rio Douro e Vila Nova de Gaia, apresenta uma unidade visual que lhe atribui um dos seus aspetos mais importantes, o cariz panorâmico.

Organismo vivo, integrado numa área ativa da cidade, tornou-se “um valor universal excecional” reconhecido e que merece especial proteção e valorização.”

Guias de percursos para jovens pelo Centro Histórico do Porto Património Mundial

“Porto Património Mundial passo a passo. Da Estação de S. Bento à Casa do Infante” e “Porto Património Mundial. Da Praça dos Leões à Casa do Infante”, são dois guias de apoio a dois percursos pelas zonas mais antigas e carismáticas do Centro Histórico do Porto Património, o Morro da Sé e o Morro da Vitória, que foram concebidos para jovens entre os 9-15 anos, cujos conteúdos para além das referências históricas mais importantes destes locais, têm propostas de actividades lúdicas e pedagógicas que visam sensibilizar os mais novos para a importância de proteção, preservação e salvaguarda do Património.”

- <http://www.turismodeportugal.pt>
(http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoenovacao1/Documents/BrochuraRTPM_NortePortugal.pdf)

“O Porto, a capital da região, tem uma localização privilegiada enquanto cidade atlântica sobre a contida foz de um imenso rio ibérico: o Douro. Cidade granítica, emerge desta interface entre mar e rio que se expandiu de morro em morro nas duas margens do rio, erguendo sucessivos anéis de muralhas. Cidade ribeirinha que já foi porto, diz-se liberal e combativa. O clima é ameno, por vezes húmido. Prolífero em património arquitetónico de várias épocas – civil e religioso –, o Porto é particularmente cénico, beneficiando de efeitos de luz únicos, que encontram verdadeiros espelhos nas águas do rio e do mar e no céu. Visitar o Porto implica disponibilidade de tempo para percorrer o espaço público, sentir os espaços interiores, ouvir os sons e deixar o olhar aperceber-se do todo e do detalhe. O Porto convida a voltar.”

Centro Histórico do Porto

“O Porto é uma cidade cuja história e vida estão profundamente ligadas ao rio Douro, rio de mau navegar, que serpenteante e orgulhosamente ostentando as suas seis pontes, convida a observar... observar a ponte D. Luís, erguida com base nos modelos da arquitetura do ferro, que liga à cota alta e à cota baixa as margens da cidade do Porto e de Vila Nova de Gaia. Ambas têm história e estórias para nos contar, ambas as margens nos convidam a parar.

Saindo do Mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Pilar, pelo tabuleiro superior da ponte, cedo chegamos à Sé do Porto, símbolo daquela que foi em tempos a cidade episcopal. Aqui começou o povoamento da Cidade Invicta, no Morro da Pena Ventosa, o penhasco dos vendavais. Aqui, a Muralha Fernandina, testemunho remanescente da estrutura defensiva da época Medieval, lembra-nos bem o tempo em que o Porto se resguardava das ofensivas e dos ataques inimigos, em tempos em que a fé cristã se implantava de forma significativa. Afrontando o poder episcopal, as Ordens Mendicantes implantam-se na cidade e fundam-se os respetivos mosteiros: Santa Clara na cidade alta e São Francisco na cidade baixa, cidade burguesa e mercantil.

O Porto é uma das raras cidades europeias que conserva ainda as estruturas portuárias medievais – nas proximidades da Praça da Ribeira –, o seu centro de cunhagem da moeda e a bolsa do comércio do século XV – a Casa do Infante. Pela sua localização estratégica, esta zona da cidade assumiu, até aos dias de hoje, um papel preponderante ao nível da atividade económico-mercantil do Porto e, até, da região envolvente. O Palácio da Bolsa (Associação Comercial do Porto), o Mercado Ferreira Borges e o edifício dito da Alfândega Nova, às portas de Miragaia, bem o atestam.

Nos finais da Idade Média, a cidade começou a crescer para além da cidade alta - cidade episcopal - e da cidade baixa-cidade burguesa e mercantil. O morro que em tempos se chamou do Olival, hoje designado da Vitória, conheceu, a partir do século XIV, uma nova dinâmica urbana, fruto da criação da Judiaria Nova, em rua onde se instalaria o Mosteiro de São Bento da Vitória. No século XVIII, a Igreja dos Clérigos, com sua casa e torre, homenageando pela sua arte a fé cristã, vai assinalar definitivamente a personalidade do lugar e definir a imagem de marca da cidade. É uma obra da autoria do arquiteto Nicolau Nasoni, também responsável pelo risco da fachada da Igreja da Misericórdia, na rua das Flores, marcada pela habitação nobre e de aparato, eixo de ligação da baixa portuense com a parte alta da cidade.

Ao poder da fé faz frente o poder dos homens, de que a Antiga Cadeia e Tribunal da Relação, voltada ao jardim conhecido como da Cordoaria, é um bom exemplo. Nas suas proximidades, o Hospital Geral de Santo António assume-se como um ex-libris da cidade, ostentando orgulhosamente a sua arquitetura neo-palladiana, num projeto da autoria do arquiteto inglês John Carr.

Já no coração da cidade, a Estação de São Bento, uma das mais belas e originais do mundo, desenhada pelo arquiteto portuense José Marques da Silva, testemunha o ecletismo que tem vindo a marcar a cidade do Porto, a sua essência e o seu espírito. Aqui impera a influência do estilo beaux-arts de inícios do século XX. Ultrapassando a Avenida dos Aliados, coração da cidade e seu centro cívico, cedo chegamos à Livraria Lello, do início do século XX, uma das mais belas do mundo. Este espaço seduz-nos a entrar e a ler.

Na margem gaiense, as Caves de Vinho do Porto, na zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia, convidam a provar o vinho que adotou o nome da cidade que o armazenou e o comercializou. Muito mais se pode descobrir e apreciar no Centro Histórico do Porto. Mas também muito se pode ver na sua envolvente, onde outros monumentos, galerias e museus fazem parte da oferta cultural multifacetada. Aqui a música encontrou uma casa – Casa da Música; a arte contemporânea encontrou um espaço (ou múltiplos espaços) de acolhimento, de vivência e

de comercialização – Museu de Serralves; a gastronomia encontrou um caminho muito próprio, que vai da mais pequena tasca de bairro ao restaurante gourmet; a vida noturna assumiu uma personalidade muito própria; os equipamentos universitários e culturais são já uma referência ao nível mundial.

O Porto convida, de facto, a (sempre) voltar!”

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>
- <https://www.visitportugal.com/pt-pt/destinos/porto-e-norte>

Porto e Norte

“Portugal nasceu no norte. Foi na região Porto e Norte que os portugueses começaram enquanto povo e nação. Aqui aprendemos o valor da diferença mas também a complementaridade das culturas.

O Porto, cidade Património Mundial, é a grande porta de entrada e pode ser ponto de partida para uma viagem pela diversidade natural e cultural da região. É conhecido pelo vinho que daqui parte para todo o mundo, mas também pela Escola de Arquitetura, donde saíram os nomes de Álvaro Siza Vieira e Souto de Moura, ambos Prémios Pritzker. E ainda por um património que sabe combinar a antiguidade de igrejas e monumentos, como a Sé ou a Igreja de S. Francisco, com a contemporaneidade de edifícios marcantes como a Casa da Música, o Museu de Serralves e outros.”

Porto Top 10

“Cidade de espírito cosmopolita, o Porto tem sido reconhecido internacionalmente como um destino a descobrir e é uma escolha preferencial para muitos turistas e viajantes. Em 2017, foi eleito Melhor Destino Europeu por turistas de todo o mundo.

Numa visita à cidade, há muitos motivos que estão no topo de todas as preferências. Por isso, num top 10 do Porto indicamos os principais pontos de interesse, na sua maioria situados no centro histórico, classificado Património Mundial pela Unesco.

O Porto em poucos dias

“Nuns breves dias de visita ao Porto, há locais que não podemos deixar de conhecer. No dizer de muitos visitantes, esta cidade tem algo de místico que dificilmente se consegue descrever e que varia conforme o local, a hora e a luz do dia.

Mas que passa seguramente pelas pessoas, conhecidas por serem liberais e afáveis no trato, assim como pelo Douro e o património das duas margens, com as suas pontes e monumentos, azulejos, varandas floridas e ruas de comércio. O centro histórico do Porto e a margem do rio Douro do lado de Gaia, onde ficam as caves do vinho do Porto, estão classificados Património Mundial.

A Estação de S. Bento, com o átrio forrado a azulejos, é ideal para iniciar um percurso. Pouco mais à frente fica a Sé, a não perder, de cujo terreiro se oferece a primeira vista sobre o rio, o casario e a outra margem. Dali podemos descer por escadinhas e ruas medievais até à Ribeira, com esplanadas e recantos pitorescos. Vale a pena ficar um pouco para sentir o ambiente e absorver o rio com a ponte D. Luís e a margem em frente, antes de entrar num cruzeiro sob as seis pontes do Porto. Depois de se ver do rio a silhueta do casario e das torres das igrejas, espera-nos o interior dourado da Igreja de S. Francisco. Bem próximo podem espreitar-se mais igrejas e monumentos, azulejos nas fachadas e visitar o Palácio da Bolsa. O elétrico parte junto ao rio para um percurso que segue até à Foz, onde se pode passear a pé e encher os pulmões de ar do mar. Ali começa a Av. da Boavista. Não longe fica Serralves, com jardins para passear ou descansar e exposições de arte contemporânea. O museu é obra de Álvaro Siza Vieira, um dos mais destacados arquitetos da Escola de Arquitetura do Porto, galardoado com o prémio Pritzker.

Junto à Rotunda da Boavista fica a Casa da Música, que se impõe pela sua forma arquitetónica e cartaz cultural. Nesta zona encontram-se boas lojas para compras. Mas também se encontram junto à Av. dos Aliados. No caminho ficam os jardins do Palácio de Cristal, com outra panorâmica sobre o rio, e o Museu Soares dos Reis. Outro jardim, cheio de esculturas, é o da Cordoaria, envolvido por igrejas e outros monumentos. Vale a pena subir à Torre dos Clérigos para nova vista sobre o Porto. Logo ali, a livraria Lello que inspirou histórias de Harry Potter. Continuamos a pé até aos Aliados, passando por lojas e prédios arte-nova. Após conhecer esta vasta avenida, vale a pena seguir até à Rua de Santa Catarina, só para peões, para fazer compras à vontade. O Café Majestic é ideal para uma pausa.

Ainda falta ir à margem sul do rio para visitar as caves do vinho do Porto e provar o vinho no seu ambiente peculiar. A partir da Ribeira, podemos atravessar a pé a ponte D. Luís e ver deste lado, uma das mais bonitas vistas sobre o Porto. E ainda se pode passear no teleférico de Gaia, que sobe e desce deste lado do rio.

Em termos gastronómicos, este lado do cais é uma boa opção, mas a Ribeira também ferveilha de restaurantes e esplanadas, tal como a Foz, com belas vistas sobre o mar. Portugal conquista os turistas pela sua gastronomia, mas isso ainda é mais verdade no Porto e na região norte. Em qualquer restaurante, mais requintado ou mais popular, há a certeza duma boa refeição acompanhada pelos excelentes vinhos do Douro, ou pelo fresco vinho verde, característico da região.”

Porto – Itinerário Acessível

“Em poucos dias ou num fim-de-semana prolongado, não deixe de conhecer os encantos do Porto. No centro histórico, a Estação Ferroviária de São Bento é um ponto de chegada e uma

referência geográfica, de onde partem os três itinerários que sugerimos para visitar a cidade, assinalando os pontos de interesse mais importantes.

No geral, a cidade do Porto é acessível e dispõe de pavimentos em bom estado de conservação e maioritariamente regulares, em que os materiais utilizados com mais frequência são a calçada em basalto ou calcário e as lajes em granito, permitindo uma circulação estável e confortável para o visitante. No entanto, a inclinação de algumas ruas do centro histórico são uma condicionante a ter em conta, por dificultar a experiência. Quanto aos passeios, na generalidade, são amplos e regulares. As passeadeiras encontram-se rebaixadas ou niveladas, facilitando a travessia e uma percentagem considerável já dispõe de sinalização tátil, tornando mais seguro o percurso, assim como de avisos sonoros, indicativos do tempo disponível para a passagem do peão.

Começamos por visitar o centro histórico e descer até à Ribeira, junto ao rio, para depois visitar a zona mais comercial da cidade, entre o Bolhão, Santa Catarina e a Batalha, com possibilidade de atravessar o rio para Vila Nova de Gaia, até à Serra do Pilar, e desfrutar de uma vista surpreendente sobre a cidade. O terceiro itinerário passa por monumentos de referência como a Torre dos Clérigos, um ex-libris do Porto, pelo Museu Nacional de Soares dos Reis e termina nos agradáveis Jardins do Palácio de Cristal.

Existem muitos outros pontos de interesse que não foram integrados nestes percursos e entre os quais vale a pena referir, por exemplo, a zona da Foz do Douro, a Casa da Música e o Museu de Serralves. São locais acessíveis que não pode deixar de visitar e onde pode chegar através dos transportes públicos regulares ou em meio próprio.

Poderá consultar os itinerários com mais detalhe nos separadores que encontra no topo e no mapa disponível na lista de Conteúdos Relacionados, no final desta página. No separador “Informações úteis” irá encontrar referência aos transportes públicos acessíveis, o que o poderá ajudar a planear a viagem e a visita da cidade.”

Nome: Porto - Promotores Oficiais - Monumentos

Criado em: 23/02/2018 11:09:56

Criado por: C

Modificado em: 02/03/2018 16:07:04

Modificado por: C

Tamanho: 42 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Porto:

- <http://www.visitporto.travel>
- <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/ListaVisit.aspx?AreaType=1&Area=8&Page=1>

Património Mundial

Antigo Clube Inglês

“Típica moradia burguesa de cunho solarengo que voltada a oeste tem uma ampla vista sobre o rio Douro. Teve como hóspedes uma família de comerciantes da cidade, a Congregação de São Bernardo e o Clube Inglês do Porto. Ao lado, um terraço da casa assenta sobre uma das torres da velha muralha fernandina. Esta torre, com 15 metros de altura, é visível das Escadas do Caminho Novo e é uma preciosa relíquia da muralha do século XIV. Actualmente na posse do Estado, alberga uma organização de carácter social e de beneficência, a Ordem de Malta.”

Antigo Edifício do Governo Civil

“Construído no séc. XVIII (1790), para servir de Casa Pia, exteriormente, merece destaque o corpo central da fachada, onde se recorta um sóbrio frontão. O edifício teve várias utilizações desde prisão de recrutas e criminosos militares, a Quartel General e sede de Governo Civil.”

Arco ou Porta de Sant'Ana

“O Arco de Sant'Ana das Aldas era uma das quatro portas da velha cidade do Porto, aquela que estava vocacionada para o acesso à zona ribeirinha e mercantil da cidade. Arco de arquitectura simples, era estreito, um pouco tortuoso e alto. No entanto o seu carácter e a sua feição especial, contribuíam poderosamente para dar à rua, um tom gracioso, pitoresco e original. O Arco começou a ser demolido em 1821, e como recordação da Santa, que lhe deu o nome, não ficou mais do que uma reduzida imagem, metida num pequeníssimo santuário de madeira envidraçada, que ainda actualmente se vê, pendurado ou cravado na parede, junto às escadas de pedra que da Rua de Sant'Ana dão comunicação para a Rua de Pena Ventosa.”

Capela de Nossa Senhora do Ó

“Antiga capela de N^o Sr^a da Piedade ou do Cais, deve o seu nome ao facto de ter sido transferida para aqui a imagem da Senhora do Ó, proveniente da capela da Porta da Ribeira, demolida em 1821. O edifício data do séc. XVII, tendo sido remodelado no séc. XIX após a destruição ocorrida durante as lutas liberais. No interior, destaca-se um retábulo em talha de inícios do séc. XVIII, da autoria de João da Costa.”

Capela de Nossa Senhora do Patrocínio

“Esta ficava próxima das antigas cadeias e, segundo a tradição, o ferro Igreja de traça barroca, construída na segunda metade do séc. XVIII. Para aqui se transferiu o Recolhimento do Ferro, inicialmente situado na Rua Escura. Segundo um autor do século XVIII, o nome advém-lhe de um ferro que atravessava a porta da primitiva igreja, e livrava da morte os condenados que o alcançassem.”

Capela Nossa Senhora da Silva

“Edifício onde funciona, desde o século XV, a Confraria de Nossa Senhora da Silva. Na fachada, ao nível do 1^o andar, encontra-se um oratório do século XVIII com as imagens de N^a Sr^a da Silva, S. João Baptista e S. Baldomero, protegido por uma cobertura em talha. Dentro do edifício encontra-se a capela da confraria, que juntamente com uma albergaria, era administrada pelos ferreiros, caldeireiros e anzoleiros da Cidade.”

Casa da Câmara

“A origem da Casa da Câmara remete para o séc. XV, tendo sido erguida encostada à muralha primitiva da cidade. Considerada como primeira sede do poder autárquico ou municipal, era designada por Torre da Relação e as obras da sua manutenção foram financiadas pela Imposição do Vinho. A designação popular de Casa dos 24 deve-se ao facto de aí se reunirem os 24 representantes dos vários mesteres (ofícios) da cidade do Porto. Sofreu um violento incêndio em 1875, permanecendo em ruínas até o ano 2000, altura em que todo o edifício foi reconstruído segundo o projecto do arquitecto Fernando Távora. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Casa da Rua da Reboleira, nº 55

“Interessante exemplar da arquitectura civil dos finais da Idade Média. É um dos maiores edifícios da zona e contém elementos de várias épocas. Ao nível da cave vêem-se estruturas medievais que poderão remontar ao século XIV. A fachada da rua da Reboleira mantém ainda no rés-do-chão os portais góticos. Os andares superiores foram transformados, possivelmente no século XVII, assim como o próprio coroamento das ameias.”

Casa da Rua da Reboleira, nº 59

“Grande casa ameada, construída talvez no séc. XIV, conserva ainda quase intacta a estrutura original de casa-torre.”

Casa da Rua de São Miguel

“Na esquina com a Rua de São Bento da Vitória, no n.º 4, encontra-se a Casa da Rua de S. Miguel. Os azulejos que a tornam especial e diferente, do século XIX, representam episódios da vida de Nossa Senhora e do quotidiano em geral. A Rua de São Miguel constituía um dos principais arruamentos da Judiaria Nova do Olival, criada em 1386 por ordem de D. João I.”

Casa de Almeida Garrett

“Edifício setecentista, característico da reforma urbanística dos Almadas, onde nasceu João Baptista de Almeida Garrett, a 4 de Fevereiro de 1799, e onde viveu até 1804. A meio do primeiro andar foi colocado, pela Câmara Municipal do Porto, em 1864, um medalhão oval, em gesso, decorado com festões de folhas de louro, contendo uma inscrição em homenagem à memória do escritor.”

Casa do Beco dos Redemoinhos

“Casa de aspecto flamengo, com a chaminé colocada ao cimo da fachada e bem no meio desta, como é característica deste género e que se pensa ter sido construída na primeira metade do século XIV. A fachada, meio escondida atrás da capela-mor da Sé, dava outrora para um animado largo do burgo, limitado a ocidente pela desaparecida charola da catedral.”

Casa do Infante / antiga Alfândega Régia

“Edifício onde, segundo a tradição, terá nascido o Infante D. Henrique. Foi mandada construir em 1325 por D. Afonso IV e funcionava como habitação régia, Casa da Moeda e Alfândega régia, mantendo a sua actividade até 1859. Hoje é sede do Arquivo Histórico do Porto, que reúne importantes documentos históricos, como a Carta de Foral da Cidade. Escavações realizadas no edifício descobriram vestígios de ocupação romana, visíveis no museu aí criado. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Cerca Medieval da Sé

“A primeira cinta de muralhas circundava o Morro da Sé, na zona elevada da Pena Ventosa, local de grande importância estratégica para o controlo da passagem do Douro. Sobrevivendo apenas alguns pequenos troços, em parte escondidos pelo casario, a muralha primitiva poderá ter sido edificada pelos romanos, tendo sido reconstruída no séc. XII. Esta cerca tinha quatro portas ou entradas. É possível ver um pequeno trecho desta muralha junto à Sé, assinalado por uma placa identificativa.”

Estação de São Bento

“Foi edificada no princípio do séc. XX no preciso local onde existiu o Convento de S. Bento de Avé-Maria, com cobertura de vidro e ferro fundido, da autoria do arquitecto Marques da Silva. O átrio está revestido com vinte mil azulejos historiados, do pintor Jorge Colaço, que ilustram a evolução dos transportes e cenas da história e vida portuguesas.”

Feitoria Inglesa

“Projectada por John Whitehead em estilo neopaladiano e construída entre 1785 e 1790, para servir de local de reunião dos homens de negócios ingleses residentes no Porto. Na fachada principal, o rés-do-chão compõe-se de sete arcos que dão acesso à galeria porticada. Em contraste com a sobreloja, o andar principal é formado por altas aberturas, com varandas e frontões. O conjunto é rematado por um ático balaustrado. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Mercado Ferreira Borges

“Construído em 1885 por ordem da Câmara para substituir o velho Mercado da Ribeira. Foi efémera a sua utilização como mercado, tendo sido utilizado para fins diversos. Importante

obra da arquitetura do ferro no Porto, foi restaurado e adaptado para servir como espaço de animação cultural, onde está presentemente instalado o Hard Club.”

Muralha Fernandina

“A muralha Fernandina veio substituir a antiga cerca alto-medieval, que no séc. XIV se mostrava demasiado pequena, face ao desenvolvimento da cidade. Foi reedificada por D. Fernando, de quem conservou o nome, entre 1368 e 1437, com verbas da Sisa do Vinho e tinha uma extensão de 3000 passos e altura média de 30 pés. Era guarnecida de ameias e reforçada por numerosos cubelos e torres quadradas. Presentemente existem ainda dois trechos, um localizado junto à Rua Arnaldo Gama intitulado Trecho dos Guindais e o outro junto das Escadas do Caminho Novo, intitulado Trecho do Caminho Novo. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Paço Episcopal

“Parece ter sido construído no séc. XIII, embora possa assentar numa construção anterior. Em 1737 foi remodelado sendo as transformações atribuídas a Nicolau Nasoni. A fachada principal é aberta por um arco pleno ladeado por pilastras e rematada por um frontão guarnecido. A janela central tem uma balaustrada de pedra e no frontão, que excede o entablamento, vê-se as armas do Bispo D. Rafael de Mendonça. As fachadas laterais apresentam igualmente janelas emolduradas com aparatosos frontões. Faça a visita virtual através do link: <http://www.diocese-porto.pt/visitavirtual/>”

Palácio da Bolsa

“Monumento Nacional, o Palácio da Bolsa, propriedade e sede da Associação Comercial do Porto, foi projetado por Joaquim da Costa Lima em estilo neoclássico, em 1842. Situado no centro histórico da cidade, é um dos monumentos mais visitados, nele se destacando o famoso Salão Árabe. Centro Cultural e de Conferências, o Palácio da Bolsa é um espaço com condições únicas para a realização de eventos, e iniciativas que tenham a excelência por atributo. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho. Acessível a pessoas com mobilidade reduzida por entrada lateral.”

Palácio de S. João Novo

“Casa apalaçada, construída no séc. XVIII, em estilo barroco, quase encostada à Muralha Fernandina. Há quem atribua o seu desenho a Nicolau Nasoni, mas tal facto não está provado. O edifício serviu de habitação a ilustres famílias do Porto, como evidencia o brasão em granito colocado sobre a porta principal. Já funcionou como hospital militar para as tropas liberais na altura do Cerco do Porto, como Tipografia Comercial Portuense e como Museu de Etnografia e História. Devido a sinais de degradação potenciados por um incêndio ocorrido em 1984 o Palácio encontra-se encerrado desde 1992.”

Pilares da Ponte Pênsil

“Obra da firma francesa Claranges Lucotte e C^a, abriu ao público em 1843, dando cumprimento à necessidade da construção de uma ponte permanente que fizesse a ligação entre Porto e Vila Nova de Gaia. Dizia-se, no entanto, que a ponte tremia como 'varas verdes', pelo que esta insegurança ditou a sua curta existência, de 44 anos. Acabou por ser desactivada em 1887 e substituída pela Ponte de Luiz I. Actualmente restam apenas dois pilares em pedra, em forma de obelisco.”

Postigo do Carvão

“Das 18 portas e postigos das Muralhas Fernandinas, construídas no séc. XIV em torno da cidade do Porto, o Postigo do Carvão é o único que sobreviveu até aos nossos dias. Através deste postigo, situado na imediação da actual Praça da Ribeira, era feita a ligação da Rua da Fonte Taurina ao Cais da Ribeira, onde atracavam os barcos no rio Douro.”

Reitoria da Universidade do Porto

“Projecto de Carlos Amarante, em estilo neoclássico, financiado com o Subsídio Literário, imposto sobre o vinho, 1803. O edifício rectangular, de estilo clássico, apresenta semelhanças com o Hospital de Santo António. Em 1911 albergou a Faculdade de Ciências e actualmente está instalada neste edifício a Reitoria da Universidade do Porto e o Museu de História Natural da Universidade do Porto. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Torre de D. Pedro Pitões

“Casa-torre medieval descoberta durante os trabalhos de demolição no local onde foi construído o Terreiro da Sé, na década de 1940. Foi, então, completamente reconstruída, estando deslocada do sítio original uns 15 metros. Edifício quadrangular, dividido por dois pisos, com uma porta ogival a sul e uma varanda de pedra, de feição gótica, a Norte. No seu interior esteve, até 1960, o Gabinete de História da Cidade, motivo pelo qual este edifício era também conhecido por Torre da Cidade. Depois do 25 de Abril de 1974 a Casa Torre foi ocupada pela população, que nela instalou o Centro Social e Cultural da Sé. Aqui funciona o Posto de Turismo Oficial da Sé no seguinte horário: nov-abr todos os dias 09:00-19:00; mai-out todos os dias 09:00-20:00.”

Torre do Barredo

“O edifício nº 5 da Rua de Baixo representa o mais antigo exemplar da arquitectura civil do período medieval sobrevivente no quarteirão do Barredo, devendo a sua construção remontar ao séc. XIII.”

Torre dos Clérigos

“Obra barroca, da autoria de Nicolau Nasoni, construída na primeira metade do século XVIII. A Torre é um dos monumentos mais emblemáticos da cidade do Porto. A vista panorâmica sobre a cidade e o rio Douro, que se alcança do alto da Torre, vale bem o esforço de subir a escadaria com cerca de 240 degraus. Aproveitando os recentes trabalhos de renovação e reconversão de um dos mais prestigiados edifícios da cidade do Porto, apoiados num projeto que cedo resolveu os constrangimentos de acessibilidade do complexo, foi instalado de um posto de perceção multissensorial que simulasse a experiência de subida à Torre do Clérigos, acessível e disponível a todos os visitantes. Presente no edifício dos Clérigos encontra algum do Acervo da Irmandade e a Coleção dos Christus, onde pode fazer uma viagem pelo tempo e pelo espaço, onde a arte e a religião se complementam.”

Capela de São Sebastião

“A Capela de São Sebastião foi mandada edificar pelos Ermitas Descalços de Santo Agostinho, na entrada da Rua de São Sebastião, e fazia parte de um conjunto de pequenos oratórios, 'Passos', ligados à Procissão dos Passos que esta congregação realizou até 1832.”

Catedral

“Construção do século XII/XIII, em estilo românico, foi sendo alvo de ampliações e renovações ao longo dos tempos até à sua alteração final, numa reconstituição idealizada da catedral medieval, já no século XX. Destaca-se: do século XIV, de estilo gótico, o claustro e a Capela de São João Evangelista; a ampliação da capela-mor, a Capela do Santíssimo Sacramento e seu altar de prata, do século XVII, ao estilo maneirista; do barroco, século XVIII, os frescos da capela-mor e a sacristia, da autoria de Nicolau Nasoni, bem como os azulejos do claustro, de Vital Rifarto; já do século XIX, a escultura de Teixeira Lopes (pai) na Capela Batismal.”

Igreja de Nossa Senhora da Vitória

“Edificada em 1755, por iniciativa do bispo D. Frei António de Sousa, para substituir o antigo templo, as obras terminaram em 1769. Esta igreja foi bastante afetada durante o Cerco do Porto e por um incêndio que deflagrou em 1874 e que destruiu o altar-mor. Destaca-se no seu interior as talhas dos altares, dos púlpitos e da sanefa do arco cruzeiro, desenhada e executada pelos mais notáveis artistas do rocó português - Francisco Pereira Campanhã e José Teixeira Guimarães. A escultura da Virgem do altar-mor é da autoria do escultor Soares dos Reis, exceto o rosto encomendado a um santeiro local.”

Igreja de S. Lourenço

“Iniciada a construção no século XVI, esta igreja ostenta uma monumental frontaria bem ao gosto do estilo maneirista barroco-jesuítico que a caracteriza. Na fachada são visíveis as armas dos Távoras e um dos seus fundadores encontra-se sepultado no seu interior. O altar de Nossa Senhora da Purificação é uma bela peça joanina.”

Igreja de Santa Clara

“Edifício de origem gótica, cujo interior foi revestido a talha dourada, na primeira metade do século XVIII. A construção data da primeira metade do séc. XV. Sofreu alterações na época moderna, altura em que foi edificado o belo portal renascentista. Verdadeira jóia do Barroco, impressiona pela sua exuberância decorativa.”

Igreja do Convento de S. João Novo

“Igreja do séc XVII, cuja fachada apresenta grandes semelhanças com a Igreja de S. Lourenço. De realçar o retábulo-mor, uma bela peça rocó, os azulejos representando a vida de Santa Rita de Cássia e a imagem de Nossa Senhora da Guia.”

Igreja Monumento de S. Francisco de Assis / Percurso Museológico de São Francisco de Assis no Porto

“Principal templo em estilo gótico existente na cidade, cuja construção se iniciou no século XIV. É uma das mais importantes obras do Barroco, pelo seu interior em talha dourada, dos séculos XVII e XVIII. Foi a exuberância de dourado que levou o Conde de Raczinsky, a descrevê-la como a «igreja de ouro». E, deslumbrado acrescenta: «A talha desta igreja é de uma riqueza e de uma beleza que ultrapassa tudo quanto vi em Portugal e em todo o mundo». De destacar a Árvore de Jessé, bem como o Cemitério Catacumbal. É Monumento Nacional desde 1910 e Património Cultural da Humanidade - UNESCO desde 1996.”

Igreja Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto

“A igreja começou a ser construída aproximadamente em 1550 ao estilo renascentista. Na capela-mor, que apresenta, atualmente, um retábulo neoclássico, foi utilizada a mesma

solução utilizada no Mosteiro dos Jerónimos, mas de dimensões mais reduzidas. Em 1740 a igreja ameaçava ruína, tendo sido os desenhos de Nicolau Nasoni os escolhidos para a nova fachada do edifício, entre os de vários especialistas. A fachada caracteriza-se pelo virtuosismo da sua decoração. O interior do templo, apesar do aditamento decorativo barroco, nomeadamente no arco triunfal e à volta da cornija, mantém a austeridade que caracteriza a arquitetura maneirista.”

Arqueossítio da Rua D. Hugo nº 5

“A casa original, encostada à Cerca Primitiva da cidade, era de traçado gótico, mas foi destruída. No entanto, foi aproveitada uma das suas paredes originais para a construção de um novo edifício. Destas escavações detectaram-se em mais de três metros de profundidade, vinte camadas arqueológicas, integrando ruínas arquitectónicas e objectos desde os séculos IV-III A.C. até à actualidade. Aqui, foram, pela primeira vez identificados, com segurança, vestígios do castro proto-histórico que esteve na origem do centro urbano, bem como das ocupações romana e alti-medieval que lhe sucederam. Visita mediante marcação prévia na Casa Museu Guerra Junqueiro.”

Casa do Infante - Museu

“A Casa do Infante, assim designada por aí ter nascido Henrique o Navegador, é um complexo de edifícios que foram sendo construídos para albergar os serviços da Coroa no Porto. A sua história remonta a 1325, quando o rei D. Afonso IV mandou construir o 'Almazem' régio, contra a vontade do Bispo, então senhor do Burgo. O edifício foi objeto de um processo de reabilitação e musealização e hoje oferece um conjunto de valências diversificadas: Museu; Arquivo Histórico Municipal; Biblioteca de Assuntos Portuenses; Sala Memória; Sala de exposições e Auditório. O Museu integra o Centro Interpretativo 'O Infante D. Henrique e os Novos Mundos', onde se dá a conhecer o Infante D. Henrique percorrendo diacronicamente a sua iconografia até à contemporaneidade e revisitando os principais marcos dos Descobrimientos Portugueses, com destaque para o papel da cidade e das gentes do Porto; a ocupação Romana, constituída pelos vestígios das construções romanas dos séculos IV-V ; a Alfândega Régia, criada por D. Afonso IV em 1325; e a Casa da Moeda, que iniciou o seu funcionamento em 1369.”

Casa Museu Guerra Junqueiro

“Casa Museu Guerra Junqueiro, Museu de Artes Decorativas. Erguida no antigo burgo medieval, a casa setecentista de estilo barroco portuense, apresenta importantes coleções de artes decorativas nacionais e estrangeiras que abrangem períodos compreendidos entre o século XV e XIX. Abílio Manuel Guerra Junqueiro foi escritor e poeta, colecionador, político, viticultor, cientista e pensador. As suas coleções de artes decorativas resultam da doação feita por Maria Isabel Guerra Junqueiro e sua mãe à Câmara Municipal do Porto, de aquisições e de um depósito suplementar das doadoras. A coleção de escultura e parte da coleção da arte do metal constituem um depósito suplementar do Museu Nacional de Arte Antiga, resultam do legado do Poeta a este museu nacional.”

Tesouro da Sé

“Em quatro saletas abobadadas, e nove grandes vitrinas podem ver-se objectos de ourivesaria, paramentaria e livros litúrgicos, relativos ao culto catedralício.”

Alminhas da Ponte

“Quase no extremo do muro da Ribeira, um baixo relevo do escultor Teixeira Lopes relembra a morte das centenas de pessoas que, para fugir às tropas de Soult, se precipitaram para a Ponte das Barcas, provocando o seu afundamento. A população local mantém, com velas acesas, a memória da tragédia.”

Chafariz da Rua das Taipas

“Construído em 1772, pelos moradores do Postigo das Virtudes, foi substituído pelo actual nos fins do séc. XVIII, com elementos neoclássicos.”

Chafariz da Rua Escura

“Também conhecido como Fonte de S. Sebastião ou do Pelicano, datado do séc.XVII, esteve, inicialmente, na Rua Escura, mas em 1940 foi transferida para o local em que se encontra, na Rua Pena Ventosa. Compõem-no duas figuras femininas simétricas, que "suportam" o friso decorativo superior, onde se vêem as armas Reais. No centro vê-se um pelicano (símbolo da Misericórdia) com um furo no peito, pelo qual primitivamente jorrava a água.”

Chafariz de S. Miguel-o-Anjo

“Este chafariz, do séc. XVIII, atribuído a Nicolau Nasoni, apresenta uma interessante moldura constituída por uma grade de ferro forjado e um relevo em mármore incrustado na parte superior da bica. A rematar o conjunto uma pequena escultura do anjo S.Miguel no topo da coluna.”

Rua das Flores

“A Rua de Santa Catarina das Flores foi aberta em 1521 por iniciativa de D. Manuel. A abertura desta rua ocorre num período de prosperidade económica e consolidação do desenvolvimento urbano do burgo, atraindo a aristocracia da cidade que se fixa nesta artéria, transformando-a numa das mais ativas comercialmente por oposição à Rua dos Mercadores que, então, entra em declínio. Esta rua manteve o seu perfil original sendo possível apreciar um interessante conjunto de arquitetura civil dos sécs. XVII, XVIII e XIX e uma das mais emblemáticas fachadas barrocas do Porto - a da Igreja da Misericórdia - da autoria de Nicolau Nasoni (1749-7750). É uma das ruas mais percorridas por quem se aventura na descoberta do Centro Histórico do Porto.”

Rua de São Miguel

“A rua de São Miguel constituía um dos principais arruamentos da Judiaria Nova do Olival, criada em 1386 por ordem de D. João I. Na esquina com a Rua de São Bento da Vitória, no n.º 4, encontra-se a Casa da Rua de S. Miguel. Os azulejos que a tornam especial e diferente, do século XIX, representam episódios da vida de Nossa Senhora e do quotidiano em geral.”

Miradouro - Igreja de Nossa Senhora da Vitória

“Do largo, junto a esta igreja, pode-se apreciar interessantes paisagens quer sobre o casario da Vitória, quer sobre o Rio Douro, desde a Sé e o Paço Episcopal, à Ponte D. Luís I e à marginal de Gaia.”

Miradouro - Muralha Fernandina - Escadas do Caminho Novo

“Descida pela estreita escadaria, enquadrada pela muralha e pelo casario de Miragaia, permite visualizar um pequeno trecho da encosta de Gaia.”

Miradouro - Muralha Fernandina - Guindais

“Deste troço de muralha avista-se o Rio Douro desde a Ponte D. Maria Pia, com destaque para a Ponte Luis I e funicular dos Guindais, até ao Cais de Gaia.”

Miradouro - Terreiro da Sé

“O Terreiro da Sé que é enquadrado pelos edifícios da Catedral, Casa do Cabido, Paço Episcopal e Casa da Câmara é o resultado das obras de requalificação de 1940 e que consistiram na demolição de vários quarteirões de origem medieval para dar lugar a um amplo recinto que recebeu em 1945, por iniciativa da Câmara do Porto, um pelourinho. Deste local é possível avistar toda a zona do Barredo, o Rio Douro e a cidade de Gaia.”

Miradouro - Torre dos Clérigos

“Imponente vista panorâmica da cidade com uma amplitude de 360°. Destaca-se particularmente a zona da Baixa e Centro Histórico, avistando-se ainda pequenos trechos do Rio Douro e ao longe o mar. Aproveitando os recentes trabalhos de renovação e reconversão de um dos mais prestigiados edifícios da cidade do Porto, apoiados num projeto que cedo resolveu os constrangimentos de acessibilidade do complexo, foi instalado de um posto de perceção multissensorial que simulasse a experiência de subida à Torre do Clérigos, acessível e disponível a todos os visitantes.”

Ponte D. Luís I

“Projectada pelo Eng.º Teófilo Seyrig, discípulo de Eiffel, inaugurada em 1886, é constituída por dois tabuleiros em ferro sobrepostos. Tem 395 metros de comprimento e 8 de largura, sendo o seu arco ainda hoje considerado o maior arco do mundo em ferro forjado. Actualmente o tabuleiro superior é ocupado por uma das linhas do Metro do Grande Porto, ligando a zona da Catedral no Porto, ao Jardim do Morro e à Avenida da República em Vila Nova de Gaia.”

Chocolataria das Flores

“Inaugurada em março de 2013, a Chocolataria das Flores é uma loja e cafetaria dedicada aos chocolates, biscoitos e compotas artesanais, entre outras iguarias. Para lanchar encontra fatias de bolos caseiros, brownies, queques, torradas em pão de Mafra, acompanhados de um chá ou chocolate quente. Pode até almoçar um menu ligeiro à base de quiches, bola de carne, folhados, cachorros, entre outros, tudo caseiro e confeccionado pela proprietária. Chocolate com Vinho do Porto é uma das combinações irresistíveis que podemos encontrar na Chocolataria das Flores.”

Adega Alfredo

“A Adega Alfredo (O Portista), localizada no centro histórico, é um dos tascos tradicionais da cidade onde é possível saborear diversos petiscos portugueses. As paredes estão revestidas a azulejos azuis e brancos, cheias de quadros, posters, bonecos e referências ao Futebol Clube do Porto.”

O Rei dos Galos de Amarante

“O restaurante Rei dos Galos de Amarante é um restaurante simples e familiar. A aposta gastronómica vai para a cozinha regional portuguesa: Tripas à Moda do Porto (quintas e sextas) e Arroz de Cabidela (por encomenda).”

Petiscaria Santo António

“Na Petiscaria Santo António vimos todos trabalhar com o propósito de responder a uma questão muito importante - o seu apetite! E tem sido assim desde que em 2009, três amigos decidiram recuperar uma velha tasca no Porto, que desde os anos 40 servia os seus petiscos e bebidas, tipicamente portugueses. A questão é que nenhum sabia cozinhar! Mas felizmente, a mãe de um deles sabia e bem as receitas tradicionais portuguesas e assim nasceu na baixa do Porto, um recanto onde o petisco é rei! O Porto pode ser nossa cidade e isso nota-se! Mas os petiscos que servimos e os produtos que disponibilizamos, são de todo o Portugal, desde o chouriço do Alentejo às conservas dos Açores, do vinho do Douro ao queijo das beiras, até às alheiras de Trás-os-Montes, e queremos partilhá-los com todos vocês! Mas basta de falar de nós, falemos de si. Como está o seu apetite?”

Taberna do Largo

“A Taberna do Largo é um espaço onde os vinhos, queijos, enchidos e muitos outros produtos regionais portugueses marcam a sua presença. É possível degustá-los, mas também adquiri-los para os saborear mais tarde, em sua casa. O seu lema é o contacto direto com pequenos produtores de excelência, cujos produtos estão ainda pouco divulgados na nossa cidade, tentando assim ajudá-los nessa mesma divulgação e colocando à disposição de todos, produtos de grande qualidade.”

Casa da Guitarra

“A Casa da Guitarra é uma loja de instrumentos musicais, especialmente, dedicada aos cordofones da música tradicional. A casa da guitarra promove concertos de música tradicional portuguesa, nomeadamente Fado, exposições, aulas de música e workshops. Fado às 6h é um espetáculo de fado tradicional, com duração aproximada de 60 minutos, às quartas, quintas e sextas-feiras.”

Flores Village Hotel & Spa

“A Casa dos Constantinos, um edifício histórico construído no século XVIII, é agora a sua casa em pleno coração do Porto. Um novo conceito de hotelaria que fará de si um portuense de gema habitando um condomínio reservado. Inserido na filigrana da urbe, pode sentir o seu coração a pulsar nos monumentos e museus, nos bares e restaurantes das redondezas. E será o lugar onde vai encontrar o seu refúgio, sempre com vistas privilegiadas. De dia e de noite.”

A House With a View

“Encantador apartamento histórico do século XVIII, restaurado, com um jardim único e uma vista mágica sobre o rio Douro. Situado numa zona do Porto classificada como Património Mundial da UNESCO, é um local perfeito, mesmo no coração da cidade, próximo das principais atrações. A pé ou de transportes públicos, aproveite para explorar o centro da cidade, muito próximo. A apenas 5 minutos a pé da Torre dos Clérigos e da zona do Património Mundial da Ribeira e Margem do Rio Douro e a 15 minutos a pé da estação de metro do Bolhão ou da Trindade. Os autocarros param na Praça da Cordoaria. A menos de 20-30 minutos do aeroporto, de carro ou de táxi.”

Poeta Apartamentos - Apartamento Temático Descobrimientos/Porto/Viagens

“Apartamento T0 com kitchenette totalmente equipada e casa de banho completa com aquecimento. Temático com o tema "Descobrimientos"/"Porto"/"Viagens" portugueses, decoração de estilo clássico e moderno que o irá surpreender, com uma parede de pedra exposta. O 3º piso de um edifício com 3 andares datado de 1873 inserido no Património Mundial da UNESCO, devido à presença em sua estrutura da Muralha Fernandina do século XIV. Acesso por escadas. Inaugurado em 2014 e é um espaço acolhedor de características únicas, o lugar ideal para uma escapadinha a dois. Área:36 m² com muita luz. WiFi gratuito, insonorização e ar condicionado (para frio e quente). Receção para o receber.”

- <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/default.aspx> (Turismo do Município do Porto reencaminha para este site)

Centro Histórico - Sé, Clérigos, Ribeira

Casa da Câmara

“A origem da Casa da Câmara remete para o séc. XV, tendo sido erguida encostada à muralha primitiva da cidade. Considerada como primeira sede do poder autárquico ou municipal, era designada por Torre da Relação e as obras da sua manutenção foram financiadas pela Imposição do Vinho. A designação popular de Casa dos 24 deve-se ao facto de aí se reunirem os 24 representantes dos vários mesteres (ofícios) da cidade do Porto. Sofreu um violento incêndio em 1875, permanecendo em ruínas até o ano 2000, altura em que todo o edifício foi reconstruído segundo o projecto do arquitecto Fernando Távora. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Catedral

“Construção do século XII/XIII, em estilo românico, foi sendo alvo de ampliações e renovações ao longo dos tempos até à sua alteração final, numa reconstituição idealizada da catedral medieval, já no século XX. Destaca-se: do século XIV, de estilo gótico, o claustro e a Capela de São João Evangelista; a ampliação da capela-mor, a Capela do Santíssimo Sacramento e seu altar de prata, do século XVII, ao estilo maneirista; do barroco, século XVIII, os frescos da capela-mor e a sacristia, da autoria de Nicolau Nasoni, bem como os azulejos do claustro, de Vital Rifart; já do século XIX, a escultura de Teixeira Lopes (pai) na Capela Batismal.”

Miradouro - Terreiro da Sé

“O Terreiro da Sé que é enquadrado pelos edifícios da Catedral, Casa do Cabido, Paço Episcopal e Casa da Câmara é o resultado das obras de requalificação de 1940 e que consistiram na demolição de vários quarteirões de origem medieval para dar lugar a um amplo recinto que recebeu em 1945, por iniciativa da Câmara do Porto, um pelourinho. Deste local é possível avistar toda a zona do Barredo, o Rio Douro e a cidade de Gaia.”

Igreja de Santa Clara

“Edifício de origem gótica, cujo interior foi revestido a talha dourada, na primeira metade do século XVIII. A construção data da primeira metade do séc. XV. Sofreu alterações na época

moderna, altura em que foi edificado o belo portal renascentista. Verdadeira jóia do Barroco, impressiona pela sua exuberância decorativa.”

Capela dos Alfaiates ou da Nossa Senhora de Agosto

“Construída em 1554, a capela abriga uma imagem de barro de N^a Sr^a de Agosto na fachada exterior. Projectada e executada por Manuel Luís, marca a transição do tardo-gótico para o maneirismo de inspiração flamenga. Ao centro do retábulo da capela-mor a imagem calcária de N^a Sr^a de Agosto. À direita do Altar-Mor, imagem em madeira de S. Bom Homen (séc. XVII), padroeiro dos Alfaiates. Em 1935, devido às obras de demolição programadas para a abertura do Terreiro da Sé, foi expropriada pela Câmara, e reedificada em 1953 na sua actual implantação. Monumento Nacional desde 1927.”

Teatro Nacional de São João

“Edificado em 1910 sobre as ruínas do Real Teatro que ardeu em 1908, é um edifício clássico, com ornatos alegóricos à dor, bondade, ódio e amor. A fachada principal inspira-se na renovação do estilo Luís XVI, que caracterizou os primeiros anos do século XX, nomeadamente em França. Da autoria de Marques da Silva, é um imóvel de interesse público. Tem como principais objectivos a criação e apresentação de espectáculos de teatro de vários géneros e a promoção do contacto regular dos públicos com as obras referenciais, clássicas e contemporâneas, do repertório dramático nacional e universal. Para além do Teatro Nacional São João, edifício-sede, integram esta estrutura o Teatro Carlos Alberto e o Mosteiro de São Bento da Vitória.”

Igreja de Santo Ildefonso

“Edificada entre 1709 e 1739. A fachada está revestida com azulejos de Jorge Colaço representando cenas da vida de Santo Ildefonso e alegorias da Eucaristia. No interior pode ver-se um retábulo em talha barroca e rococó da primeira metade do século XVIII, com o risco de Nicolau Nasoni.”

Ourivesaria Reis&Filhos

“Em 1880 foi fundada por António Alves dos Reis a ourivesaria Reis & Filhos. Esta loja que se encontra ainda aberta como espaço comercial, construída na esquina da Rua de Santa Catarina com a Rua 31 de Janeiro, ostenta na fachada principal duas deventures (frentes de loja) em ferro fundido que se inscrevem no movimento Arte Nova, como se comprova pelos elementos decorativos que adornam a fachada, em particular o busto feminino do remate superior da moldura de ferro. Estas deventures foram colocadas no edifício em 1905 e foram fabricadas na fundição portuense Companhia Aliança.”

Ourivesaria Cunha

“Localizada a meio da Rua 31 de Janeiro, foi mandada construir em 1914, por iniciativa de Alfredo Pinto da Cunha, fundador da primeira ourivesaria Cunha na Rua do Loureiro. Ostenta fachada com deventures (frentes de loja) em ferro fundido e pedra de lioz. Os vãos das montras de recorte arredondado conferem originalidade ao edifício, são decorados com frisos e grinaldas de flores em ferro. O ferro aplicado neste edifício foi executado na fábrica portuense Companhia Aliança. A fachada recebe um grupo escultórico 'Grupo de Amores' da autoria do escultor José de Oliveira Ferreira. A autoria do projeto da ourivesaria está atribuída

a Francisco de Oliveira Ferreira, irmão do escultor. Este estabelecimento que ainda mantém a sua função original é marcadamente influenciado pelo movimento Arte Nova.”

Casa Vicent

“Foi originalmente uma ourivesaria, passando posteriormente para a propriedade de um comerciante espanhol que colocou o seu nome na fachada principal. A construção terá iniciado em 1914, data em que se documenta o fornecimento do ferro da frente de loja (deventure) por parte da empresa de fundição portuense Companhia Aliança. Notoriamente inspirados pelo movimento Arte Nova são o interior e a fachada da loja. Nesta, amplas molduras curvilíneas de ferro fundido cobrem todo o alçado principal. Estas molduras de ferro, inicialmente douradas, recebem uma decoração de concheados, grinaldas e folhas, elementos decorativos alinhados com o vocabulário Arte Nova. No remate, uma cartela tem inscrito o nome da loja - Vicent. Atualmente o estabelecimento é um pronto-a-vestir.”

Estação de São Bento

“Foi edificada no princípio do séc. XX no preciso local onde existiu o Convento de S. Bento de Avé-Maria, com cobertura de vidro e ferro fundido, da autoria do arquitecto Marques da Silva. O átrio está revestido com vinte mil azulejos historiados, do pintor Jorge Colaço, que ilustram a evolução dos transportes e cenas da história e vida portuguesas.”

Avenida dos Aliados

“A imponência do seu conjunto arquitectónico e o seu carácter central fazem desta Avenida a "sala de visitas" da cidade, sendo o local por excelência onde os portuenses se concentram para celebrar momentos especiais. Edifícios em granito, muitos deles coroados de lanternins, cúpulas e coruchéus. Marcada por uma ampla placa central completamente calcetada por paralelepípedos de granito, onde ganham vida estátuas e onde o Espelho de Água merece destaque. Encontra no seu topo norte o edifício da Câmara Municipal.”

Livraria Lello S.A.

“O atual edifício em que se encontra instalada foi inaugurado em 1906. Distingue-se pela sua belíssima fachada Arte Nova, com apontamentos neogóticos. No seu interior destacam-se a decoração em gesso pintado imitando madeira, a escada de acesso ao piso superior - uma das primeiras construções de cimento armado da cidade do Porto -, e o grande vitral existente no tecto, que ostenta o monograma e a divisa da livraria: "Decus in Labore". Em 2008 o jornal inglês The Guardian considerou-a a terceira mais bela do mundo, a mesma classificação atribuída pelo Lonely Planet, no seu guia "Lonely Planet's Best in Travel 2011", sendo descrita como "uma pérola de arte nova", destacando as "prateleiras neo-góticas" e a "escadaria vermelha em espiral".”

Igreja dos Clérigos

“Obra barroca, da autoria de Nicolau Nasoni, construída na primeira metade do século XVIII, entre 1732 e 1749. A igreja, de invulgar planta oval, tem o seu interior decorado por talha dourada em estilo joanino. Destaca-se o retábulo da capela-mor, em estilo rococó, composto por mármore de quatro cores. Nasoni soube conjugar genialmente o granito, a mármore e a talha dourada, tornando a Igreja dos Clérigos, e todo o conjunto arquitetónico, num dos mais belos templos de feição barroca, e uma referência na história da cidade do Porto. Atualmente

continuam a ser realizadas cerimónias religiosas, assim como eventos culturais, como por exemplo concertos de órgão, orquestras e coros.”

Edifício da ex-Cadeia e Tribunal da Relação do Porto

“Edifício granítico, datado de 1582, reedificado em estilo neoclássico no ano de 1767 segundo o projecto do arquitecto Eugénio dos Santos, por iniciativa de João de Almada e Melo e com financiamento da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Desenvolve-se numa sucessão geométrica de janelas - 103 no total dos pisos. Tem planta poligonal com quatro fachadas, duas delas resguardando as duas funções do edifício: a fachada nobre, na Rua de S. Bento, dá entrada para o sector do Tribunal de Relação. A outra entrada, aberta para a Cordoaria, foi construída para a passagem directa dos presos e é, hoje, a entrada principal do edifício. Aqui cumpriram pena nomes como Camilo Castelo Branco, um dos mais famosos escritores Portugueses, preso por adultério, e o célebre Zé do Telhado, preso por roubo. Entre 1999 e 2002 o edifício sofreu trabalhos de restauro, coordenados por Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira, de modo a adequar-se às actuais funções de Centro Português de Fotografia. Este possui um centro de exposições e são possíveis visitas guiadas ao edifício. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Escadas da Vitória

“Situadas na zona da Vitória, junto à igreja com o mesmo nome, foram até há bem pouco tempo conhecidas como Escadas da Esnoga, fazendo referência directa à sinagoga da Judiaria do Olival (Judiaria Nova). Esta judiaria foi instituída no tempo de D. João I (séc. XIV), estava localizada na Rua de S. Miguel no local onde hoje existe o edifício com o n.º 9. As escadas davam acesso directo ao templo judaico, a partir do Largo de São Domingos.”

Mercado Ferreira Borges

“Construído em 1885 por ordem da Câmara para substituir o velho Mercado da Ribeira. Foi efémera a sua utilização como mercado, tendo sido utilizado para fins diversos. Importante obra da arquitetura do ferro no Porto, foi restaurado e adaptado para servir como espaço de animação cultural, onde está presentemente instalado o Hard Club.”

Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P.

“O edifício onde se encontra instalado o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto foi construído em estilo neoclássico, 1843, para instalação do Banco Comercial do Porto e adquirido em 1933 pelo IVDP. O espaço de promoção do IVDP é composto por uma loja de venda de vinhos, sala de provas e um circuito de visita destinado a dar a conhecer o processo de certificação dos vinhos do Porto e do Douro. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Palácio da Bolsa

“Monumento Nacional, o Palácio da Bolsa, propriedade e sede da Associação Comercial do Porto, foi projetado por Joaquim da Costa Lima em estilo neoclássico, em 1842. Situado no centro histórico da cidade, é um dos monumentos mais visitados, nele se destacando o famoso Salão Árabe. Centro Cultural e de Conferências, o Palácio da Bolsa é um espaço com condições únicas para a realização de eventos, e iniciativas que tenham a excelência por atributo. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho. Acessível a pessoas com mobilidade reduzida por entrada lateral.”

Igreja Monumento de S. Francisco de Assis / Percurso Museológico de São Francisco de Assis no Porto

“Principal templo em estilo gótico existente na cidade, cuja construção se iniciou no século XIV. É uma das mais importantes obras do Barroco, pelo seu interior em talha dourada, dos séculos XVII e XVIII. Foi a exuberância de dourado que levou o Conde de Raczinsky, a descrevê-la como a «igreja de ouro». E, deslumbrado acrescenta: «A talha desta igreja é de uma riqueza e de uma beleza que ultrapassa tudo quanto vi em Portugal e em todo o mundo». De destacar a Árvore de Jessé, bem como o Cemitério Catacumbal. É Monumento Nacional desde 1910 e Património Cultural da Humanidade - UNESCO desde 1996.”

Torre do Barredo

“O edifício nº 5 da Rua de Baixo representa o mais antigo exemplar da arquitectura civil do período medieval sobrevivente no quarteirão do Barredo, devendo a sua construção remontar ao séc. XIII.”

Casa do Infante / antiga Alfândega Régia

“Edifício onde, segundo a tradição, terá nascido o Infante D. Henrique. Foi mandada construir em 1325 por D. Afonso IV e funcionava como habitação régia, Casa da Moeda e Alfândega régia, mantendo a sua actividade até 1859. Hoje é sede do Arquivo Histórico do Porto, que reúne importantes documentos históricos, como a Carta de Foral da Cidade. Escavações realizadas no edifício descobriram vestígios de ocupação romana, visíveis no museu aí criado. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Praça da Ribeira

“Considerada uma das mais antigas praças, mencionada já em 1389, é de origem medieval. Zona de intenso comércio, com tendas de venda e lota do peixe, não passou despercebida a João de Almada e Melo que, no séc. XVIII, a reformulou. As obras realizadas neste século pela Junta das Obras Públicas, sob influência de John Whitehead, foram financiadas pelas rendas do vinho. Do plano original apenas foram concretizadas as frentes norte, com a monumental Fonte da Praça da Ribeira e a poente. A sul, a muralha acabou por ser derrubada em 1821 e a nascente, as construções medievais sobrevivem até hoje. Intervenções arqueológicas na década de 1980 puseram a descoberto, no centro da praça, um chafariz do séc. XVII. Reconstruído no seu local de origem, este foi coroado por uma peça escultórica da autoria de José Rodrigues, conhecida vulgarmente por "Cubo da Ribeira". A 24 de Junho de 2000 foi inaugurada, no nicho da Fonte da Praça da Ribeira, uma estátua de São João Baptista, da autoria do escultor João Cutileiro. Local de visita indispensável, dispondo de muitos espaços de animação nocturna. Ponto integrante da Rota Urbana do Vinho.”

Ponte D. Luís I

“Projectada pelo Eng.º Teófilo Seyrig, discípulo de Eiffel, inaugurada em 1886, é constituída por dois tabuleiros em ferro sobrepostos. Tem 395 metros de comprimento e 8 de largura, sendo o seu arco ainda hoje considerado o maior arco do mundo em ferro forjado. Actualmente o tabuleiro superior é ocupado por uma das linhas do Metro do Grande Porto, ligando a zona da Catedral no Porto, ao Jardim do Morro e à Avenida da República em Vila Nova de Gaia.”

- <http://www.cm-porto.pt/>
<http://www.cm-porto.pt/patrimonios>

Sé Catedral

“Edifício construído no século XII, em estilo românico. Na torre do lado Norte um baixo relevo representando uma embarcação do século XIV simboliza a vocação marítima da cidade. A Sé recebeu importantes beneficiações no período gótico e no século XVIII. No interior destacam-se a sacristia, o claustro, a capela de João Gordo (com um notável túmulo gótico) a Sala do Capítulo e a exposição de Arte Sacra. As pinturas de Nicolau Nasoni, o retábulo-mor em talha dourada e o altar em prata do Santíssimo Sacramento são do período barroco.”

Paço Episcopal

“A construção do primitivo Paço remonta aos séculos XII-XIII. Foi feito de novo nos finais do século XVIII, tornando-se num dos principais palácios da cidade. O projecto é atribuído ao arquitecto Nicolau Nasoni. Nas fachadas pode apreciar-se o notável trabalho de cantaria e, no interior, a escadaria barroca e uma janela do antigo paço medieval.”

Igreja do Colégio de São Lourenço (Igreja dos Grilos)

“Igreja edificada no século XVI em estilo maneirista. Pertencia ao Colégio da Companhia de Jesus e o frontal ostenta o seu emblema. Depois da expulsão dos Jesuítas foi vendido aos Agostinhos Descalços, conhecido por Frades Grilos, que aqui permaneceram até 1832. No interior destacam-se o retábulo de N^a Sr^a da Purificação, em talha dourada, e um belo painel em estilo neoclássico.”

Igreja de Santa Clara

“A construção da Igreja e Convento feminino de Santa Clara data da primeira metade do século XV. Na época moderna sofreu alterações, sendo construído o portal renascentista. Já no século XVIII, a fachada foi novamente alterada. O seu interior foi revestido a talha dourada na mesma época, e é considerado um dos melhores trabalhos dos entalhadores da escola portuense.”

Capela de N. Sr^a de Agosto (Capela dos Alfaiates)

“O edifício primitivo foi construído em meados do séc. XVI, em frente à porta principal da Sé. Pertencia à Irmandade dos Alfaiates, que celebravam a padroeira a 15 de Agosto. Cerca de 1940, a capela foi apeada para alargamento do Terreiro da Sé, sendo reconstruída alguns anos mais tarde, no sítio actual. No interior, o retábulo de Nossa Senhora de Agosto é um delicado exemplar de talha dourada do séc. XVII, em estilo maneirista.”

Teatro Nacional de S. João

“O edifício primitivo foi construído no fim do século XVIII, por iniciativa de Francisco de Almada e Mendonça e segundo risco do arquitecto italiano Vicente Mazoneschi. Ardeu em 1908, sendo reconstruído três anos mais tarde. O novo teatro foi projectado pelo arquitecto

Marques da Silva, introduzindo alguns aspectos inovadores na arquitectura portuense. Pela primeira vez, foi usado o cimento na sua cor natural, no revestimento exterior.”

Igreja de Santo Ildefonso

“O edifício foi construído na primeira metade do séc. XVIII, no local onde existia uma ermida medieval. A escadaria que dá acesso ao templo foi aumentada posteriormente, erguendo-se então um obelisco que harmonizava o conjunto com a fronteira Igreja dos Clérigos. Os azulejos que revestem as paredes exteriores ilustram cenas da vida de Santo Ildefonso e alegorias da Eucaristia. São da autoria de Jorge Colaço e datam de 1932.”

Igreja dos Congregados

“A Igreja foi construída no fim do sé. XVII, no local onde existia uma capela dedicada a Santo António. Estava anexa ao Convento da Congregação do Oratório, demolido para abertura da Rua de Sá da Bandeira. A fachada, embora sóbria, revela alguma influência do barroco. Já no séc. XX, foi decorada com azulejos, da autoria de Jorge Colaço. No interior, os púlpitos e retábulos laterais em talha dourada são obras do séc. XVIII.”

Estação de S. Bento

“Edifício construído no início do século XX, no local onde existia o Convento de São Bento de Avé-Maria, edificado no período manuelino. O projecto da estação é da autoria do arquitecto Marques da Silva. O amplo vestíbulo da gare foi totalmente revestido com excelentes painéis de azulejo do pintor Jorge Colaço, colocados em 1916. Ilustram a história dos transportes, aspectos etnográficos e acontecimentos célebres da história portuguesa.”

Igreja e Torre dos Clérigos

“Este conjunto arquitectónico foi construído entre 1732 e 1763, por iniciativa da Irmandade dos Clérigos Pobres. A execução do projecto foi entregue ao arquitecto italiano Nicolau Nasoni. A frontaria da igreja é profusamente decorada com elementos do período barroco, e o interior foi enriquecido com talha. A torre, considerada uma das obras-primas de Nasoni pelas proporções harmoniosas e riqueza decorativa, tornou-se um dos ex-libris do Porto.”

Igreja do Carmo

“A Igreja da Ordem Terceira do Carmo foi construída na segunda metade do séc. XVIII, ao gosto rocóco, segundo projecto de José Figueiredo Seixas. Em 1912, a fachada lateral foi recoberta com um grandioso painel de azulejo, com desenho de Silvestre Silvestri, que representa a imposição do escapulário no Monte Carmelo. No interior, destaca-se o retábulo-mor em talha dourada.”

Igreja dos Carmelitas

“O convento dos frades Carmelitas Descalços e a sua Igreja foram edificados na primeira metade do séc. XVII. A Igreja combina a sobriedade do estilo clássico com a influência do barroco. O interior foi enriquecido no séc. XVIII com retábulos e púlpitos em talha dourada. No séc. XIX, depois da extinção das ordens religiosas, a parte conventual passou a ser utilizada como quartel.”

Hospital de Santo António

“A construção do hospital teve início em 1769, por iniciativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto. A obra destinava-se a substituir o antigo Hospital de D. Lopo, na Rua das Flores. O projecto foi entregue ao arquitecto John Carr, que assim introduziu no Porto o estilo neopaladiano inglês. O plano original previa quatro fachadas, formando um enorme quadrilátero com um pátio central. Este ambicioso projecto nunca chegou a ser finalizado.”

Jardim da Cordoaria (Jardim de João Chagas)

“Na Idade Média, este local denominava-se Campo do Olival e aí funcionava a Cordoaria do Bispo, que deu o nome ao jardim actual. No séc. XVII, iniciou-se a urbanização deste antigo subúrbio e parte do antigo Campo transformou-se em alameda. Em 1865, esse espaço foi ajardinado segundo projecto do paisagista alemão Emílio David, e passou a ser muito frequentado pela burguesia da cidade, até ao início do séc. XX. O violento ciclone de 1941 alterou parcialmente a fisionomia do jardim.”

Capela de São José das Taipas

“Começou a ser construída em 1795, em estilo neoclássico, e ficou concluída em 1878. O projecto inicial atribuído a Carlos Amarante, foi depois parcialmente alterado. No interior existe um quadro comemorativo do desastre da Ponte das Barcas.”

Antiga Cadeia da Relação

“A obra da Cadeia e Tribunal da Relação teve início em 1765, por ordem de João de Almada e Melo. Eugénio dos Santos, um dos mais conceituados técnicos ao serviço do Marquês de Pombal, foi o autor do projecto, em estilo neoclássico. Com sua forma estranha, devido ao espaço então disponível entre o convento dos beneditos e a muralha medieval, foi um dos edifícios mais imponentes construídos na época. Numa das celas esteve preso Camilo Castelo Branco.”

Igreja e Convento de S. Bento da Vitória

“O convento foi fundado no fim do século XVI, em local que pertencera à antiga Judiaria do Olival. A construção da igreja teve início pouco tempo depois e prolongou-se por todo o século XVII. Foi projectada pelo arquitecto Diogo Marques. No interior, destacam-se os retábulos em talha dourada. O coro é decorado com um notável conjunto de talha, representando passos da vida de S. Bento.”

Igreja da Misericórdia

“A igreja foi edificada na segunda metade do século XVI, mas sofreu grandes alterações em meados do século XVIII. A frontaria foi então reconstruída segundo desenho de Nicolau Nasoni. Profusamente decorada, denota já a influência do rocóco. No interior, salienta-se a capela-mor, ainda do primitivo edifício quinhentista. Pode também apreciar-se, na sacristia, o revestimento a azulejo do século XVII.”

Antiga Companhia de Seguros Douro

“Neste local estava situado o Convento de São Domingos, fundado no séc. XIII. O largo fronteiro era na Idade Média um movimentado lugar de reunião, comércio e divertimento. O edifício ardeu em 1832, durante o Cerco do Porto. Foi cedido, pouco depois, ao Banco de Lisboa (hoje Banco de Portugal) que, para a sua reconstrução, aproveitou alguns elementos do antigo edifício setecentista. Em 1934, foi ocupado pela Companhia de Seguros Douro.”

Palacete de Belomonte

“Edifício construído na primeira metade do séc. XVIII para residência de uma família nobre. Constitui um exemplar significativo da arquitectura setecentista. Em 1888 foi vendido à Companhia de Caminhos de Ferro através da África que, na frontaria, substituiu as armas dos Pachecos Pereiras pelas suas.”

Palácio de São João Novo

“Palácio construído no segundo quartel do século XVIII, pelo arquitecto António Pereira. Foi residência de Pedro da Costa Lima, fidalgo da Casa Real que exerceu diversos cargos na cidade, como o de Administrador do Trem do Ouro. São dignos de nota a fachada principal e, no interior, a escadaria nobre.”

Igreja de São João Novo

“A igreja pertencia ao Convento dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Foi construída nos séculos XVII-XVIII, um pouco acima da antiga ermida de São João de Belmonte. Revela a influência da Igreja dos Grilos, pela composição da fachada e pelo ordenamento interior.”

Igreja de São Pedro de Miragaia

“A primitiva igreja medieval foi reconstruída nos sécs. XVII e XVIII. No interior destacam-se os trabalhos em talha dourada. Na capela do Espírito Santo, anexa à Igreja, vêem-se ainda restos do hospício medieval. No Museu da Confraria existe um notável tríptico, da escola holandesa, oferecido no séc. XVI.”

Palácio das Sereias

“O edifício foi construído em meados do séc. XVIII para residência da família Cunha Portocarrero, em local onde se situou uma antiga judiaria. No largo fronteiro à casa, uma pirâmide em granito servia de suporte à bandeirinha da saúde, que marcava o limite da atracagem de navios em tempo de peste.”

Alfândega Nova

“Construído sobre estacaria no antigo areal de Miragaia, o edifício da nova Alfândega foi projectado em 1860 pelo arquitecto francês C. Colson e inaugurado em 1869. Durante a execução das obras houve alterações ao nível do projecto base, com a criação de um terceiro piso nos corpos laterais, da responsabilidade dos engenheiros Alberto e Torquato Álvares Ribeiro. A sua construção impulsionou uma reforma urbanística da zona, nomeadamente com a abertura da Rua Nova da Alfândega.”

Igreja de S. Francisco

“A construção da igreja do convento de S. Francisco teve início no século XIV. Tem a estrutura de um templo gótico, com reminiscências do estilo românico. Da frontaria podemos salientar a rosácea e o portal, este edificado já nos séculos XVII-XVIII em estilo barroco. O interior é revestido a talha dourada da mesma época. De realçar o retábulo do altar da capela de Nossa Senhora da Conceição, representando a Árvore de Jessé esculpida em madeira polícroma assim como a capela de S. João Baptista da autoria do arquitecto Diogo de Castilho, de finais do século XV.”

Palácio da Bolsa

“A construção do Palácio da Bolsa, sede da Associação Comercial do Porto, iniciou-se em 1842, no local do antigo convento de S. Francisco. O seu projecto é da autoria do arquitecto Joaquim da Costa Lima. O vestíbulo que dá acesso ao pátio das Nações está coberto por uma estrutura metálica envidraçada. No interior do Palácio destaca-se o "Salão Árabe", inspirado no Palácio de Alhambra, bem como esculturas de Soares dos Reis e Teixeira Lopes.”

Mercado Ferreira Borges

“Edifício projectado pelo arquitecto João Carlos Machado (1885-1888) para substituição do antigo mercado da Ribeira, representa um dos momentos mais importantes da arquitectura do ferro no Porto, feita com materiais da antiga fundição " Companhia Aliança ". Entre 1939 e 1978 foi utilizado como mercado abastecedor de frutas. Depois de um período de abandono, sofreu obras de restauro, e hoje serve como espaço de animação cultural.”

Estátua do Infante D. Henrique

“Monumento erguido por ocasião do 5º centenário da morte do Infante D. Henrique, a sua construção iniciou-se em 1894, na presença do Rei D. Carlos, tendo sido inaugurado em 1900. O projecto é da autoria do escultor Tomás Costa. A estátua apresenta o Infante vestido de guerreiro junto a um globo terrestre, apontando simbolicamente para além-mar. No sopé, dois grupos alegóricos representando o triunfo das navegações portuguesas e da fé.”

Casa do Infante (Alfândega Velha)

“O primeiro edifício foi construído na primeira metade do século XIV, sendo destinado a Alfândega Régia e habitação dos seus oficiais. Constituído por duas torres ameadas separadas por um pátio central, era o edifício de arquitectura civil mais importante da zona ribeirinha. Segundo a tradição, teria nascido nesta casa o Infante D. Henrique, em 1394. Anexa ao edifício funcionou a Casa da Moeda do Porto, desde o Século XIV. Com grandes obras de remodelação no século XVII, a Alfândega manteve-se neste local durante mais de 500 anos.”

Praça da Ribeira

“A Praça tem origem num antigo mercado medieval. Foi transformada no séc. XVIII, por iniciativa de João de Almada e Melo e com o apoio do cônsul inglês John Whitehead. Do novo plano apenas foram construídos os edifícios a poente, até à platibanda intermédia, e a bela fonte que serve de pano de fundo, no lado oposto ao rio. Data ainda dessa época a abertura da Rua de S. João, sobre o antigo leito do Rio da Vila, para ligação à zona alta da cidade. Em 1821, foi demolido o pano da muralha fernandina que limitava a praça a Sul.”

Alminhas da Ponte

“Baixo relevo em bronze realizado em 1897 pelo escultor Teixeira Lopes (pai), representa a tragédia da Ponte das Barcas ocorrida no dia 29 de Março de 1809. Aquando do cerco da cidade pelas tropas francesas do Marechal Soult, centenas de populares em fuga tentaram atravessar o rio Douro lançando-se sobre a ponte, que cedeu sob o seu peso. É hoje um local de crença e devoção das gentes da Ribeira.”

Pilares da Ponte Pênsil

“Segundo projecto do engenheiro Estanislau Bigot, que também dirigiu as obras, foi a Ponte Pênsil inaugurada em Fevereiro de 1843. Desactivada em 1887, restam apenas do lado norte

os dois pilares de granito (agora incompletos) que sustentavam a ponte suspensa, assim como a ruína dos dois andares da casa da guarda militar.”

Ponte Luis I

“Projectada pelo engenheiro Teófilo Seyrig, a ponte Luís I foi inaugurada a 31 de Outubro de 1886. É constituída por dois tabuleiros metálicos sustentados por um grande arco de ferro e cinco pilares. O tabuleiro superior tem uma extensão de 391,25m e o tabuleiro inferior 174 m.”

Casa do Despacho dos Terceiros de São Francisco

“A Casa do Despacho foi construída em meados do século XVIII, para alojar serviços da Ordem Terceira de São Francisco. Nasoni foi o autor do projecto e desenhou também parte da talha que enriquece o interior. No piso subterrâneo situa-se o cemitério dos irmãos.”

Chafariz da Rua Escura / Fonte de S. Sebastião

“Construído no século XVII na Rua Escura, foi transferido em 1940 para o local onde actualmente se encontra. É composto por um tanque e um pano de fundo em que sobressai um pelicano ladeado por duas figuras femininas. O conjunto é encimado pelas armas reais portuguesas.”

Chafariz do Anjo S. Miguel

“Atribuído a Nicolau Nasoni, este chafariz datado do século XVIII, apresenta uma interessante moldura constituída por uma grade em ferro forjado e um relevo em mármore incrustado na parte superior da bica. A rematar o conjunto uma pequena escultura representando o anjo S. Miguel, em pedra de Ançã.”

Chafariz das Virtudes / Fonte do Rio Frio

“Mandado construir pela Câmara Municipal do Porto em 1619, para aproveitamento das águas de várias minas da cidade. Foi edificado segundo desenho de Pantaleão de Seabra e Sousa, Fidalgo da Casa Real e Regedor da cidade. É composto por um alto frontão encimado pelas armas reais. Ao centro um nicho, agora vazio, albergava a imagem de N. Senhora que, juntamente com os castelos, representa as armas da cidade.”

Chafariz da Colher

“Esta fonte é considerada uma das mais antigas da cidade, encontrando-se numa pedra quase imperceptível, a data de 1629. Devido às obras de construção da Nova Alfândega, em 1871, ficou quase escondida num plano inferior à rua. É composta por uma só bica, colocada num painel de granito ladeada por duas pilastras, sendo outrora a sua água considerada como uma das melhores da cidade. Sofreu obras de restauro em 1940.”

Oratório de Nossa Senhora da Silva / R. Caldeireiros 102-104

“Edifício onde funciona, desde o século XV, a Confraria de Nossa Senhora da Silva. Na fachada, ao nível do 1º andar, encontra-se um oratório do século XVIII com as imagens de Nª Srª da Silva, S. João Baptista e S. Baldomero, protegido por uma cobertura em talha. Dentro do edifício encontra-se a capela da confraria, que juntamente com uma albergaria, era administrada pelos ferreiros, caldeireiros e anzoleiros da Cidade.”

Antigo Clube Inglês

“Este edifício, cujo terraço assenta numa das torres da muralha do século XIV, serviu como Casa de Repouso à Congregação de São Bernardo. Foi adquirido em 1834 por um abastado comerciante portuense, que então o remodelou. Depois de 1923 esteve aqui sediado o Oporto Bristish Club, lugar de encontro da Comunidade Britânica no, Porto. No interior, destaca-se a decoração de alguns tectos pintados.”

Rua Cândido dos Reis, nº 75 - 79

“No início do séc. XX, a demolição do extinto Convento das Carmelitas e do Mercado dos Ferros Velhos permitiu a remodelação da zona e a construção do chamado "Bairro das Carmelitas". Vários edifícios da Rua Cândido dos Reis, uma das artérias que atravessam o Bairro, foram construídos nessa altura, e revelam a influência da arquitectura da época. É o caso deste prédio, em que se identificam elementos da decoração Arte Nova.”

Galeria de Paris, nº 28

“A Galeria de Paris foi aberta no quarteirão ocupado pelo antigo Convento das Carmelitas, demolido no princípio do séc. XX. Projectava-se então a construção de uma rua com cobertura envidraçada, à semelhança das de outras cidades europeias. Vários edifícios desta artéria são marcados pela influência da decoração Arte Nova, como é o caso deste, construído em 1906.

Freguesia: Vitória

Classificação: Imóvel de Interesse Público - Dec. 735/74 de 21 de Dezembro”

Fonte da Rua das Taipas

“Construído em 1772, pelos moradores do Postigo das Virtudes, foi substituído pelo actual nos fins do século XVIII, com elementos neoclássicos. Era alimentado pelo manancial de água de Paranhos, servido através da Arca do Anjo, por um aqueduto que abastecia a zona do Olival-Cordoaria.”

Edifício da Livraria Lello e Irmão

“Em 1881, foi fundada a Sociedade José Pinto Sousa Lello & Irmão, mais tarde designada Livraria Lello & Irmão (1919). O edifício, construído em 1906 ao estilo neogótico, é da autoria do Eng^o Xavier Esteves. No interior da Livraria merecem especial atenção a decoração em gesso pintado a imitar madeira, a escada de acesso ao piso superior - uma das primeiras construções de cimento armado do Porto, bem como o grande vitral existente no tecto, o qual ostenta o monograma e a divisa da Livraria Decus in Labore.”

Casa do Dr. Domingos Barbosa

“Edifício construído no século XVIII para habitação de um cônego da Sé, o Doutor Domingos Barbosa. De arquitectura barroca, o seu projecto tem sido atribuído a Nicolau Nasoni. Apresenta duas torres angulares largas e baixas, a recordar as casas quincentistas portuguesas. Actualmente reúne as colecções de arte doadas à Câmara Municipal do Porto pelos herdeiros do poeta Guerra Junqueiro.”

Muralha Fernandina

“A segunda cinta de muralhas começou a ser construída por D. Afonso IV. Terminou-se em 1376, já no reinado de D. Fernando - daí a designação de "fernandina". Nela se abriam 4

portas, defendidas por torres, e 14 postigos. Este imponente lanço da muralha corre ao longo das Escadas do Caminho Novo e prolonga-se, entre o casario, pela Rua Francisco Rocha Soares. Aí ainda se vê um dos cubelos, entre os telhados.”

Torre da Rua de D. Pedro Pitões

“Casa-torre medieval descoberta na época das demolições do Terreiro da Sé, na década de 1940. Foi então completamente reconstruída, estando deslocada do sítio original. Na parede norte pode ver-se um balcão em pedra de feição gótica, elemento de construção recente. Aqui esteve instalado o Gabinete de História da Cidade até 1960.”

Casa da Câmara Medieval

“Torre construída nos séculos XIV-XV onde funcionou a Câmara Municipal até o edifício ter começado a ameaçar ruína. A entrada principal fazia-se pelo adro da Sé e era um dos edifícios mais importantes da cidade medieval. Todo em cantaria lavrada e guarnecido de merlões, tinha mais de 100 palmos de altura. Destacava-se ainda pela qualidade da obra de carpintaria e pintura no interior.”

Oratório da Capela de São Sebastião

“A capela foi construída pela Ordem dos Agostinhos Descalços, sediados no Convento dos Grilos e as suas armas figuram na fachada. Fazia parte de um conjunto de oratórios incluídos no percurso da procissão do Senhor dos Passos, que a Ordem organizou até 1832.”

Cerca Primitiva

“Em torno do Morro da Sé ergue-se a primitiva muralha medieval da Cidade, construída nos séculos XI-XII, sobre anteriores alinhamentos defensivos. Nesta muralha abriam-se as portas de Vandoma, de S. Sebastião e de Santana, bem como o Postigo da Mentira, depois chamado "Porta das Verdades". Desta cerca restam apenas alguns trechos escondidos sob o casario, à excepção do troço junto a Vandoma.”

Casa da Rua de D. Hugo Nº5

“Edifício do século XIX que reaproveita construções anteriores. Na parede exterior do lado norte observa-se a fachada principal invertida de um edifício gótico. No interior do edifício, foram descobertos vestígios arqueológicos do primitivo povoado da Idade do Ferro (castro), bem como restos de construções da época romana e medieval, que foram preservados.”

Casa do Beco dos Redemoinhos

“Construída na primeira metade do século XIV, é uma das mais antigas casas de habitação da cidade. Originariamente a fachada possuía duas portas e quatro janelas góticas. Outrora a casa dava para um desafogado largo do burgo, que ladeava o deambulatório da catedral medieval.”

Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio (Recolhimento do Ferro)

“Igreja de traça barroca, construída na segunda metade do século XVIII. Para aqui se transferiu o Recolhimento do Ferro, inicialmente situado na Rua Escura. Segundo um autor do século XVIII, o nome advém-lhe de um ferro que atravessava a porta da primitiva igreja. Esta ficava próxima das antigas cadeias e, segundo a tradição, o ferro livrava da morte os condenados que o alcançassem.”

Palácio dos Condes de Azevedo

“Edifício em estilo neoclássico, construído para habitação nos sécs. XVII - XVIII. A fachada caracteriza-se pela sua sobriedade. Foi propriedade da família dos Condes de Azevedo. Em 1887 foi comprado pelo Estado e alojou desde então alguns serviços públicos.”

Recolhimento da Porta do Sol / Universidade Moderna

“Em 1809, a entrada do exército francês na cidade gerou o pânico e a população em fuga precipitou-se sobre a Ponte das Barcas. Esta afundou-se, provocando centenas de mortos. Para receber crianças orfãs, na sequência deste desastre, foi fundado o Recolhimento de N. Srª das Dores. A partir de 1825 instalou-se neste edifício junto da antiga Porta do Sol, uma das entradas da muralha fernandina. Posteriormente foi construída a capela e o edifício ampliado.

R. Augusto Rosa”

Edifício do Governo Civil (Antiga Casa Pia)

“Edifício construído no final do séc. XVIII, no local onde tinha sido demolida a muralha fernandina. O projecto é da autoria de Reinaldo Oudinot e a obra esteve a cargo de Teodoro de Sousa Maldonado e Francisco de Paiva. Foi destinado pelo corregedor Francisco de Almada e Mendonça para funcionamento da Casa Pia que, no entanto, nunca chegou a ser criada. O edifício alojou desde então diversos serviços públicos, entre os quais o Governo Civil.

Rua Augusto Rosa”

Igreja da Ordem do Terço

“O templo foi construído durante a segunda metade do Séc. XVIII. Foi dedicado a N. Srª do Terço, cuja imagem era até então venerada num oratório, próximo da actual Igreja. A decoração da fachada contém elementos rocóco e é atribuída a João Joaquim Alão. Nela sobressai o janelão central em forma de resplendor.

Rua de Cimo de Vila, 19”

Praça da Batalha

“O nome desta praça teria origem, segundo a tradição, numa batalha entre cristãos e mouros travada neste local. No ângulo Sudoeste ficava situada uma das portas da muralha fernandina, junto da qual ficava a Capela de Nossa Senhora da Batalha. No séc. XVIII, a zona sofreu grandes transformações, sendo demolida a muralha. O monumento a D. Pedro V, da autoria de Teixeira Lopes (pai), foi inaugurado em 1866.”

Igreja da Trindade

“A Igreja foi construída no antigo Largo do Laranjal, ao longo do séc. XIX, por iniciativa da Ordem da Trindade. O projecto, em estilo neoclássico, pertenceu ao arquitecto Carlos Amarante. A obra sofreu diversas alterações durante a construção, embora mantendo a orientação inicial. No interior da Igreja destaca-se um painel de grandes dimensões do pintor José de Brito.”

Faculdade de Ciências

“O edifício foi construído durante o séc. XIX, segundo projecto de José da Costa e Silva, alterado depois por Carlos Amarante. De feição neoclássica, revela a influência do estilo

introduzido pela construção do Hospital de Santo António. Aqui funcionou a Real Academia de Marinha e Comércio, depois Academia Politécnica, e a partir de 1911 a Universidade do Porto.

Praça de Gomes Teixeira”

Igreja de N. Srª da Vitória

“A Igreja está situada em terreno que pertencera à Judiaria do Olival. Construída em estilo clássico, ficou concluída por volta de 1539. Foi restaurada no séc. XVIII depois de um violento incêndio. Dessa época possui excelentes trabalhos de talha. Num dos altares existe uma imagem de Nossa Senhora da Vitória, talhada em madeira por Soares dos Reis.

Rua de S. Bento da Vitória”

Edifício da Rua de S. Miguel, 2 a 4 (painéis de azulejo do séc. XVIII)

“O edifício integra-se num conjunto harmonioso, em que está representada a arquitectura portuense dos sécs. XVII a XIX. A fachada encontra-se recoberta de azulejos setecentistas, com cenas do quotidiano e paisagens. Estes painéis são provenientes da Sala do Capítulo do Mosteiro de São Bento da Vitória.

Rua de S. Miguel, 2 a 4 / R. S. Bento da Vitória”

Igreja de S. Nicolau

“A antiga igreja medieval foi destruída por um incêndio em 1758, tendo sido reedificada em estilo misto de clássico e barroco. É um templo de uma só nave e no seu interior destaca-se a talha de estilo rocóco, da autoria de Frei Manuel de Jesus Monteiro, bem como um painel do pintor João Glama. Mantém-se ainda como sede da antiga Confraria dos Ourives.

Rua do Infante D. Henrique”

Casa Nº 59 da Rua da Reboleira

“Interessante exemplar da arquitectura civil dos finais da Idade Média (século XIV), esta casa-torre conserva ainda intacta a sua estrutura original onde foram rasgadas, posteriormente, novas aberturas. Nesta zona existiam outras habitações atorreadas, a maior parte já desaparecidas, à excepção da casa com o nº 59, cuja fachada mantém ao nível do rés-do-chão, as janelas e os portais góticos.

Rua da Reboleira, 59”

Capela da Nossa Senhora do Ó

“Antiga capela de Nª Srª da Piedade ou do Cais, deve o seu nome ao facto de ter sido transferida para aqui a imagem da Senhora do Ó, proveniente da capela da Porta da Ribeira, demolida em 1821. O edifício data do século XVII, tendo sido remodelado no século XIX após a destruição ocorrida durante as lutas liberais. No interior, destaca-se um retábulo em talha de inícios do século XVIII, da autoria de João da Costa.

Largo do Terreiro”

Feitoria Inglesa

“Construída entre 1785 e 1790, segundo projecto da autoria do cônsul John Whitehead, inspirado no estilo neopalladiano inglês. A fachada principal voltada à Rua do Infante D. Henrique, tem no rés-do-chão sete arcos que dão passagem a uma galeria exterior que antecede a entrada principal do edifício. A frontaria remata com uma platibanda, decorada com balaústres e festões. No interior é de salientar a escadaria e a respectiva clarabóia, a sala de baile e a monumental cozinha.

Rua do Infante D. Henrique”

Postigo do Carvão

“Das 18 portas e postigos da Muralha Fernandina, construída no séc. XIV, este é o único que se manteve até aos nossos dias. Nele se encontrava uma inscrição gótica da era de 1386. Através deste postigo era feita a ligação da Rua da Fonte Taurina ao cais.

Rua da Fonte Taurina”

Torre da Rua de Baixo

“Este edifício é um dos mais antigos da cidade e o único exemplar da arquitectura civil medieval existente na zona do Barredo. É uma construção de cinco pisos, com fachadas para duas ruas, tendo no entanto um desnível de um piso. O acesso à entrada principal é feito por uma escada exterior ao edifício, como era comum na época. Apesar das transformações sofridas, esta construção poderá remontar ao século XIII, pela tipologia das janelas primitivas ainda existentes.

Rua de Baixo, 5”

Praça da Liberdade e Av. dos Aliados

“No local do então chamado "Campo das Hortas", foi no séc. XVIII aberta a Praça Nova, centro político e cultural da cidade. Do lado norte da antiga praça erguia-se o edifício dos Paços do Concelho, demolido aquando da abertura da Av. Dos Aliados. Esta ampla avenida, ladeada por um conjunto de edifícios dos anos 20 a 40, é fechada, a sul, pelo edifício das Cardosas (Séc. XIX), e a norte pelo edifício da Câmara Municipal do Porto. Ao centro da Praça da Liberdade ergue-se a estátua do rei D. Pedro IV inaugurada em 1866.”

Câmara Municipal do Porto

“Com projecto do arquitecto António Correia da Silva, começaram as obras dos novos Paços do Concelho no ano de 1920. Mas só em 1955 foi dado um último impulso para a conclusão das obras, já sob a direcção do arquitecto Carlos Ramos, tendo o edifício sido inaugurado no ano de 1957. Construção de estilo neoclássico apresenta semelhanças com os palácios comunais do norte da França e da Flandres. No seu interior destaca-se o salão dos "Passos Perdidos", todo em mármore negro, decorado com duas figuras simbolizando a Honra e a Concórdia.”

Praça de Carlos Alberto

“Chamou-se durante séculos Praça dos Ferradores, que se concentravam neste local. No topo Nascente, foi construído no século XVIII o Palácio dos Viscondes de Balsemão. Arrendado posteriormente, funcionou como hospedaria e alojou o rei Carlos Alberto da Sardenha, que em 1849 veio exilado para o Porto. Em sua homenagem, a Praça tomou o nome actual. Ao

Centro do jardim, um monumento da autoria de Henrique Moreira relembra os portugueses mortos na Grande Guerra de 1914-18.”

Rua de Cedofeita

“Aberta em 1784, no prolongamento de uma antiga via, por ordem de João de Almada e Mello. Fronteira à secular Colegiada de Cedofeita, tornou-se numa importante zona residencial. Hoje é um dos principais eixos comerciais da cidade. A Rua está povoada por edifícios construídos entre os séculos XVII e XX. Durante o Cerco do Porto, o regente D. Pedro fez o seu quartel-general no prédio nº 395, depois de bombardeada a zona do Palácio dos Carrancas.”

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>

<https://www.visitportugal.com/pt-pt/destinos/porto-e-norte>

Porto Top 10

1. Av. dos Aliados

É o eixo principal do centro histórico do Porto, coroado pelo edifício da Câmara Municipal e enquadrado pela zona comercial mais tradicional da cidade. Nas redondezas o Café Majestic é de visita obrigatória.

2. Sé Catedral

Além da igreja começada no séc. XII, vale a pena visitar os claustros, cobertos de azulejos. Do terreiro, onde fica o pelourinho e outros monumentos, é soberba a vista sobre o Douro e o casario das duas margens.

3. Ribeira

É um dos mais atrativos bairros do Porto, onde se sente um ambiente castiço e popular. Aqui pode iniciar-se um cruzeiro pelo Douro.

4. Igreja de S. Francisco

Principal templo de construção gótica da cidade, o Interior barroco é totalmente revestido a talha dourada.

5. Palácio da Bolsa

Bonito edifício do séc. XIX onde se destaca, para além do famoso Salão Árabe, o Pátio das Nações e a cenográfica escadaria nobre.

6. Torre dos Clérigos

É um dos monumentos emblemáticos do Porto, da autoria de Nicolau Nasoni, o mais conceituado arquiteto do período barroco do norte de Portugal. Do alto, a vista sobre a cidade e o rio merecem a subida.

7. Livraria Lello

Conhecida no mundo inteiro entre outras razões porque as suas escadas inspiraram a autora de Harry Potter, é considerada uma das melhores e mais bonitas livrarias do mundo.

8. Casa da Música

A sua arrojada arquitetura assinada por Rem Koolhaas e a diversificada agenda musical fazem dela um ícone do Porto.

9. Serralves

Lugar dum extenso parque muito bem cuidado e agradável, um Museu de Arte Contemporânea riscado por Álvaro Siza Vieira e uma casa em estilo art deco que deu nome à Fundação.

10. Foz

Além das praias, é um local de lazer e esplanadas à beira-mar, com uma pérgola que lhe dá um encanto especial nas fotografias.”

Nome: Internas\\Évora - Promotores Oficiais - Geral

Criado em: 07/06/2017 10:36:31

Criado por: CF

Modificado em: 14/03/2018 11:34:25

Modificado por: C

Tamanho: 17 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Évora:

- <http://www.visitalentejo.pt>

Évora Património da Humanidade

“Évora é uma referência incontornável para quem vem ao Alentejo motivado pelo tema do Património. Classificada pela UNESCO Património da Humanidade, ocupa um justo lugar de relevo em qualquer itinerário de Turismo Cultural.

O seu património arquitectónico e artístico é tão omnipresente e impressionante que, por si só, guia os passos de quem gosta de caminhar sem rumo: do romano ao neoclássico, passando pelo gótico e pelas várias expressões do manuelino, da renascença e do barroco, todas as épocas da história estão documentadas com obras que nos enchem os olhos e a alma. Referindo só o essencial, precisará de algumas horas para visitar o Templo Romano, a Catedral de Santa Maria, a Igreja de S. Francisco e a Capela dos Ossos, o Palácio D. Manuel, a Ermida de S. Brás, o Mirante da Casa Cordovil, a Janela manuelina da Casa de Garcia de Resende, o antigo Colégio do Espírito Santo, actual Universidade, a Igreja da Misericórdia, a Praça do Giraldo e o Teatro Garcia de Resende.

No Posto de Turismo encontra informação turística para a sua visita, podendo recorrer a audíofones; caso opte por uma visita guiada, o que é sempre aconselhável para uma primeira abordagem, peça os contactos dos profissionais locais.

Terminado este reconhecimento inicial do Centro Histórico, vá mais longe. Como rapidamente perceberá, Évora não é um museu de peças soltas. O que a torna única é ser um conjunto urbano de excepção, com mil e um detalhes para descobrir, habitado, com um presente vivo, onde se sente o pulsar de uma cidade contemporânea, culturalmente activa, que se integra e se revê, naturalmente, no Património que soube preservar.

Deixe-se ficar mais uns dias, viva tudo isto e, quando a intuição lhe disser que é tempo de partir, aventure-se à descoberta do muito que está para além das suas muralhas e tanto contribui para lhe dar sentido: outras cidades, vilas e aldeias, outros tantos lugares de eleição.”

- <http://conteudos.evora.net/turismo/pt-pt/>

(o site do município reencaminha para este - <http://www.cm-evora.pt/pt/Paginas/home.aspx>)

“ÉVORA, cidade histórica no coração do Alentejo, é herdeira de um rico e variado património cultural, construído e preservado ao longo do tempo. Fundada (ou refundada) pelo povo romano e por este denominada Eborá Liberalitas Iulia, a cidade foi a praça-forte que alicerçou, no Além-Tejo, a formação do novo reino de Portugal durante a Reconquista cristã peninsular do séc. XII. Após a consolidação das fronteiras com Castela, vários reis aqui fixaram a sua corte, particularmente na período das descobertas marítimas. O património histórico e artístico que hoje se preserva na cidade resultou em boa medida dessa longa permanência da corte. O conjunto monumental que esses tempos áureos legaram à cidade, em harmonia com o tecido urbano de cariz popular, estão na base da classificação de Évora como Património Cultural da Humanidade, desde 1986.

Além deste património único no país, a região em torno de Évora tem muito mais para oferecer ao visitante. É o caso da singular paisagem arqueológica megalítica, uma das mais antigas e monumentais da Europa, perfeitamente integrada na paisagem rural envolvente, de que o recinto megalítico dos Almendres é o expoente máximo.

Seja no entretecido das ruas medievais, na exuberância de palácios, mosteiros e igrejas, nos espaços de convívio e de degustação dos requintados paladares da cozinha tradicional, Évora esconde o encanto próprio das cidades antigas. Mas sobre essa matriz histórica ela reassume-se, novamente, como polo de desenvolvimento regional face aos grandes desafios do futuro através da criação de grandes equipamentos, da aposta na qualificação de produtos e serviços de excelência na área do Turismo, da intensa oferta cultural, a par da criação de infra-estruturas urbanas que dão prioridade ao bem estar dos seus habitantes.

Por todas estas razões o turista e visitante encontrará em Évora um excepcional património cultural, coexistindo, em harmonia, com os melhores padrões de qualidade de vida do país. Motivos sobejos para não deixar de a conhecer, descobrir e, seguramente, desejar voltar.”

Património Mundial

"Évora é o melhor exemplo de cidade da idade de ouro portuguesa após o terramoto de Lisboa de 1755" (IV). "Só a paisagem urbana de Évora permite compreender, hoje em dia, a influência exercida pela arquitetura portuguesa no Brasil e em sítios como Salvador da Bahia" (II).

Critérios de inscrição :

“C-II: Testemunhar uma troca de influências considerável durante um dado período ou numa área cultural determinada, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia das artes monumentais, da planificação das cidades ou da criação de paisagens.

C-IV: Excelente exemplo de um tipo de construção ou um conjunto arquitetónico ou tecnológico ou paisagístico ilustrando um ou mais períodos significativos da história da humanidade.”

Localização:

“Cidade do interior de Portugal, Évora localiza-se numa encruzilhada de 3 bacias fluviais. Situada a 140kms a este de Lisboa, está erigida sobre uma colina que domina a planície alentejana.”

Referências Históricas:

“Évora, importante cidade romana de nome Eborac Liberalitas Julia, situava-se num cruzamento de vias na província da Lusitânia.

Após as invasões bárbaras, Évora encontrou-se sob o domínio Visigodo, ocupando o espaço delimitado pela muralha romana modificada.

A cidade foi conquistada pelos muçulmanos (715) que melhoraram as suas fortificações.

A reconquista cristã (1165) integrou Évora no reino independente de Portugal. Foi o início de um período de desenvolvimento que se estendeu até ao séc. XVI. Sob a Casa de Avis (1385-1580) foi considerada a segunda cidade do reino, depois de Lisboa. No séc. XVI Évora alcançou a sua idade de ouro. Foi a época das grandes realizações arquitetónicas. Foi igualmente a época das grandes expedições marítimas portuguesas.

No séc. XVII construiu-se um sistema defensivo tipo Vauban. No séc. XVIII foi encerrada a Universidade e expulsos os jesuítas, cuja projeção intelectual e religiosa tinha sido importante desde o séc. XVI. Foi a decadência de Évora.”

- <http://www.visitevora.net/evora-patrimonio-mundial-unesco/>

(Separador: Info)

Évora Património Mundial Unesco

“Évora é Património Mundial Unesco desde 1986. A razão principal para esta distinção é o facto de Évora ser o melhor exemplo de uma cidade da época áurea de Portugal depois da destruição de Lisboa no terramoto de 1755.

Sempre que ando pelo centro histórico, apercebo-me de detalhes em que ainda não tinha reparado ao longo de quase quarenta anos a viver na cidade. Fique atento ao que está à sua volta, sem esquecer os pormenores. Assim, é fácil compreender a razão pela qual Évora é património mundial.

E, por falar em mundo, os visitantes do Brasil (ou quem já esteve em algumas regiões brasileiras) vão encontrar semelhanças óbvias entre a arquitetura de Évora e a de cidades como Salvador da Bahia. Um pouco do Alentejo na América do Sul.

Mas a História de Évora é muito mais antiga. Aliás, já na pré-história havia povoados na região, como é fácil comprovar seguindo o Circuito Megalítico de Évora.

Bem mais tarde, há vinte séculos atrás, os Celtas dominavam a região e, pensa-se, uma das suas tribos, os Eburones (de Eburos, a palavra celta para teixo, uma espécie de árvore), terão estado na origem do nome Évora.

Durante o importante domínio Romano, Évora veio a chamar-se Liberalitas Julia. É desta altura o monumento mais conhecido da cidade, o Templo Romano, construído num dos pontos mais altos de Évora.

Outros povos importantes na construção do património de Évora foram os Visigodos, que fizeram alterações à muralha defensiva, mas também os Mouros. Estes últimos também melhoraram as defesas, acrescentando portões fortificados e mesmo um kasbah.

Para além destes vestígios arquitetónicos, os Mouros marcam presença ainda hoje em alguns nomes de ruas da Mouraria, no centro histórico. Os nomes sobreviveram mesmo à reconquista Cristã.

Outra das marcas do passado que fazem de Évora património mundial Unesco é a Catedral, o mais conhecido edifício do período medieval. A sua construção foi iniciada em 1186 e terminada nos séculos XIII-XIV.

Mas, apesar da riqueza do passado que descrevi até agora, a verdadeira Época Dourada de Évora só começou no século XV, quando os reis portugueses cá começaram a viver grande parte do tempo. Foi nesta altura que se construíram imensos conventos e palácios reais em Évora como são exemplo o Convento de Santa Clara, o Convento de São Francisco e o Convento dos Lóios.

Estes edifícios, feitos de raíz ou por cima de antigas construções, têm em comum o bem português estilo Manuelino. Este mesmo estilo viria também a ser utilizado para outras construções já no século XVI: Palácio dos Condes de Basto; Igreja dos Cavaleiros de Calatrava; Conventos do Carmo, da Graça, de Santo Antão, de Santa Helena do Monte Calvário,...

Na verdade, o século XVI foi muito importante para Portugal e para Évora. O Aqueduto da Água da Prata foi construído em 1537 por Francisco de Arruda. Também surgiram muitas das fontes que ainda hoje existem, sendo a da Praça do Giraldo a mais conhecida. Para além disso, a nível intelectual e religioso, Évora passou a ter uma influência ainda maior no país.

Enquanto que no norte de Portugal a Universidade de Coimbra desempenhava um papel fundamental, no sul, esse papel pertencia à Universidade do Espírito Santo de Évora, onde os Jesuítas ensinaram a partir de 1553. Já no século XVIII, em 1759, o Marquês de Pombal foi determinante para o início do rápido declínio de Évora, ao expulsar a Companhia de Jesus do país.

Todos os monumentos e circunstâncias até agora referidos foram muito importantes para a classificação de Évora como património mundial pela Unesco. Mas não podemos esquecer também algumas belas casas patricias importantes como a Casa Cordovil e a casa de Garcia de Resende.

No entanto, o que faz de Évora uma cidade verdadeiramente fascinante e invulgar é o conjunto de pequenas casas de todo o centro histórico, essencialmente construídas entre os séculos XVI e XVIII. Pintadas de branco (para refletir os quentes raios solares do Alentejo) e com coberturas de telhas vermelhas ou terraços, estas casas merecem um passeio demorado pelas estreitas ruas medievais.

É a percorrer demoradamente as ruas que se descobre a verdadeira Évora, em busca de detalhes de ferro ou azulejos, a andar a pé nas estreitas ruas de pedras irregulares, à sombra.

Não é só nas planícies... A tranquilidade do Alentejo também mora aqui.”

- <http://whc.unesco.org/en/list/361>

Historic Centre of Évora

“This museum-city, whose roots go back to Roman times, reached its golden age in the 15th century, when it became the residence of the Portuguese kings. Its unique quality stems from the whitewashed houses decorated with azulejos and wrought-iron balconies dating from the 16th to the 18th century. Its monuments had a profound influence on Portuguese architecture in Brazil.”

Outstanding Universal Value

Brief synthesis

“The Historic Centre of Évora, capital of the Alentejo Province, Portugal, has been shaped by more than twenty centuries of history, going as far back as Celtic times. It fell under Roman domination and still retains, among other ruins, those of the Temple of Diana. During the Visigoth period, the Christian city occupied the surface area surrounded by the Roman wall, which was then reworked. Under Moorish domination, which came to an end in 1165, further improvements were made to the original defensive system as shown by a fortified gate and the remains of the ancient Kasbah. There are a number of buildings from the medieval period, the best known of which is the Cathedral that was completed in the 13th century. But it was in the 15th century, when the Portuguese kings began living in Évora on an increasingly regular basis that Évora’s golden age began. At that time, convents and royal palaces sprung up everywhere: St Claire Convent, the royal church and convent of São Francisco, not far from the royal palace of the same name, and Os Lóios Convent with the São João Evangelista Church. These are remarkable monuments that were either entirely new buildings or else constructed within already existing establishments, and which are characterised by the Manueline style that survived in the major creations of the 16th century.

When the University of the Holy Spirit, where the Jesuits taught from 1553 onwards, was established, Évora became Portugal’s second city. However, the university’s rapid decline began following the expulsion of the Company of Jesus by minister Marquis of Pombal, in 1759.

Évora is also remarkable for reasons other than its monumental heritage related to significant historic events. The 16th century was a time of major urban planning and great intellectual and religious influence. While Évora also has many noteworthy 16th-century patrician houses (Cordovil house, the house of Garcia de Resende), the unique quality of the city arises from the coherence of the minor architecture of the 16th, 17th and 18th centuries. This unity finds its overall expression in the form of numerous low whitewashed houses, decorated with Dutch tiles and wrought-iron balconies and covered with tile roofs or terraces which line narrow streets of medieval configuration and which in other areas bears witness to the concentric growth of the town until the 17th century. It also served to strengthen the fundamental unity of a type of architecture that is perfectly adapted to the climate and the location.

Évora remained mainly undamaged by the great earthquake of 1755 that destroyed many towns in Portugal, including Lisbon. The monuments of the Historic Centre of Évora bear witness to their profound influence on Portuguese architecture in Brazil.

Criterion (ii): The cityscape of the Historic Centre of Évora is a unique place for understanding the influence exerted by Portuguese architecture in Brazil, in sites such as the Historic Centre of Salvador de Bahía.

Criterion (iv): The Historic Centre of Évora is the finest example of a city of the golden age of Portugal after the destruction of Lisbon by the 1755 earthquake.

Integrity

Évora has been inhabited since the 2nd century B.C. During the Middle Ages, it was the royal residence for long periods of time and gained prestige in the 16th century when it was elevated to an ecclesiastical city. Notwithstanding the significant urban changes that occurred through the centuries, Évora still bears testimony to different aesthetic styles.

In spite of the sharp population growth that led to the construction of new quarters to the west, south and east, the Historic Centre of Évora has retained its characteristics within the Vauban-style wall built in the 17th century according to the plans of Nicolas de Langres, a French engineer. Also, the road network that was built around the city walls in the 20th century has contributed to its preservation. Évora's overall integrity has been preserved in terms of both its individual monuments and its townscape. The rural landscape to the north has remained largely unchanged.

Authenticity

Ever since the city walls were classified in 1920 under national law, conservation measures were implemented in accordance with internationally recognised principles. Despite the transformations the city went through in the 20th century, most of its buildings have preserved their structural authenticity and the morphology of the city block has been preserved. Adaptation to modern times has not jeopardized the authenticity of the urban setting.

Protection and management requirements

The Department of the Historic Centre of the Municipality of Évora has the responsibility for over-seeing the implementation of the management plan and monitoring its effectiveness. Its annual working budget comes mostly from the municipality, yet there are several other financial sources such as the Regional Directorate for Culture of the Alentejo and the Directorate General for Cultural Heritage (DGPC).

In order to ensure enforcement of the Law as the basis for the policy and system of rules for protection and enhancement of cultural heritage (Law no. 107 of 8 September 2001), the Decree no. 140 of 15 June 2009 established the legal framework for studies, projects, reports, works or interventions on classified cultural assets. It determined, as a rule, the need for a prior and systematic assessment and monitoring of any works that are likely to affect the property's integrity so as to avoid any disfigurement, dilapidation, and loss of physical features or authenticity. This is ensured by appropriate and strict planning, by qualified staff, of any techniques, methodologies and resources to be used for implementation of works on cultural properties.

According to no. 7, Article 15, Law 107 of 8 September 2001 «Immovable assets considered cultural assets under the World Heritage List shall at all times pertain to the national interest asset inventory for all purposes thereof and within their respective categories».

Similarly, Decree no. 309 of 23 October 2009 equates buffer zones with special protection zones, which benefit from adequate restrictions for the protection and enhancement of cultural properties.

The Municipality of Évora, in cooperation with the national authorities, is studying the modification of the buffer zone of the property that corresponds to the setting of the city, which will be a crucial measure to ensure that the conditions of authenticity and integrity continue to be met.”

- <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-de-evora>

Centro Histórico de Évora

[Data de inscrição: 1986 | Critérios: (ii) (iv)]

“É, por excelência, o "exemplo" do centro histórico português, com visíveis repercussões na generalidade do território ultramarino. Évora deve a sua relevância a uma história milenar que recua à Pré-História. Mas a história sobrepôs-se-lhe fazendo dela uma das mais notáveis cidades romanas da Lusitânia - Eborá Liberalitas Júlia - da qual restam inúmeros vestígios, destacando-se o Templo Romano.

Tornou-se, em seguida, num dos grandes centros urbanos do Sul do reino português, lugar contínuo de visita e estadia dos monarcas. Viu ali nascer e desenvolver-se os primeiros e brilhantes traços do gótico, combinados com a herança (e a procura de emulação) do mundo "mourisco" ou árabe no chamado "estilo mudéjar", durante os séculos XV e XVI. Recebeu depois os influxos do humanismo e é ali que aparecem algumas das primeiras grandes obras arquitetónicas do Renascimento ibérico, por volta de 1530.

Estes diversos momentos tornaram-na numa espécie de joia patrimonial, à qual os séculos não se escusaram de adaptar, mas que mantém intacta uma ambiência de autenticidade e monumentalidade que a transformam numa verdadeira «cidade-museu».”

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>

“(…) Talvez por isso a cultura e a espiritualidade ganhem aqui um carácter particular. Basta conhecer Évora para perceber por que razão foi há muito classificada

Património Mundial. Admiramos o templo romano e algumas das suas igrejas, como a de S. Francisco com a célebre Capela dos Ossos. Ou a catedral que marca a memória e identidade como todas as outras do Alentejo, em Santarém, Portalegre, Elvas e Beja. Memórias do passado são também o que perdura nas antigas judiarias, especialmente em Castelo de Vide. (...)"

Évora, Património da Humanidade

"Évora, é uma cidade que é um livro de história de arte portuguesa.

Para a visitar, a melhor forma de o fazer é a pé, percorrendo as ruas estreitas, de casas brancas, para se ir descobrindo os monumentos e os pormenores que revelam a história de Évora e a riqueza do seu património.

Pelo seu ambiente tranquilo e acolhedor, vai ser fácil perceber porque é que esta cidade, que teve origem na época romana, foi escolhida pelos reis de Portugal no séc. XV para viver, facto que contribuiu para o desenvolvimento e importância cultural que teve nos séculos seguintes. Na verdade, foi a sua longa história, e o facto de se ter preservado um conjunto urbano representativo dos séculos XVI a XVIII até aos dias de hoje, que levou a UNESCO a classificar Évora como Património Mundial.

Para começar, a Praça do Giraldo...

É o coração da cidade e um ponto de encontro por excelência, com cafés, esplanadas, lojas e o posto de turismo. Num dos extremos, fica a Igreja de Santo Antão e o Chafariz de mármore com 8 bicas, representando as 8 ruas que aí vão dar.

Uma sugestão de itinerário

Partindo das arcadas na Praça do Giraldo, faça um primeiro percurso pelos principais pontos de interesse: o Templo e as termas romanas, as muralhas medievais, a Sé, a Igreja da Graça e a Igreja de São Francisco, com a sua curiosa Capela dos Ossos.

Se houver tempo, não deixe de incluir o Museu de Évora, a Fundação Eugénio de Almeida, e a antiga Universidade, fundada no séc. XVI, uma das razões para o espírito jovem e descontraído que encontramos em Évora. Vale ainda a pena passear pelo romântico Jardim onde se encontra o Palácio de D. Manuel e visitar a Ermida de São Brás, já fora de muralhas.

Seja por motivos culturais ou para passar um fim de semana calmo, Évora é uma cidade inspiradora e com muito a conhecer. Fora da cidade, o melhor é seguir as estradas secundárias para apreciar a paisagem alentejana. Se gosta de arqueologia, tome a EN114, em direção a Guadalupe e descubra, a 3 km, o Cromleque dos Almendres, o maior da Península Ibérica. São 95 monólitos, com milhares de anos e com um propósito ainda por desvendar.

A torre da Sé e o Templo

São verdadeiros ex-libris da cidade e farão parte, com certeza, do álbum fotográfico. A Torre da Sé é facilmente reconhecida pela sua forma particular, numa combinação de torres cónicas pouco habituais na arquitetura portuguesa. No meio da cidade, pode ser um bom guia para ver onde se encontra. Saiba ainda que a Sé de Évora é a maior catedral medieval do país.

Muito perto, no largo Conde Vila Flor, destaca-se o grande Templo de origem romana, símbolo do culto imperial, que durante séculos se pensou ser dedicado à Deusa Diana.”

Évora - Itinerário Acessível

“De fundação romana, Évora teve o seu período áureo a partir do momento em que foi escolhida para residência de reis e de nobres, no séc. XV. Essa importância histórica, que se reflete no património construído, e o facto de se ter afirmado como centro de ciência e conhecimento com a criação da Universidade no séc. XVI levaram a UNESCO a classificá-la Património Mundial, o que justifica ainda mais uma visita.

É uma cidade com condições que permitem definir um itinerário acessível entre os diversos pontos de interesse pois a maioria das ruas não apresenta uma inclinação acentuada. No entanto, algumas barreiras obrigam a que uma visita em cadeira de rodas tenha de ser acompanhada, não existe pavimento tátil ao longo da cidade e os avisos sonoros nas passeadeiras, que são na maioria rebaixadas, são muito pontuais.

(Acompanhe este itinerário com o mapa

Praça do Giraldo - Igreja de Santo Antão (7) - Sé (8) - Forum Eugénio de Almeida (10) - Templo Romano (11) - Museu de Évora (9) - Igreja da Graça (6) - Igreja de São Francisco (5) - Jardim Municipal e Palácio de D. Manuel (2) - Ermida de São Brás (1))

Uma visita a Évora começa naturalmente na Praça do Giraldo, o centro da cidade e ponto de encontro por excelência. Em geral, no centro histórico, o pavimento encontra-se em bom estado de conservação, com ruas pedonais amplas e corredores centrais de lajes de granito que facilitam a deslocação, evitando assim as barreiras comerciais aí existentes, como esplanadas e expositores no exterior.

Num dos topos da praça, vê-se a Igreja de Santo Antão e um chafariz, ambos do séc. XVI. Passando os degraus da entrada da igreja, o interior é amplo e permite apreciar com facilidade a arte sacra do altar-mor e das capelas laterais, em particular as pinturas e a talha dourada. No exterior, de referir o chafariz em mármore, com cinco bicas, uma por cada rua que sai da praça.

Iniciando o primeiro percurso, siga pela acessível Rua 5 de Outubro para chegar à Sé, um dos monumentos mais icónicos da cidade com as suas duas torres assimétricas. A catedral gótica, a maior em Portugal, tem degraus, desníveis e barreiras, seja na entrada ou no interior, que tornam a visita difícil a pessoas com mobilidade reduzida. Voltando à Rua 5 de Outubro e ao Largo do Marquês de Marialva, segue-se em direção ao antigo Palácio da Inquisição, hoje Fórum Eugénio de Almeida, um espaço cultural parcialmente acessível. Muito próximo, o Templo Romano, um dos monumentos mais importantes da cidade, com uma envolvente acessível, e o Museu de Évora, com espaços adaptados a pessoas com mobilidade reduzida e serviços de apoio disponíveis a pessoas com incapacidade visual.

Voltando à Praça do Giraldo, é possível fazer um segundo percurso seguindo pela Rua da República. À direita, encontra-se o largo da Igreja da Graça, em estilo maneirista com a igreja maneirista do mesmo nome, onde a entrada é dificultada apenas pela existência de um degrau. Por ser um bom exemplo de arquitetura da época, vale a pena a visita. No topo, aos cantos, quatro robustos atlantes simbolizam 4 rios e são chamados pela população de

“Meninos da Graça”. Retomando a Rua da República, à esquerda, encontra-se a Praça 1º de Maio onde fica a Igreja gótica de São Francisco. Com entrada acessível, a circulação no interior é garantida por espaços amplos, sem barreiras, existindo apenas um degrau no acesso à singular Capela dos Ossos, construída no séc. XVII.

Daí, pode seguir para o Jardim Municipal e Palácio de D. Manuel, um espaço público muito agradável onde se pode descansar e descontraír um pouco. O extremo do jardim sinaliza os antigos limites da cidade e uma das entradas na muralha. Passando o Rossio, o percurso termina na Ermida de São Brás, mandada construir no séc. XV, um dos primeiros exemplos de arquitetura manuelino-mudéjar, muito difundido no Alentejo em que a presença árabe deixou maiores influências.

Évora é uma cidade acolhedora, com uma longa história, onde cada passeio, por mais simples que seja, se pode transformar numa descoberta, seja pelos pormenores que se encontram nos edifícios mais antigos e nas casas senhoriais, seja noutros pontos de interesse patrimonial ou no espírito jovem e descontraído que a presença da universidade concede à cidade.”

Nome: Internas\\Évora - Promotores Oficiais - Monumentos

Criado em: 23/02/2018 11:09:30

Criado por: C

Modificado em: 05/03/2018 10:42:16

Modificado por: C

Tamanho: 31 KB

Informação oficial de quem promove os centros históricos - Évora:

- <http://conteudos.evora.net/turismo/pt-pt/>

(o site do município reencaminha para este - <http://www.cm-evora.pt/pt/Paginas/home.aspx>)

Centro Histórico

Igreja do Salvador do Mundo

“A igreja e convento do Salvador foram fundados neste local no princípio do século XVII, numa parte do palácio dos Condes de Sortelha.

O convento foi em grande parte demolido em 1942, procedendo-se à abertura da Rua da Olivença e construção do edifício dos CTT. Subsistiu apenas a torre da Cerca Velha e o claustro contíguo, adaptados a sede da Direcção Regional dos Monumentos do Sul. A igreja foi inaugurada em 1610 e tem no seu interior silhares de azulejo policromos, onde são particularmente curiosos os frontais de altar, do tipo indo-português, de cerca de 1650. Salienta-se também a talha dourada dos altares.”

Igreja de São Tiago

“Extinta sede de paróquia e colegiada real, já existia em 1302, mas sofreu profundas reformas de arquitectura nos séculos XVI e XVII, subsistindo alguns elementos anteriores (primitivo presbitério e coroamento de ameias chanfradas manuelinas).

O seu exterior apresenta uma fachada de grossa alvenaria caiada de branco com portal singelo flanqueado por duas torres aparelhadas com frontão iluminado pela figura equestre de Santiago atacando os mouros; lateralmente, existe a estação da via sacra, de 1722.

O interior é constituído por uma ampla nave com pinturas murais e de tela, silhares de azulejos historiados nos alçados laterais da nave, atribuídos a Gabriel del Barco, e retábulo de talha dourada na capela-mor (século XVIII).”

Ermida de Nossa Senhora do Ó

“A primitiva Porta de Avis é das mais antigas da cerca medieval, sendo o primeiro registo conhecido de meados do século XIV. Esta antiga porta foi tapada em data posterior a 1806 e reaberta em 1967. A nova porta de Avis, foi aberta em 1804, como se confirma pela inscrição em mármore existente no seu exterior.

No vão do arco primitivo estiveram pintadas a fresco, em tamanho natural, as figuras de S. Sebastião, Santo António, Nossa Senhora do Espinheiro e a cena da Fuga do Egito e subjacente, cerca de 1482, segundo a tradição, foi fundada a ermida de N.ª Sr.ª do Ó, que sofreram danos irreparáveis provocados pelos bombardeamentos à cidade durante os assédios 1663. A ermida foi refeita em 1768 e recebeu melhorias em 1804 e apresenta características populares.”

Igreja e Convento de S. José - Convento Novo

“Construídos entre 1720-33, assenta em adro de escadaria granítica, merecendo destaque a portaria e a fachada do templo, rasgados por portais de interessantes ornatos barrocos, edículos e cartelas de volutas com enrolamentos, também de pedra regional.

Igreja estilo barroco-rococó, tem a nave revestida de silhares e azulejos historiados da Vida de S. José, cúpula pintada, altares, cruzeiros e presbitério de talha dourada. Na capela-mor existe o túmulo em mármore do padroeiro cónego António Rosado Bravo.

Também se destaca o claustro com a fonte de mármore, de duas taças circulares e gárgulas zoomórficas e quatro oratórios de portas pintadas e forro azulejar.”

Igreja e Convento de Santa Helena do Monte do Calvário

“Fundados em 1570, pela Infanta D. Maria de Portugal, junto da Ermida da Vera Cruz, a eles estão ligadas histórias de evocação poética como a Sempre Noiva, o Bichinho de Conta, o Sino da fome, e a tradicional doçaria conventual.

A sua planta deve-se ao arq. Afonso Álvares e a direcção das obras ao mestre Mateus Neto, e apresenta linhas arquitectónicas de orientação tridentina da contra reforma. No convento destaca-se o claustro, a sala do capítulo, o refeitório, e o coro-alto com cadeiral esculpido e madeira de carvalho (rococó).

A igreja tem uma nave de planta rectangular, com abóbada de caixotões geométricos e nas paredes salienta-se os painéis de azulejos, o retábulo de talha dourada e pinturas maneiristas.”

Teatro Garcia de Resende

“Edificado entre 1881-92, sob beneplácito dos cidadãos eborenses José Maria Ramalho Perdigão, D. Inácia Fernandes e Dr. Francisco Barahona e da Companhia Fundadora do Teatro Garcia de Resende, foi projectado e edificado pelo engenheiro Adriano da Silva Monteiro e pelo arquitecto Manuel de Oliveira e Silva, .que se inspiraram no Teatro de S. Carlos, de Lisboa (modelo italiano). Grandes pintores e estucadores trabalharam na sua decoração, como João Vaz, António Ramalho, Manini, os mestres de Afife, entre outros.

Foi inaugurado em 1892 e doado à Câmara Municipal de Évora, representando um importante foco cultural da cidade.”

Igreja e Convento de Santa Clara

Igreja e Convento de Santa Clara

“Convento fundado no século XV, pelo Bispo de Évora D. Vasco Perdigão, no antigo Paço dos Falcões, sofreu profundas obras no século XVI, sendo de realçar o claustro, o antigo refeitório e a Sala do Capítulo.

Foi a última comunidade religiosa eborense a encerrar (1903) e foi utilizado para instituições militares e, desde 1951, para estabelecimentos de ensino.

A igreja, da segunda metade do século XVI, apresenta características do estilo barroco, com vestígios clássicos. A frontaria com portais de granito, com os símbolos da ordem franciscana e robustecidos por arcobotantes e torres de grilhagem de ladrilho do gosto e tradição mourisca. No interior, destaca-se a nave, o tecto revestido de pintura a fresco, os alçados forrados por silhares de azulejos até à cornija, com pintura mural obstruída por telas, e a talha dourada na capela-mor. Possui pinturas maneiristas.”

Igreja de Nossa Senhora das Mercês

“Pertencia ao convento dos agostinhos descalços (frades grilos), fundado em 1670, na Rua do Raimundo, sob protecção da Rainha D. Luísa de Gusmão.

A igreja, sagrada em 1698, tem uma frontaria muito singela e no seu interior possui silhares de azulejos historiados (século XVIII) e retábulos de talha dourada, sendo de destacar o magnífico arco triunfal e as pilastras do transepto. Aqui está instalada, desde 1956, a secção de Artes Decorativas Religiosas, do Museu de Évora.”

Palácio de D. Manuel - Galeria das Damas

“Símbolo de função real de Évora, foi construído nos séculos XV e XVI. Situado nas imediações do convento franciscano, cresceu à custa desse mesmo convento, no qual decorreram importantes eventos, como a festa do casamento do infante D. Afonso, filho de D. João II, com a Princesa Isabel, filha dos Reis Católicos, a representação de autos vicentinos, entre outros. Do grandioso palácio, resta apenas este Pavilhão, denominado Galeria das Damas, onde elementos característicos do tardo-gótico de influência mudejar se aliam a elementos renascentistas. Foi utilizado como trem militar, museu arqueológico e sala de exposições e espectáculos (teatro, cinematógrafo), e sofreu um devastador incêndio em 1916. Foi restaurado em 1943 e actualmente destina-se, sobretudo, a eventos culturais.”

Igreja de São Francisco

“Edifício dos séculos XV e XVI, de estilo manuelino-mudejar e renascentista construído em substituição de um anterior templo gótico, do qual subsistem ainda alguns vestígios. Teve anexo o Palácio Real e foi considerada como Igreja Real, na qual se realizaram importantes cerimónias, com o casamento do príncipe D. Afonso com D. Isabel de Castela, em 1490.

A fachada da igreja é caracterizada pela volumetria dos coroamentos e o portal está decorado pelos emblemas régios de D. João II e D. Manuel I. O seu interior apresenta uma nave única, de planta rectangular e em cruz latina, destacando-se o altar-mor e a Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, de estilo barroco. A maior curiosidade popular reside na Capela dos Ossos, de três naves formadas completamente por ossadas humanas (século XVII).

O convento foi demolido em finais do século XIX.”

Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça

“Foram construídos entre 1537 e 1546, sob a responsabilidade do arq. Miguel de Arruda e colaboração artística de Nicolau Canterene (janelas da capela-mor da igreja, túmulo do Bispo de Évora, D. Afonso de Portugal, actualmente no museu da cidade).

A igreja, panteão da Casa Vimioso, apresenta na sua fachada uma composição inédita de elementos renascentistas e maneiristas, destacando-se os Meninos da Graça, estátuas de gigantes simbolizando as quatro partes do Mundo e o poder universal de D. João III. A estas figuras estão ligadas várias histórias populares.

No Convento é de destacar o claustro, o primitivo refeitório e as escadarias revestidas de azulejos de finais do século XVII.”

Quartel dos Dragões de Évora (antigo castelo manuelino)

“O Castelo Novo da Évora, fundado por D. Manuel I, foi construído entre 1518-1528, sob a responsabilidade do arq. Diogo de Arruda. Foi transformado, a partir de 1736, num sóbrio e importante edifício militar, para acolher o Regimento de Dragões de Évora. Constitui um dos mais importantes testemunhos do barroco profano da cidade.

Subsistem da traça manuelina os corpos baixos das duas torres paralelepípedicas do lado sul, as suas sapatas em plano inclinado e os alçados laterais que defendiam as cortinas entre quatro torres da construção primitiva.”

Igreja do Senhor Jesus da Pobreza

“Com inspirações formais do barroco, deve-se à acção mecénica do cónego António Rosado Bravo. Foi construída em 1729, no local onde existia a Porta da Mesquita.

Exterior: frontaria flanqueada por duas torres de remates gomeados, frontão de pináculos flamejantes e pilastras integradas no alpendre de três aberturas de colunas dóricas de granito, é valorizada axialmente, por cúpulas de forma octógona iluminada por lanternim hexagonal.

Interior: Nave de planta hexagonal com quatro altares decorados com talha dourada. Por cima do altar-mor, decorado com talha dourada, subsiste a primitiva capela de N.ª Sr.ª do Amparo.”

Capela da Nossa Senhora da Cabeça

“Construção do século XVII, em substituição de um antigo e arruinado oratório que existia na mesma rua, e deveu-se a João Vardon, irlandês e guarda da Universidade.

Arquitectura de estilo barroco, com galilé constituída por tripla arcada de granito e terraço diademado de balaústres e painel de azulejos da oficina dos Oliveira Bernardes. No seu interior destaque para as pinturas a fresco (tardo-maneiristas), os painéis de azulejos e na capela-mor, o retábulo de talha dourada do século XVIII.”

Casa Cordovil

“Casa com vestígios de arquitectura gótica, nomeadamente abóbadas e portais, foi residência dos morgados de Brito no século XVI. Destaca-se o notável mirante mudéjar, torreado, de planta rectangular, aberto em três arcadas, sendo duas de arcos de ferradura.”

Janela de Garcia de Resende

“Janela de estilo manuelino, onde a harmonia das linhas e proporções se coadunam graciosamente com os materiais: mármore e granito dos vãos geminados guarnecidos pelo arco policêntrico e encordado.

Pertence a uma casa antiga, onde a tradição afirma ter residido o cronista e poeta palaciano Garcia de Resende, mas que na realidade pertenceu ao morgado que instituiu.”

Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo

“O primitivo Convento de N.ª Sr.ª do Carmo em Évora data de 1531, localizava-se junto da Porta da Lagoa (exterior) e foi destruído durante a Guerra da Restauração.

O actual é de finais do século XVII, de estilo barroco e ocupa o antigo paço quinhentista dos Duques de Bragança, do qual subsistem alguns elementos. No exterior da igreja merece destaque a Porta dos Nós (símbolo da Casa de Bragança), a escadaria para o pátio e o zimbório. O seu interior é constituído por uma só nave, de planta rectangular, com seis capelas laterais e capela-mor que ostenta a maior cúpula da cidade. Possui pinturas do ciclo maneirista.

O convento, após a extinção das ordens religiosas, teve várias ocupações e actualmente pertence à Universidade de Évora.”

Capela de São Manços

“No século XVII, Baltazar Vieira, cognominado por Racha Torres, fundou uma capelinha dedicada a S. Manços, que tinha grande culto na cidade, numa das torres da Porta de Moura da cerca velha.

Tem nave de planta quadrangular, com tecto pintado a fresco, alçados revestidos com silhares de azulejos policromos e altar com retábulo de talha dourada e colunas coríntias e temática floral, guarnecido por quatro painéis de tela maneiristas.

Subsiste a antiquíssima coluna de pedra que assinala o lendário episódio de açoitamento de S. Manços, pelo pretor romano Valídio.”

Igreja da Misericórdia

“A Santa Casa da Misericórdia de Évora foi instituída em Dezembro de 1499 e a sua primitiva sede localizou-se na Capela de S. Joãozinho, na Igreja de S. Francisco.

A actual igreja foi fundada em meados do século XVI. A sua construção é de estilo maneirista, portal rococó, decorado pelas armas reais de Portugal (1775). A nave, de planta rectangular, tem recheio sumptuário e ornamental de estilo barroco e as paredes estão forradas de azulejos historiados de A. Oliveira Bernardes e sobrepostos, painéis de pintura de José Xavier de Castro. Tem um imponente retábulo na capela-mor, de talha policroma e colunata salomónica, de estilo barroco.”

Igreja de São Vivente

“O actual edifício surgiu em 1560, em substituição de anteriores oratórios, e apresenta características dentro do espírito tridentino. O interior tem três naves divididas por robustos pilares graníticos, suportando uma cúpula hemisférica, destacando-se o retábulo do altar-mor e a Capela de N.ª Sr.ª da Vitória.

Ao Mestre André de Resende se deve a divulgação da lenda dos Mártires de Évora, os Santos Vicente, Sabina e Cristeta (titulares de Ávila), mártires das perseguições romanas, considerados naturais de Évora. No presbitério existe uma pedra onde, segundo a tradição, está inserida a marca de um pé do mártir S. Vicente.

Na fachada existe também uma estação da Via Sacra da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos (de 1720, e reconstituída neste local em 1856).”

Igreja de Santo Antão

“Esta igreja substituiu a primitiva ermida de Santo Antoninho, comenda da Ordem do Templo. Foi construída entre 1557 – 63, a instâncias do Cardeal Infante D. Henrique e a sua planta é atribuída ao mestre Manuel Pires.

Frontaria severa, flanqueada por torres sineiras e aberta com três portais maneiristas. No seu interior, a traça é da renascença tardia, com as características de templo-salão. Tem interessantes capelas decoradas de talha policromada maneirista e barroco-rococó e painéis de azulejos do século XVII. Na capela-mor: retábulo de talha dourada, barroco, e no altar subsiste o precioso frontal de mármore, com o Apostolado, do século XIV, que pertencia à primitiva ermida. Segundo a tradição, defronte desta igreja existia um magnífico arco romano, destruído em 1570.”

Igreja de São Mamede

“Fundada no período medieval, junto do Bairro da Mouraria, sofreu profunda remodelação no século XVI. Foi seu capelão o Mestre André de Resende.

Estilo de inspiração no renascimento tardio, com influências tridentinas. O corpo da nave, de planta rectangular, está decorado por painéis de azulejos policromos, formando preciosos conjuntos de motivos variados, de tapete, brutescos, rótulos e pendurados, etc., do século XVII, e a abóbada, nervurada, está pintada a fresco (1691). No altar da capela-mor estão expostas pinturas de temática sacra, oriundas do extinto Convento de Santa Mónica.”

Seminário Maior - Colégio da N.ª S.ª da Purificação

“Foi fundado pelo Cardeal Infante D. Henrique, em 1577, delineado pelo mestre Jerónimo de Torre e integrado no complexo universitário.

Situa-se entre as cercas velha e nova, tem uma planta oblonga, de exterior severo, é apenas enobrecido, na fachada, pelo alpendre de arcaria redonda, autenticado pelo brasão de armas do prelado fundador. No interior, destaca-se o claustro, a Aula Magna, o refeitório e a capela, muito valorizada depois de 1854, data da instalação do Seminário. No edifício funcionou, entre 1657-1760, a imprensa da Universidade Eboense, que publicou obras de merecimento cultural e científico.”

Colégio do Espírito Santo - Universidade de Évora

“A sua fundação deveu-se ao cardeal infante D. Henrique e as obras de construção foram iniciadas em 1551 e a inauguração solene verificou-se em 1 de Novembro de 1559. Desta época destaca-se o claustro, o refeitório e o lavabo. Sofreu aditamentos nos séculos XVII e XVIII: a Sala dos Actos Solenes com fachada barroca, as Salas de Aulas com as cátedras de madeiras exóticas de anjelim e os silhares de azulejos historiados de 1744-49, e a antiga Livraria com o tecto pintado a fresco (séc. XVIII).

O ensino era da responsabilidade dos jesuítas, pelo que, após a sua expulsão em 1759, a Universidade foi encerrada. Nela leccionaram grandes figuras da cultura da época, como Luís de Molina, Sebastião Barradas e Luís António Verney.

A actual Universidade surgiu em 1979.”

Igreja do Espírito Santo

“Foi construída no século XVI, é de estilo maneirista, de planta tipicamente jesuítica. A frontaria é constituída por pórtico de sete arcadas redondas e nas traseiras existem as típicas torres anãs, invisíveis da fachada principal.

Tem uma só nave, em planta de cruz latina, com capelas enriquecidas com talha dourada. A sacristia tem a abóbada revestida de pinturas a fresco, contendo cenas iconográficas relacionadas com a história da Companhia de Jesus (Séc. XVI).”

Torre de Sertório

“Situa-se no ponto de cota mais elevada da cidade e, provavelmente, fazia parte do antigo castelo de Évora, como uma guarda avançada. É de grossa alvenaria, com alguns silhares de aparelho romano, graníticos e blocos facetados nos ângulos e tem 18m de altura. Desde 1869 é ocupada pelo Observatório Meteorológico de Évora.”

Templo Romano

“Exemplar de arquitectura religiosa romana, do século I, situado na Acrópole, à cota máxima de 302m, que fazia parte do forum; é de estilo coríntio e do tipo hexastilo-periptero, com planta rectangular (25x15m). Estava enquadrado por tanques, criando um raro efeito de espelho de água. Deve ter sido dedicado ao culto imperial e não à deusa Diana, como é designado desde o séc. XVII até aos nossos dias (Templo de Diana). Foi reutilizado ao longo dos séculos, sobretudo, como açougue municipal. O seu aspecto actual deve-se às obras de libertação das paredes em 1870, dirigidas por Cinatti.”

Catedral de Santa Maria de Évora

“A actual Catedral de Santa Maria foi edificada nos séculos XIII e XIV, sob o patrocínio real de D. Afonso III e do bispo D. Durando Pais, nos estilos românico e gótico, destacando-se o pórtico ogival, guarnecido por esculturas do Apostolado e o claustro. Anteriormente existiu outra sede episcopal, mas ignora-se a sua localização. A capela-mor é do séc. XVIII (estilo barroco), de autoria do arq. alemão Frederico Ludovici. No seu interior existem muitos elementos arquitectónicos e artísticos de relevância, como o cadeiral do coro, o órgão renascentista, as peças do Museu de Arte Sacra (escultura, pintura, paramentaria e ourivesaria), entre outros.”

- <http://www.visitevora.net/posto-turismo-praca-giraldo-evora/>

(separadores: Visitar e Roteiros)

Muralhas de Évora

“As Muralhas de Évora são uma das delícias da cidade e têm o poder de nos transportar a tempos imemoriais. Estão classificadas como monumento nacional desde 1922 e são parte integrante do conjunto do Centro Histórico de Évora Património Mundial UNESCO.

Évora é uma das poucas cidades de Portugal que, ao longo dos tempos, tem conservado as suas antigas muralhas quase intocadas.

Foi D. Afonso IV de Portugal quem ordenou as obras de construção das Muralhas de Évora, no século XIV. No seu conjunto, a cerca é constituída pelas torres e panos de muralha que marcam os limites da cidade medieval. Temos, então, as Torres da Rampa dos Colegiais, do Baluarte de São Bartolomeu, do Jardim Público de Évora, das Portas de Aviz, as que ficam situadas perto do Convento do Calvário, e entre o Baluarte do Conde de Lippe e o Quartel de Cavalaria.

As Muralhas de Évora, também conhecidas como cerca romana, constituem um conjunto defensivo, de arquitetura militar, que foi sendo erguido ao longo de séculos.

A cerca mais antiga foi construída no século III, aquando do período da romanização, e estende-se por uma área de cerca de dez hectares com perto de dois mil metros de comprimento. Circundava a parte mais alta da cidade, onde hoje fica situada a Sé Catedral de Évora.”

Muralhas de Évora e Seminário

“O centro histórico de Évora, bem delimitado pela cerca exterior, mantém-se ainda hoje como o centro político, administrativo, económico e social da cidade.

O sistema defensivo da cidade de Évora é formado por duas linhas de muralhas que correspondem a diferentes períodos de tempo. A segunda linha resultou do alargamento da área de habitação para além do perímetro da primeira muralha e da necessidade de proteção desse novo núcleo.

A primeira muralha, conhecida por cerca-velha, é de construção romano-medieval e é caracterizada por várias torres de diferentes formas: quadradas, circulares e poligonais. É também marcada pelas várias portas estrategicamente posicionadas sobre os principais eixos viários. Testemunho importante deste período é a Porta de D.Isabel. Entrar no centro histórico de Évora significa ter de passar por uma destas portas.

A segunda muralha, conhecida por cerca-nova, é de construção medieval, do século XVI. Foi sendo reforçada ao longo dos tempos e durante o século XVII foi reforçada com alguns baluartes bastante avançados.

As Muralhas de Évora apresentam uma grande variedade de estilos, marcados por várias alterações e restauros levados a cabo em diferentes épocas por diferentes povos, como os Romanos, os Visigodos, os Mouros e os Portugueses Medievais. Foram utilizadas ao longo dos tempos como linhas defensivas fortificadas e, a partir do século XVI, foram adaptadas ao uso da artilharia.”

Porta da Lagoa

“Do período visigótico, temos a Torre Quadrangular, ou Torre de Sisebuto, rei visigótico, a quem foi atribuída a construção da muralha no século VII. No entanto, sabe-se que esta torre é uma construção romana tardia, construída no século III. É um elemento que faz parte da estrutura defensiva mais arcaica da cidade e que foi bastante alterada.

Não se conhece ao certo a estrutura da cerca durante o período islâmico mas existem alguns vestígios desse tempo na parte traseira da Sé Catedral de Évora e do Templo Romano de Évora.

Se quiser ter uma perceção mais real do que é este grande conjunto de muralhas, pode percorrer todo o seu perímetro a pé. Assim, conseguirá apreciá-las mais de perto, sem estar preocupado com o trânsito. Pode deixar o carro num dos vários parques de estacionamento exteriores e depois entrar numa das portas que lhe dão acesso ao centro da cidade.

Será, de certeza, um passeio agradável, tanto mais que o tratamento paisagístico dado à atual zona extramuros convida a uma descontraída e demorada caminhada. Bom passeio.”

Igreja do Carmo em Évora

Pátio da Igreja do Carmo

“A magnífica e imponente Igreja de Nossa Senhora do Carmo, antiga igreja do Convento do Carmo, é ponto de visita obrigatório em Évora, situando-se entre o Largo da Porta de Moura e a Rua D. Augusto Eduardo Nunes (antiga Rua da Mesquita).

Este autêntico portento religioso, cuja história de sofrimento, perda e redenção se entrelaça com a riqueza arquitetónica e o simbolismo patriótico de ser português, merece ser explorado e apreciado com tempo e gosto. Esta igreja é um esplêndido monumento a conhecer, sem dúvida!”

Igreja do Carmo em Évora – história

“O Convento do Carmo da cidade de Évora foi originalmente erigido na Porta da Lagoa em 1531, pelos Frades Carmelitas Calçados da Ordem Religiosa do Carmo. Frei Baltazar Limpo, Vigário Geral e Reformador da Ordem do Carmo em Portugal, decide construir este Convento após lhe ser doada a Ermida de S. Tomé.

Em 1663, o Convento do Carmo é destruído por fogo durante a Guerra da Restauração, aquando do cerco a Évora pelos Castelhanos. Conseguindo fugir apenas com a imagem da Nossa Senhora do Carmo, os padres devotos da santa refugiam-se onde lhes dão guarida – em casas particulares e moradias espalhadas por Évora.

Dois anos após a destruição do Convento do Carmo, em 1665, o então Rei D. João VI acaba por doar o Paço da Casa de Bragança, no Largo da Porta de Moura, aos Frades Carmelitas Calçados, desde que o famoso Portal dos Nós seja preservado em toda a sua glória. Em 1670, esta ordem Carmelitana inicia a construção do novo Convento e Igreja de Nossa Senhora do Carmo neste local, dando-se a sagração da Igreja em 1691.

Quando descemos as escadas desde o plano da rua até à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, é impossível não reparar no trabalho intrincado do portão de granito, que apresenta as armas da Ordem do Carmo. A fabulosa escadaria dá acesso ao pátio em granito regional e ao extraordinário Portal dos Nós.

Esta esplêndida porta é feita de troncos de granito entrelaçados por nós assentes em colunas salomónicas. Criado pelo arquiteto Diogo de Arruda em 1525, reza a lenda que este belíssimo símbolo da Casa de Bragança assumiu um significado histórico adicional ao representar o corte com o “nó” que nos ligava à dinastia Filipina. A inscrição no brasão ducal de D. Jaime de Bragança, “Depois de Vós, Nós”, ganha, assim, uma faceta premonitória de recuperação do trono de Portugal aos Espanhóis.”

Igreja do Carmo em Évora – interior

“O interior da Igreja da Nossa Senhora do Carmo possui diversos e singulares pontos de interesse arquitetónico que não pode perder, acredite! A sua ampla nave, de abóbada de berço, com seis capelas laterais, coro-alto e galerias por onde entra a luz que a ilumina. A enorme cúpula octogonal que cobre o cruzeiro. Os três monumentais altares em talha dourada que representam épocas diferentes da arte portuguesa: o altar de Nossa Senhora da Piedade, à esquerda, pertencente ao reinado de D. Pedro II; o altar do Santíssimo Sacramento, à direita, em estilo barroco-rococó; e o altar-mor, de estilo joanino, onde ainda é venerada a imagem da Nossa Senhora do Carmo, a mesma que foi salva do fogo que consumiu o Convento pelos Frades Carmelitas Calçados.

O novo Convento do Carmo, construído pela Ordem Religiosa do Carmo no Paço da Casa de Bragança, foi extinto em 1834, tendo, desde então, desempenhado diversas funções distintas. Entre 1896 e 1910 foi sede do Colégio das Irmãs Doroteias, passando a residência Arquiepiscopal em 1914.

Em 1990, é arrendado à Universidade de Évora para instalação dos Departamentos de Música e Teatro, que ainda lá funcionam atualmente. Já a Igreja de Nossa Senhora do Carmo é a sede paroquial da Sé de Évora desde 16 de julho de 1943, por ordem do Arcebispo D. Manuel da Conceição Santos, o que demonstra claramente a importância vital deste local de devoção católica.

Mas muito para além do seu significado religioso, estão a extraordinária beleza e majestoso esplendor desta fenomenal construção, situada no coração de Évora e que o deixará absolutamente deslumbrado. Por isso, comece já a planear a sua próxima escapadinha a Évora e não se esqueça de assinalar a sua visita à Igreja de Nossa Senhora do Carmo como imprescindível!”

Vestígios Romanos em Évora

“Haver vestígios romanos em Évora não é algo que surpreenda. Sabia que, durante a época da romanização da Península Ibérica, toda a região do Alentejo era de importância vital para Roma? A cidade de Évora, pela sua localização geográfica privilegiada, rapidamente suscitou a atenção das tropas romanas.

O Alentejo era fonte abundante de trigo, cereal fundamental para Roma. Daí o dito do povo romano panem et circenses (pão e circo), as duas formas que os imperadores tinham de agradar e controlar os seus súbditos na altura. O trigo alentejano, farto e saboroso, tornou-se elo vital na pacificação do povo romano durante os vários séculos da romanização da Lusitânia. Era de tal forma essencial que, quando Évora é elevada a municipium, já durante a Pax Romana, no século I da era Cristã, o próprio imperador Júlio César lhe atribui o nome de Eborá Liberalitas Julia – Évora, a Liberdade de Júlio (César). Vestígios romanos em Évora? Claro!

Os romanos dominaram completamente a Península Ibérica até ao século III d.C., deixando a sua influência bem presente em estradas, edifícios e, sobretudo, na língua portuguesa (proveniente do Latim). A sua herança é inegável e Évora, cidade de imensa produtividade agrícola, mantém, ainda hoje, vestígios romanos de extraordinária beleza que são testemunho do passado.”

Templo Romano

“Também popularmente conhecido como Templo de “Diana”, teria sido um local de culto ao imperador romano da altura da sua construção. Localizado no então Fórum da cidade de Évora e erigido no início do século I d.C., este monumento pagão de imponentes proporções sofreu várias alterações durante as invasões bárbaras e a época cristã, que o descaracterizaram por completo. Foi apenas no século XIX que este majestoso templo foi totalmente restaurado à sua glória original.

O templo romano de Évora terá escapado a demolição total durante a época cristã, por ter funcionado como um açougue (ou talho). Durante a romanização e em certos templos, fazia-se o sacrifício de animais em homenagem ao imperador, pois considerava-se que o sangue era um elemento milagroso.

A substancial quantidade de carne que sobrava destes sacrifícios era, depois, vendida ao povo. Quando a religião romana foi substituída pela cristã, os sacrifícios animais terminaram, mas o templo continuou a fazer o seu papel de talho da população eborense, o que poderá explicar a sua resiliência até aos nossos dias.

Escavações realizadas durante o século XX na área do templo permitiram encontrar vestígios de um magnífico espelho de água que o rodeava e de um pórtico que envolvia o Fórum da cidade de Évora.”

Museu de Évora

“Um dos principais museus portugueses, o Museu de Évora alberga inúmeros vestígios da herança romana. Entre o seu espólio, destacamos a estátua de um “sileno” descoberto no Convento de Loios e que poderá indiciar a existência de um teatro ainda por descobrir, assim como o fragmento recentemente descoberto de uma estátua do Templo Romano, uma mão feminina segurando um fruto, simbolizando a importância agrária de Évora para os romanos.

Fundado em 1804 pelo Arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo, famoso colecionador de arte, o próprio Museu de Évora está construído no antigo Paço Episcopal, erigido, em grande parte, sobre o Fórum romano e adjacente à Catedral de Évora.”

Cerca Velha (Muralhas de Évora), Porta de D. Isabel e Casa de Burgos

“A muralha romana original, datada do século III e edificada durante a fortificação da cidade, circundava uma área de aproximadamente dez hectares e tinha quase dois mil metros de comprimento. A muralha de Évora era protegida por fortes torres de cantaria, como as que defendiam a porta da Rua da Selaria (a actual 5 de Outubro) e a Porta da Moura.

A Porta de D. Isabel, ou Arco Romano de Évora, fazia parte da muralha romana e é constituída por um arco perfeito de cantaria. Sob este arco, existe ainda um troço de calçada do Cardo Máximo, uma das principais ruas da ancestral cidade romana.

Assente igualmente na Cerca Velha, está a Casa de Burgos, onde podemos encontrar uma domus romana encravada no seu subsolo e que se liga à Rua da Alcárcova de Cima. Hoje em dia, este edifício tem alojada a Direção Regional de Cultura do Alentejo. É perfeitamente possível entrar, descer aos vestígios romanos de Évora que aí se encontram mas também subir ao terraço para uma vista fantástica dos telhados da cidade.”

Termas Romanas

“Descobertas durante as obras no Paço do Concelho (Câmara Municipal de Évora), em 1987, as termas romanas terão sido edificadas entre os séculos II e III. Com uma área de cerca de 300m², as termas romanas de Évora apresentam três espaços bem definidos:

Laconicum: sala circular destinada a banhos quentes e de vapor;

Praefurnium: espaço que pode visitar, onde ficava a fornalha que servia de aquecimento central das salas adjacentes, incluindo o Laconicum;

Natatio: espaço interdito a visitantes, esta era a piscina retangular ao ar livre, onde eram lançadas as águas das termas, trazidas por um aqueduto próprio para o efeito, possivelmente o antecessor do famoso Aqueduto da Água de Prata.”

Praça do Giraldo

“Antes da sua destruição em 1570, existia no topo norte da Praça do Giraldo, em frente à atual Igreja de Santo Antão, um arco romano com três arcos triunfais, nichos e estátuas. Crê-se que o friso com bucrâneos e pateras, que pode visitar no Museu de Évora e que adornou as paredes do antigo edifício da Câmara Municipal durante séculos, poderia fazer parte deste monumental arco romano. As duas estátuas da Fonte dos Leões estão, de igual modo, associados a este vestígio romano de Évora.”

Villa Romana de Tourega

“O conjunto arqueológico da Tourega, entre Évora e Alcáçovas é composto pelas termas da Villa romana, ocupada desde meados do século I até ao século IV. Com cerca de 500m², este complexo termal teria salas e tanques de banhos quentes e frios, as respetivas fornalhas e sistemas de aquecimento, assim como um enorme reservatório de água. A existência de duas zonas aquecidas distintas, utilizadas em simultâneo, indica que se tratavam de termas duplas, com áreas separadas para homens e mulheres.

A influência romana moldou, em grande parte, o caráter de quem hoje somos como povo e Évora é testemunho vivo dessa inolvidável época. Mas Évora não é apenas monumentos. Évora é história, é beleza, é cultura e arte que respiram a cada passo seu nas suas calçadas. A cidade das muralhas ancestrais espera por si de braços abertos, Venha conhecê-la!”

Convento de São José da Esperança, Convento Novo

“O Convento de São José da Esperança, conhecido também por Convento Novo pelos eborenses, fica situado no Largo de Avis, em Évora. Foi classificado como Monumento Nacional no ano de 2008. O nome Convento Novo tem a ver com o facto de ter sido a última casa religiosa a ser edificada na cidade de Évora.

Este convento, nas mãos das freiras da Ordem das Carmelitas Descalças, foi fundado em 1681 por Feliciano e Eugénia da Silva, duas eborenses. Encerrou em outubro de 1886 devido à morte da sua última professora, a Priora Maria Teresa de São José. De acordo com a Lei da Extinção das Ordens Religiosas, a admissão de noviças não era possível desde 1834, daí a sua extinção.

Com o passar dos tempos, o Convento de São José da Esperança teve várias utilizações. Depois do seu encerramento, foi ocupado pelo Batalhão nº4 da Guarda-Fiscal e, em 1889, foi cedido à Casa Pia. Em 1904, instalou-se aqui a Secção Feminina, em simultâneo com o

Recolhimento Escola de Dr. João Baptista Rolo. Até 1919, também aqui funcionou o Asilo de Mendicidade. Em fevereiro de 2010, a Igreja do Convento Novo foi reaberta ao culto.

O edifício do Convento de São José da Esperança é, quase antagonicamente, severo e simples. Mantém quase intacta a sua arquitetura conventual, claramente barroca. A sua igreja, de estrutura grandiosa, é um exemplar da arte da talha dourada de Évora.

Da decoração do convento, também magnífica, destacam-se a espetacular talha rococó, presente no retábulo do altar-mor e altares laterais, da segunda metade do século XVIII; treze painéis de azulejos relacionados com a vida de S. José e da Virgem Maria, desde o nascimento até à doença de S. José e sua morte nos braços de Jesus e de Maria.

O retábulo do altar-mor, onde se encontra o fabuloso trono eucarístico, está decorado por um conjunto de imagens douradas e policromadas, de grande valor artístico. Entre elas, a imagem de S. José e Santa Teresa de Ávila, padroeiros deste convento e igreja.

De todo o conjunto do Convento de São José da Esperança, destacam-se o claustro, com os seus oratórios, e a igreja. Esta tem cerca de 160 m² e foi fundada em 1728. Apresenta uma só nave, com uma espetacular cúpula de meia laranja, e uma capela-mor bastante espaçosa. É aqui que se encontra, do lado do evangelho, o magnífico túmulo do padroeiro da igreja e cónego da Sé, António Rosado Bravo.”

Encontrar o Convento de São José da Esperança

Se pensar vir até Évora sem saber ao certo por onde começar, por serem tantas as possibilidades, considere iniciar a sua visita pela Porta de Avis. Começa aqui um percurso bastante interessante.

Subindo um pouco a rua com o nome de Avis também, à sua direita vai encontrar o Convento Novo, e à sua esquerda, o Jardim da Rua de Avis. Aqui pode descansar um pouco, sentado num dos bancos do jardim, ou apenas apreciar o verde das árvores que aqui se encontram. A primavera será a altura ideal para esta contemplação, claro. Continuando a subir a rua, vai chegar muito perto do centro da cidade. A partir daí é só... descobrir!”

Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Remédios

“A Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Remédios ficam situados junto à conhecida Porta de Alconchel, fora das Muralhas de Évora que envolvem a parte velha da cidade.

O convento, masculino, foi fundado pelo Arcebispo de Évora, D. Tetónio de Bragança, para os frades da Ordem dos Carmelitas Descalços, em 1606. O nome do convento está relacionado com aquela Ordem. Aquando da sua chegada a esta cidade, anterior à construção daquele edifício, os Carmelitas Descalços ocuparam a antiga ermida de Nossa Senhora dos Remédios, situada na Rua do Raimundo. Mais tarde, foram transferidos para o atual convento.

Este monumento religioso tem uma arquitetura caracterizada pelas linhas austeras impostas pelo contexto temporal. Reflete, no fundo, a rigidez dos costumes e a conduta daquela ordem.

Do antigo Convento de Nossa Senhora dos Remédios destacam-se a sacristia e o seu excecional paramenteiro, os silhares de azulejos, o claustro e as celas dos monges. Na fachada

principal sobressaem o brasão eclesiástico do seu fundador, bem como uma imagem de mármore de Nossa Senhora dos Remédios.

A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sagrada em 1614, é um marco admirável do primeiro barroco em Évora. A nave é de planta retangular e a capela-mor está ornamentada com um majestoso altar de talha dourada, dos artistas eborenses irmãos Abreu do O. Este belo exemplar de trabalho em talha dourada faz com que esta seja uma das mais ricas igrejas desta arte, em Évora.

Depois de 1834, ano em que teve lugar a Extinção das Ordens Religiosas em Portugal, o edifício e cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios passaram para a posse do Estado. Cinco anos mais tarde, em 1839, o mesmo Estado cedeu-os à Câmara Municipal de Évora com a obrigação de, nos terrenos que constituíam a cerca do convento, ser construído o cemitério público. Ali nasceu, então, o Cemitério Municipal de Nossa Senhora dos Remédios e ali ainda se encontra atualmente.

Como marca da entrada deste cemitério temos o espetacular portal renascentista, em mármore, do destruído Convento de S. Domingos. Este portal foi atribuído ao escultor de origem francesa Nicolau de Chanterene.

Após uma grande obra de intervenção que levou à existência de múltiplos espaços interiores, o atual Convento de Nossa Senhora dos Remédios tem uma nova vertente cultural, com a criação de novas valências. Aqui, encontram-se agora em funcionamento o Conservatório Regional Eborae Musica e a interessante exposição Megalithica Eborae, do núcleo museológico municipal.

Pode ver também no Convento dos Remédios, por exemplo, artefactos e explicações sobre vestígios romanos em Évora. Existem também salas de exposições e concertos e outras áreas com conteúdos variados sobre a cidade.

O Convento é hoje um pólo de atração para a cidade e seus visitantes. Não é apenas um local destinado à Conservação e Divulgação do Património, é também um espaço aberto ao público, um local de convívio que permite a quem o visite desfrutar de todo o edifício, principalmente do claustro.

É certamente um espaço a visitar. Venha, tome um café na cafetaria do convento e, se for caso disso, assista a um recital de música, ou interesse-se por uma das várias exposições de fotografia ou outras que por aqui vão passando.”

Igreja do Senhor Jesus da Pobreza em Évora

“A Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, classificada como um dos Monumentos Nacionais do Património Mundial de Origem Portuguesa pela UNESCO, destaca-se por ser uma pequena pérola do estilo tardo-barroco em Évora.

Atualmente de acesso muito restrito, esta magnífica obra da arquitetura religiosa setecentista constitui um ótimo exemplo da perfeita comunhão e equilíbrio entre o gosto pelo classicismo e o apego às formas racionais e geométricas do barroco seiscentista, presentes em tantas outras construções da mesma época, espalhadas por Évora e o Alentejo.

Localizada perto do Hospital do Espírito Santo de Évora, no Largo da Pobreza, a Igreja do Senhor Jesus da Pobreza terá sido erigida na década de 1730, fruto dos contínuos esforços do

então Cónego da Sé de Évora, António Rosado Bravo, e sob a alçada do muito cobiçado arquiteto alemão João Frederico Ludovice.

Ludovice emigrou para Portugal em 1707, estabelecendo-se em Lisboa como ourives, em primeiro lugar, e mais tarde como arquiteto. Rapidamente se tornou no arquiteto de eleição de El-Rei D. João V, o Magnânimo, conhecido pela fausta riqueza que o seu reinado trouxe a Portugal e por ter sido o responsável por um grande número de majestosas edificações por todo o país, algumas delas dirigidas por João Frederico Ludovice. A mais notável é a construção do monumental Palácio-Convento de Mafra.

Por volta de 1730, Ludovice, sob o patronato de D. João V, mudou-se para Évora com o intuito de concretizar a sua mais recente obra, a construção da esplêndida capela-mor da Sé Catedral de Évora. A nossa Igreja do Senhor Jesus da Pobreza terá sido levada a cabo não diretamente pelo próprio João Frederico Ludovice, mas sim por um dos dedicados mestres que, na época, aprendiam e trabalhavam com o famoso arquiteto de origem germânica.

Outra enorme força motriz na edificação desta soberba Igreja foi Cónego António Rosado Bravo. Falecido em 1733, o então Cónego da Sé nunca chegaria a ver o seu sonho concretizado em toda a sua glória e esplendor.

Ao chegarmos à Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, somos imediatamente invadidos por uma sensação de tranquila simplicidade, que nos convida à paz de espírito e ao sossego da alma. Rainha do largo onde está situada, o seu sereno exterior convida-nos a entrar e apenas estar. A sua fachada, de linhas airoas e decoração contida, compõe-se de quatro partes bem demarcadas, mas em proporção harmoniosa, tão características de um barroco já mais neoclássico e do patronato quinto-joanino.

Quando passamos a porta principal, apercebemo-nos que o interior da Igreja desenvolve-se em altura, aproveitando, de forma genial, o espaço irregular sobre o qual está construído. Vemos, igualmente, que este interior está dividido em duas partes que, embora distintas, se interligam de forma funcional e subtil – o vestíbulo/sub-coro e a nave/capela-mor.

A capela-mor da Igreja do Senhor Jesus da Pobreza é uma obra sumptuosa em si mesma e diferente do que se fazia na primeira metade do século XVIII. Construída em hexágono e de tambor iluminado com janelas, o zimbório da sua cúpula é rematado por lanternim, isto é, está coberto por superfícies envidraçadas, por onde entra a luz natural que ilumina o magnífico retábulo em talha dourada. A construção deste excepcional zimbório terá sido inspirada pela planta original da Basílica de São Pedro, monumento emblemático da Cidade do Vaticano.

Já o sublime retábulo em talha dourada foi criado em 1738, pelo mestre entalhador Manuel Abreu do Ó, também responsável pelo retábulo do coro de baixo do Convento do Salvador e pelo revestimento da tribuna e do trono da capela-mor do Convento de Santa Clara, dois outros monumentos religiosos bem conhecidos na cidade de Évora.

Ainda no interior da Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, crê-se que o rico trabalho em talha dourada na capela de Nossa Senhora do Amparo terá sido, igualmente, arte e engenho do mestre do Ó, uma vez que as semelhanças estilísticas com o retábulo que fez para o Convento do Salvador apontam nessa direção.

Monumento original entre os restantes em Évora, a Igreja do Senhor Jesus da Pobreza é um exemplar único da arquitetura religiosa do século XVIII. Local onde história e arte comungam

sob a aura de serenidade da luz que inunda o seu singular e ricamente trabalhado interior, esta igreja é de acesso restrito ao público em geral e abre apenas para eventos selecionados. No entanto, e caso tenha a sorte de a encontrar aberta, na sua próxima visita a Évora, não hesite e aproveite a rara oportunidade de visitar este magnífico templo religioso!”

Palácio dos Condes de Basto, Pátio de São Miguel

“O Palácio dos Condes de Basto, residência senhorial de grande importância em Portugal, é o mais antigo dos paços de Évora. O edifício ainda se encontra parcialmente integrado na cerca romana e medieval, ou seja, nas muralhas de Évora. É Monumento Nacional desde 1922 e continua a ser utilizado como residência da Senhora D. Maria Teresa Eugénio d’Almeida.

A entrada fica logo atrás da Catedral de Évora, praticamente pegada com as traseiras da Biblioteca de Évora. O portão leva-nos até o bonito Pátio de São Miguel. Para ficar no centro e rodopiar para o ver bem. De preferência ao pôr do sol.”

Palácio dos Condes de Basto – História

“O edifício do Palácio dos Condes de Basto foi entregue por D. Afonso Henriques em 1176, à Ordem de Calatrava, para seu alojamento. Em troca, a Ordem defenderia a cidade de possíveis ataques. Posteriormente, tornou-se a residência habitual de D. Fernando, que lhe mandou fazer obras de beneficiação.

O palácio acabou por ser quase destruído como consequência dos confrontos dinásticos de 1383-1385, crise conhecida como o Interregno. Depois desta crise foi reconstruído e D. Nuno Álvares Pereira passou a ser o seu residente durante cerca de 25 anos.

Mais tarde, D. Afonso V doou o Palácio dos Condes de Basto ao capitão-mor D. Diogo de Castro, família de que descende D. Fernando, 1º Conde de Basto, pai de D. Diogo, vice-rei de Portugal durante a governação espanhola, sob o reinado de Filipe III. Até final do século XIX a propriedade ficou com a família dos Castro.

A retirada dos Condes de Basto para Espanha e a sua ligação à coroa castelhana custou-lhes a expropriação do palácio. Este tornou-se então residência esporádica de hóspedes de renome, entre eles D. João III, D. Sebastião (que estudou na Universidade de Évora), Filipe II e Filipe III de Espanha, D. João IV, D. Frei Domingos de Gusmão e a Rainha de Inglaterra, D. Catarina de Bragança.

Acabou por ser vendido ao lavrador Vicente Rodrigues Ruivo. Em 1950, o Engenheiro Vasco Maria Eugénio de Almeida, conde de Vil’Alva, reconstruiu o palácio devolvendo-lhe o seu carácter original em todo o seu esplendor. Aí sediou a conhecida Fundação Eugénio d’Almeida, uma instituição com um papel fundamental em Évora quer na divulgação e desenvolvimento da cidade e do Alentejo, quer a nível cultural pelas suas inúmeras iniciativas e o recente Fórum Eugénio de Almeida.”

Palácio dos Condes de Basto – Arquitetura

“O Palácio dos Condes de Basto é composto por vários blocos de carácter monumental, grandes e pequenos, com diversos pátios e dependências menores. Destes, salientam-se a entrada, o jardim, a casa do administrador, os escritórios e os espetaculares pórticos

alpendrados. O corpo principal do edifício tem uma fascinante loggia renascentista sobre uma arcada gótica.

Existem em todo o exterior do edifício vários vestígios góticos. No entanto, são as cantarias quinhentistas que sobressaem, bem como as janelas geminadas de arco de ferradura em tijolo (estilo mudéjar), as galerias e colunatas renascentistas, a fonte e casa de fresco do jardim e os torreões cilíndricos. Percebe-se claramente a influência italiana.

O interior do Palácio dos Condes de Basto não fica atrás em termos de valor e interesse cultural e arquitetónico. As suas salas estão decoradas de forma luxuosa, sendo que três delas, no piso térreo, se encontram cobertas por abóbadas pintadas a fresco pelo mestre Francisco de Campos.

Aquelas abóbadas representam um conjunto de inspiração mitológica, de forte gosto italiano, com figuras dispersas e abundância de flores e frutos, pinturas de ornatos, alegorias e composições inspiradas nas Metamorfoses de Ovídeo. Estas pinturas representam um dos mais importantes conjuntos decorativos do país, invulgar não só pela sua qualidade de execução, mas também pela sua grandiosidade em termos de plano, temática profana e sensualidade e paganismo de alguns motivos.

Como fica localizado num local de difícil acesso ao trânsito automóvel, o Palácio dos Condes de Basto acaba por ser pouco conhecido pelos habitantes eborenses e passar um pouco despercebido aos turistas. O novo café/pastelaria é extremamente agradável para descontrair um pouco a meio da sua visita a Évora. Prove os pastéis de nata quentinhos e deslumbre-se com a vista desde a esplanada.

A beleza e a tranquilidade do Palácio dos Condes de Basto são extraordinárias e, como tal, devem ser apreciada por todos. Por si também!”

- <https://www.visitportugal.com/pt-pt>

Igreja de Santo Antão - Évora

Monumentos

“Situada na praça principal de Évora, a Praça do Giraldo e integrada no centro histórico da cidade, a Igreja de Santo Antão foi construída no séc. XVI segundo o traçado dos arquitetos régios Miguel de Arruda, Manuel Pires e Afonso Álvares.

No interior deste templo de carácter renascentista destaca-se o painel das "Almas", uma pintura atribuída a Jerónimo Corte Real, artista eborense do séc. XVI.”

Sé de Évora

Monumentos

“Igreja fortificada de traça gótica, a Sé de Évora é a maior catedral de Portugal.

No exterior, repare nas duas torres assimétricas que se erguem para o céu. Na torre norte encontra-se parte do valioso tesouro pertencente ao Museu de Arte Sacra, com peças únicas de incalculável valor. Merece ainda destaque o notável zimbório central de finais do séc. XIII, elemento muito raro nas igrejas portuguesas. No pórtico, um apostolado romano-gótico muito expressivo convida à entrada no templo.

No interior, a capela-mor é uma reconstrução de 1718, da época barroca. Obra de Ludovici, arquiteto ao serviço do rei D. João V e também autor do convento de Mafra, a capela é decorada com mármore de diversas origens, contrastando com a grandeza austera do restante templo.

Na nave central, pode ver-se o altar de Nossa Senhora do Ó, cuja imagem em pedra policromada encontra o seu contraponto numa estátua do Arcanjo São Gabriel, em madeira estofada, atribuída a Olivier de Gand. No coro-alto, destaca-se um valiosíssimo cadeiral renascentista trabalhado em madeira de carvalho e um órgão do séc. XVIII de grandes proporções.

Pode-se visitar também o claustro gótico e subir até ao terraço, de onde se avista um belo panorama sobre a cidade de Évora.”

Templo romano de Évora

Arqueologia

“O Templo Romano, com uma existência de 2000 anos, é um ex-libris da cidade de Évora e uma das mais importantes ruínas históricas do país.

Datado do séc. I, da época de Augusto, a sua longa história é também o relato de muitas transformações e utilizações diferentes ao longo dos séculos. Praticamente destruído quando os Bárbaros estiveram na Península Ibérica, no séc. V, serviu de casa-forte ao Castelo de Évora e de açougue no séc. XIV.

Foi recuperado ao seu carácter romano apenas no séc. XIX, numa das primeiras intervenções arqueológicas em Portugal. É o testemunho do forum romano da cidade de Évora consagrado ao culto imperial, o que clarificou uma tradição seiscentista que o teria consagrado à deusa Diana. Por isso foi durante muito tempo identificado como Templo de Diana. Escavações recentes revelaram ter sido rodeado por pórtico e um espelho de água.”

Igreja da Graça - Évora

Monumentos

“A Igreja da Graça foi construída no séc. XVI, durante o reinado de D. João III, segundo o traço de Miguel de Arruda.

Monumento singular, de influência palladiana, evidencia um carácter robusto na sua fachada maneirista, onde um pesado pórtico termina num duplo frontão sobreposto por anjos. Aos cantos, sentam-se quatro robustos atlantes, simbolizando quatro rios (a que o povo chama, com alguma ironia, os "Meninos da Graça").

No interior, destacam-se na zona do altar-mor janelas lavradas em mármore de Estremoz, um trabalho do escultor renascentista Nicolau de Chanterenne.”

Igreja de São Francisco e Capela dos Ossos - Évora

Monumentos

“Na frontaria sobressai uma galilé com arcos de estilos diferentes, um exemplo típico do "casamento" entre os estilos gótico e mourisco que se encontra em tantos monumentos desta região de Portugal. Sobre o portal manuelino repare nas divisas dos reis que a mandaram construir, D. João II e D. Manuel I, respectivamente o pelicano e a esfera armilar.

A igreja tem a particularidade de ter uma nave única, que termina numa abóboda nervurada, a de maior vão no gótico português. Nos lados, encontram-se doze capelas, todas revestidas de talha barroca. A capela-mor, datada do início do séc.XVI, mantém ainda relevantes elementos renascentistas como as tribunas. Não deixe de observar na capela da Ordem Terceira, num dos braços do transepto, a harmoniosa decoração de pedra, talha e azulejo.

No interior, pode-se ainda visitar a curiosa Capela dos Ossos, construída durante o período filipino (séc. XVII), com os pilares e as paredes completamente revestidos por ossadas. De notar ainda o portal renascentista tardio com os capitéis das colunas decorados de forma diferente consoante a face que se vê (do exterior ou do interior).”

Palácio de D. Manuel

Museus e Palácios

“O Paço Real de S. Francisco (também conhecido por Paços de D. Manuel), situa-se no Jardim Municipal, que foi noutros tempos o horto do convento de S. Francisco.

Densamente arborizado com plátanos, ciprestes, amoreiras, decorado com canteiros coloridos e oferecendo uma esplanada para descanso, o jardim proporciona um passeio muito agradável onde sugerimos também a visita às Ruínas Góticas Fingidas. Construídas em 1863, muito ao gosto romântico da época, foi seu arquiteto o italiano Giuseppe Cinatti, que nela utilizou materiais que se encontravam no palácio dos Inquisidores, em frente da Sé.

No Paço Real de S. Francisco, Vasco da Gama terá sido investido por D. Manuel I do cargo de Comandante da Esquadra da Índia. Da construção original sobressaem os arcos mouriscos em ferradura do alpendre e as janelas geminadas do primeiro andar.”

Ermida de São Brás

Monumentos

“A Ermida de São Brás, situada fora das muralhas de Évora, foi mandada construir por D. João II, em 1480, no local de uma pequena gafaria onde se tratavam os doentes afetados pela peste. O povo de Évora e a coroa e o executor da obra D. Garcia de Meneses, Bispo de Évora,

mostravam assim a sua devoção a São Brás, protetor das vítimas de epidemias. De mestre desconhecido, é um dos monumentos mais importantes da cidade de Évora.

É um dos primeiros exemplos edificadas do estilo manuelino-mudéjar, muito difundido em todo o Alentejo, caracterizado pela utilização de contrafortes cilíndricos com coruchéus cónicos. O templo marca a introdução do tardo-gótico em Évora, juntamente com as Igrejas dos Loios e de São Francisco.

Entre os elementos arquitectónicos, são de salientar as gárgulas de granito ao longo do edifício, de temática zoomórfica.

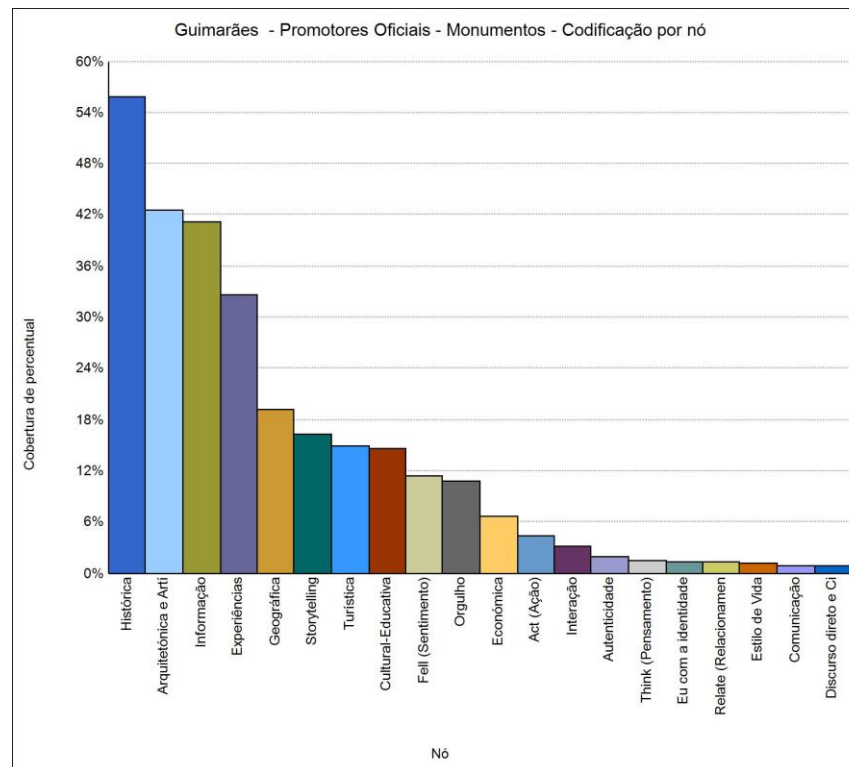
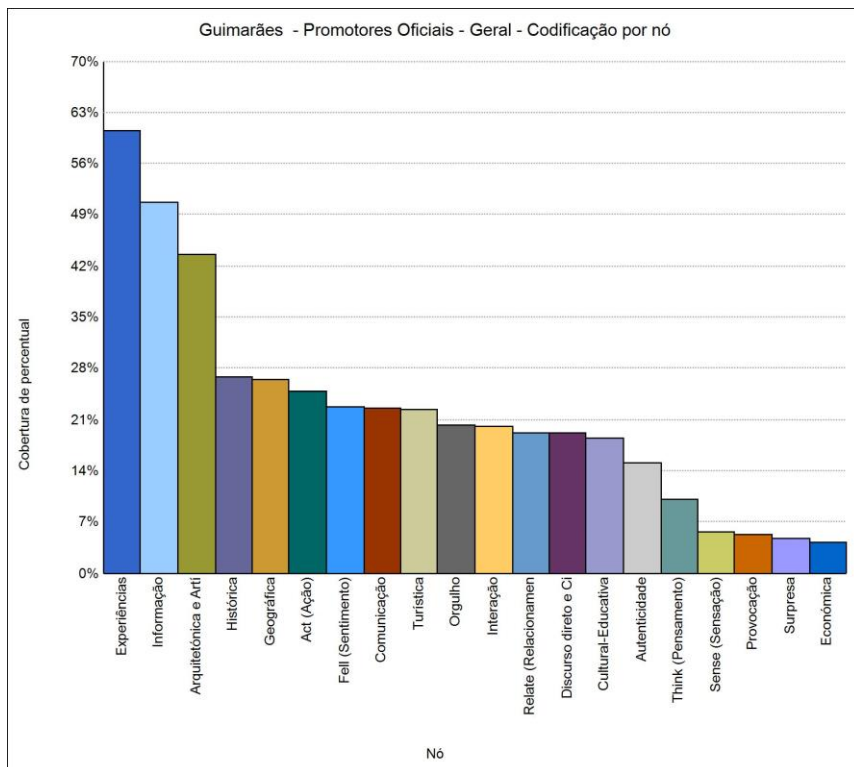
No interior, destacam-se os painéis de azulejo do séc. XVI, com influências mudéjares, com padrão geométrico a verde e branco, e os altares de talha dourada do séc. XIX dedicados a São Romão e a Nossa Senhora das Candeias. No altar-mor pode ver-se uma imagem do santo padroeiro.

No séc. XVI, a Igreja foi enriquecida pelo Cardeal Infante D. Henrique.”

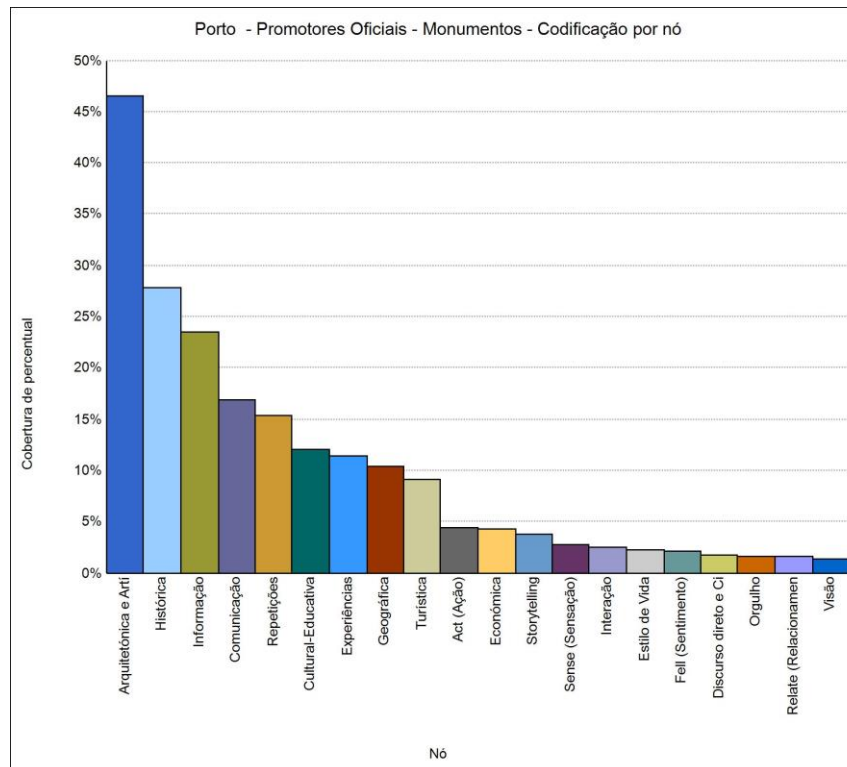
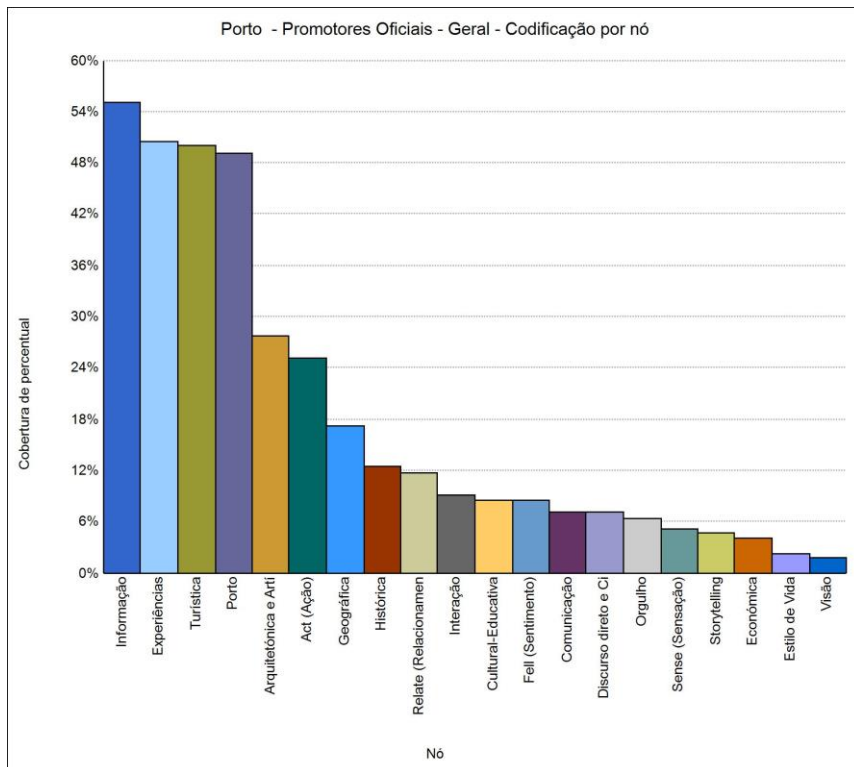
ANEXO II

RESULTADOS (Outputs da Análise de Conteúdo)

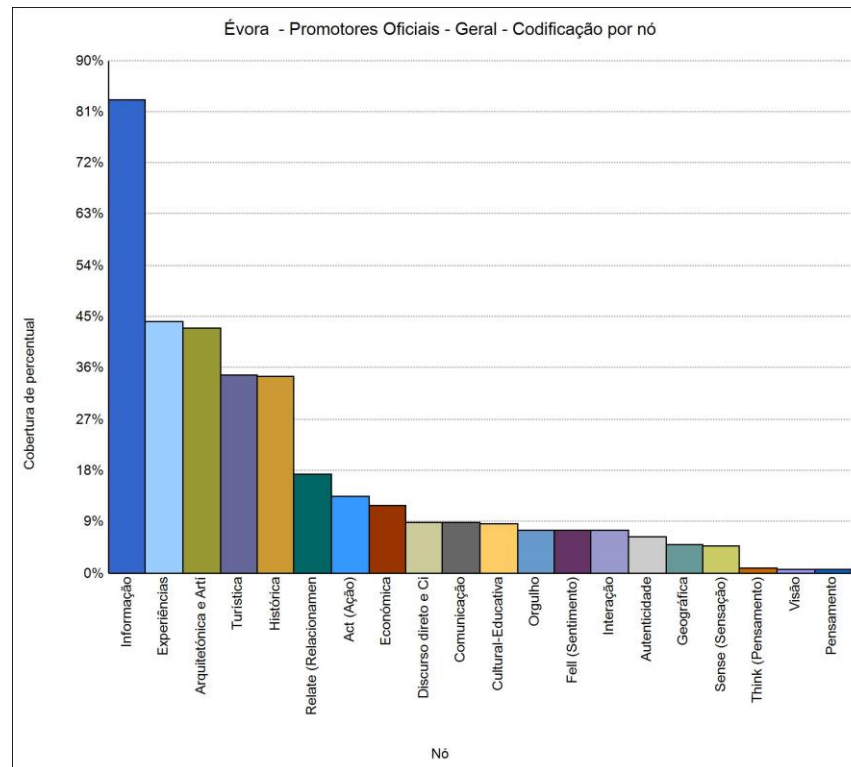
Anexos – Gráficos de Fontes – Codificação por nó



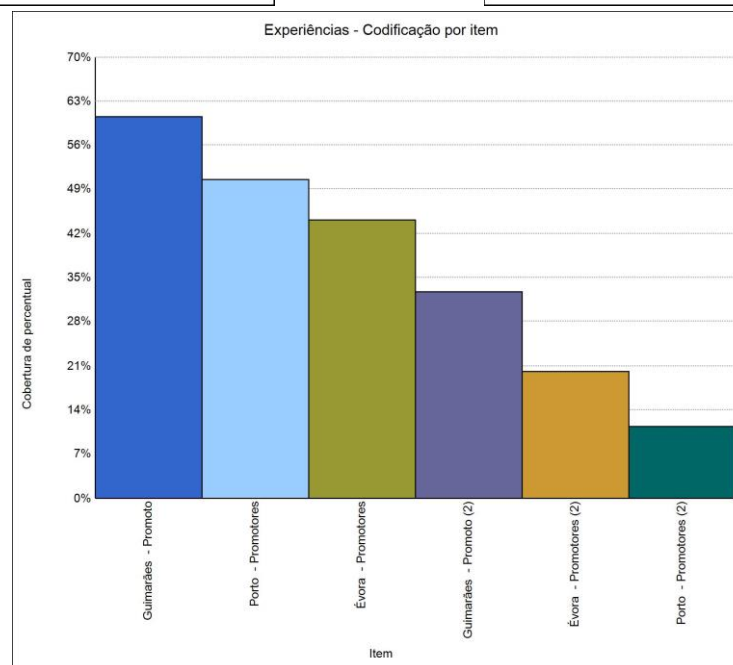
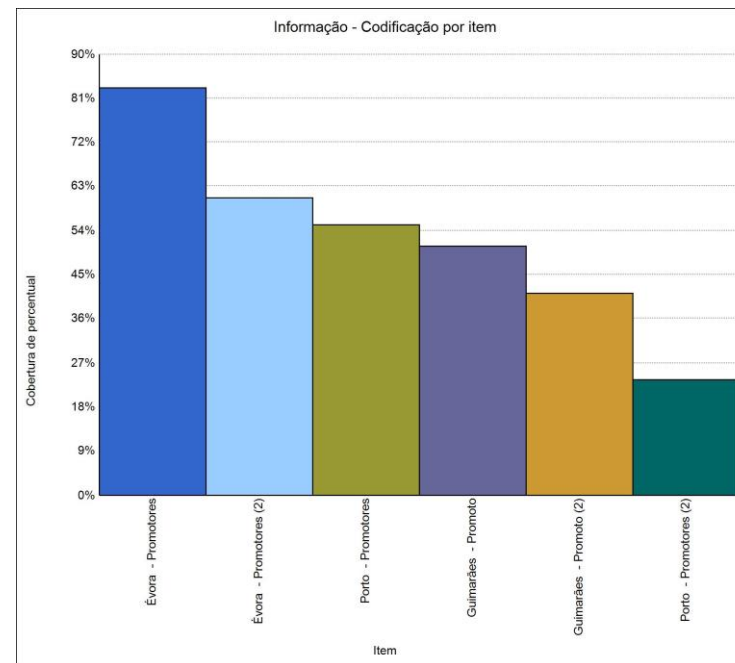
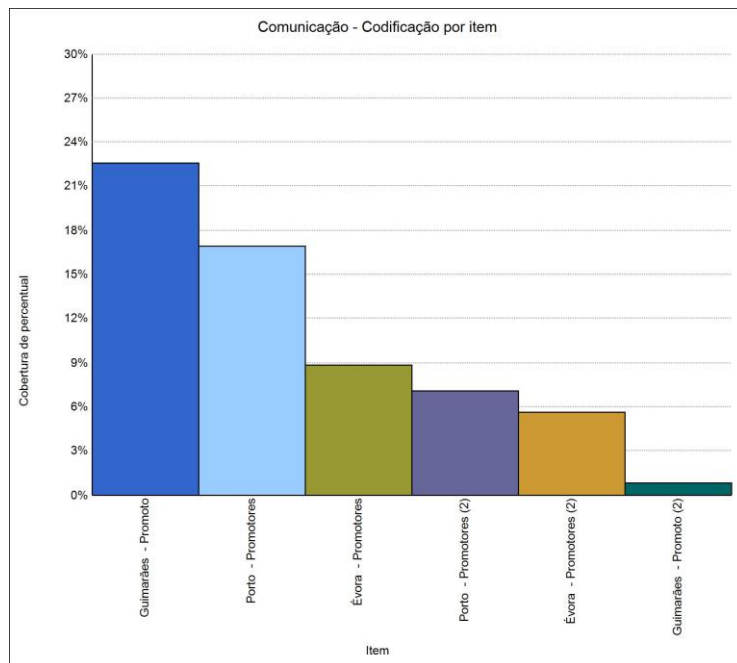
Anexos – Gráficos de Fontes – Codificação por nó



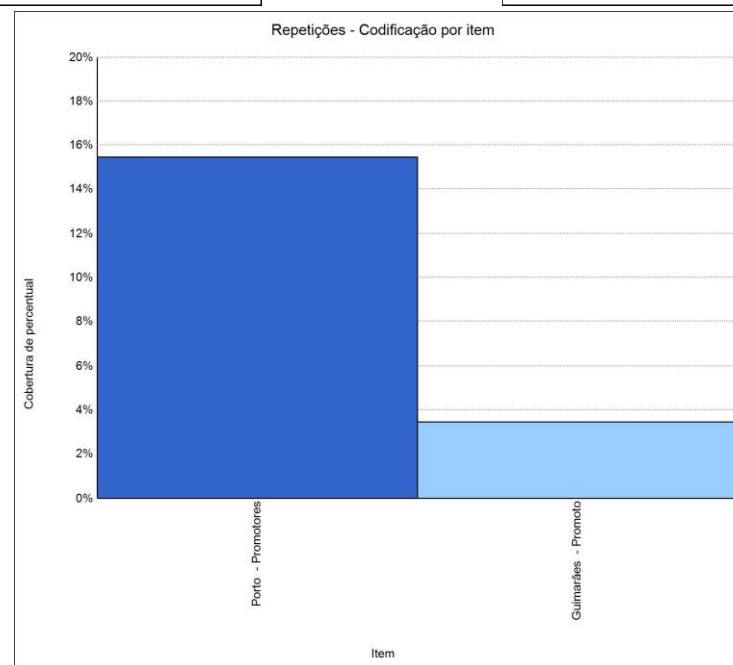
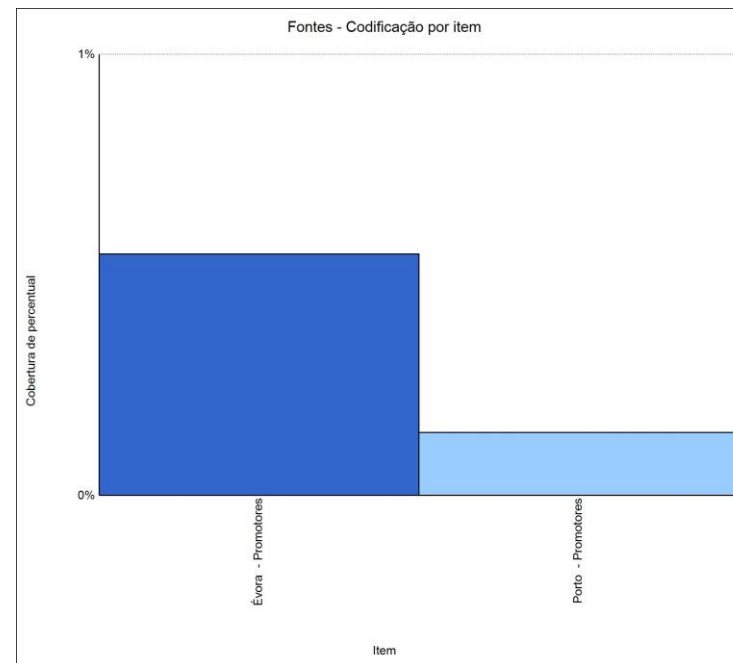
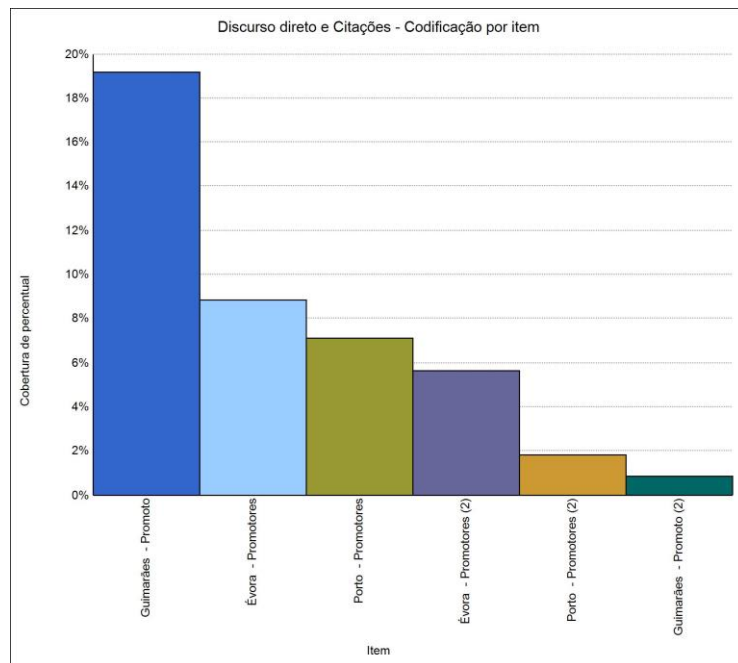
Anexos – Gráficos de Fontes – Codificação por nó



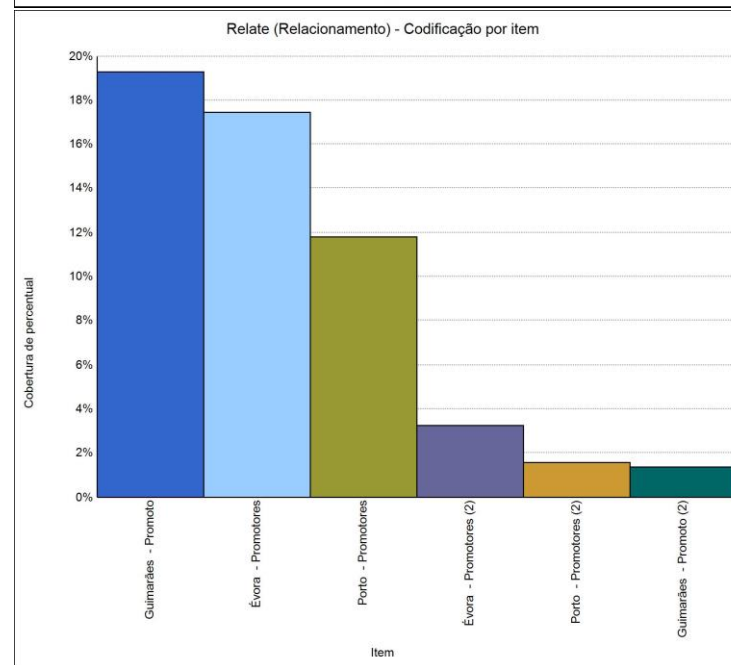
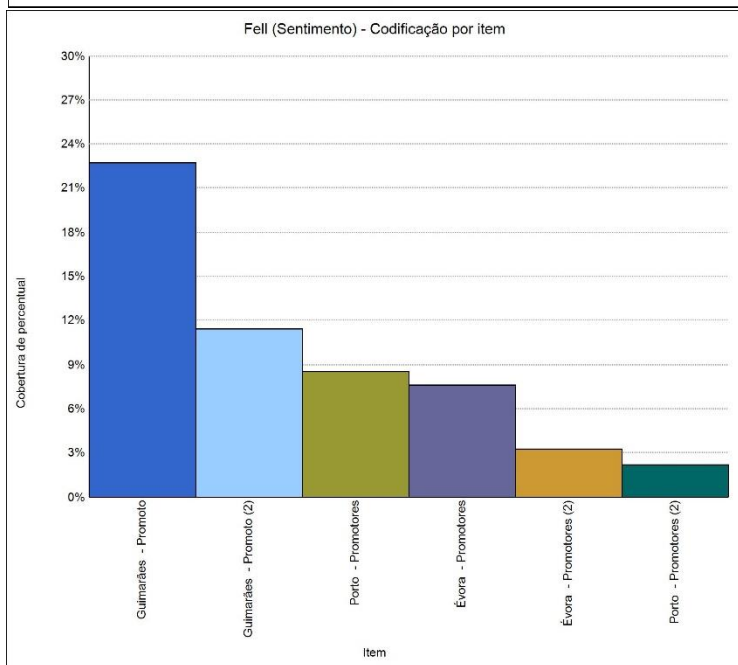
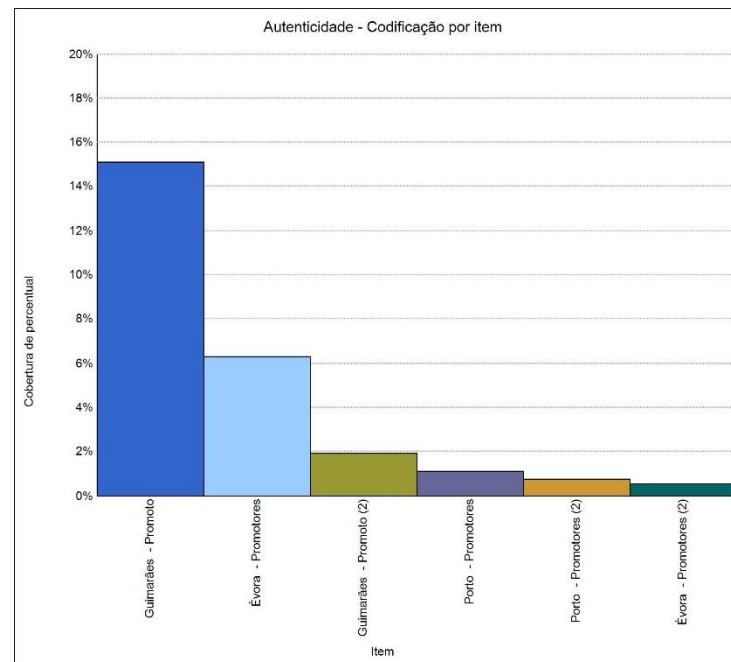
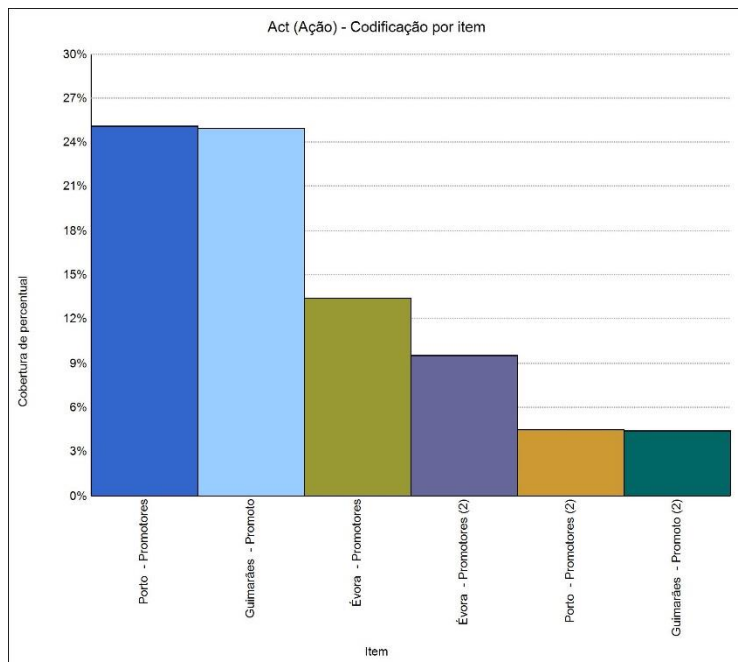
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Dimensões)



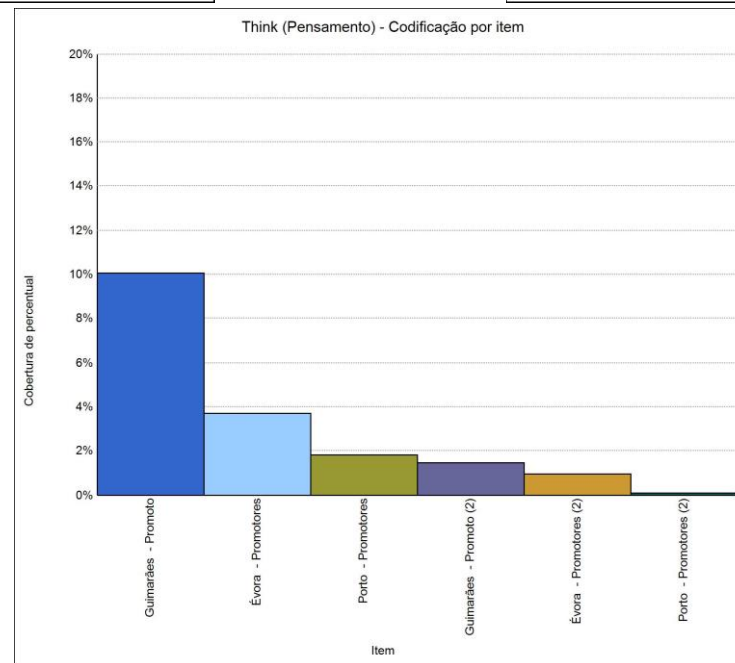
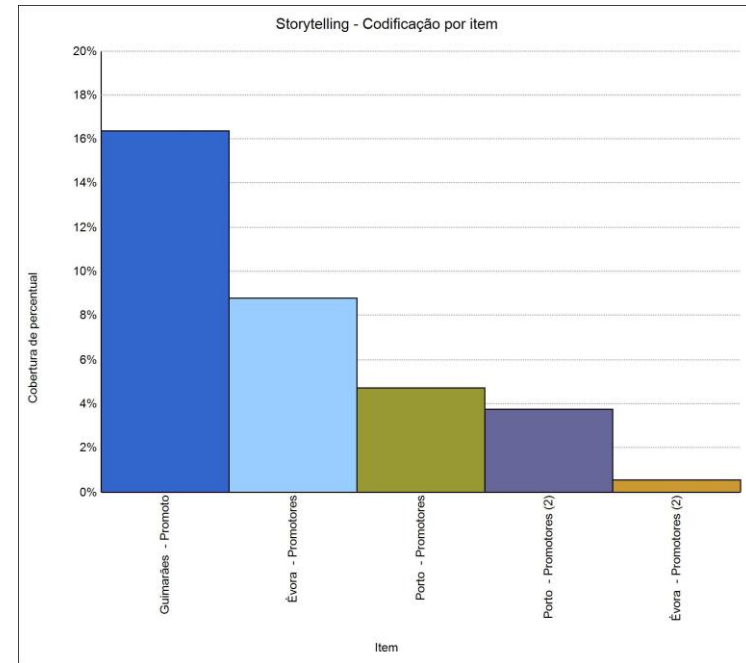
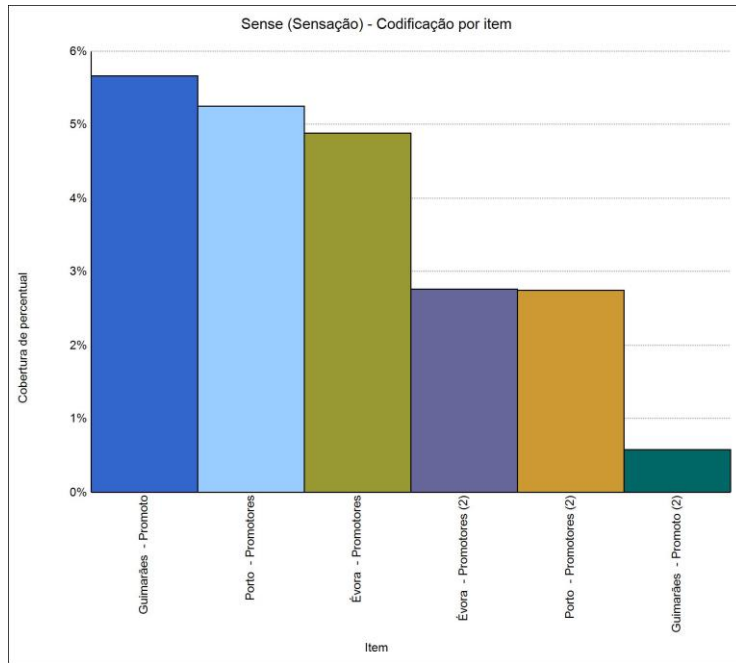
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Categorias – Comunicação)



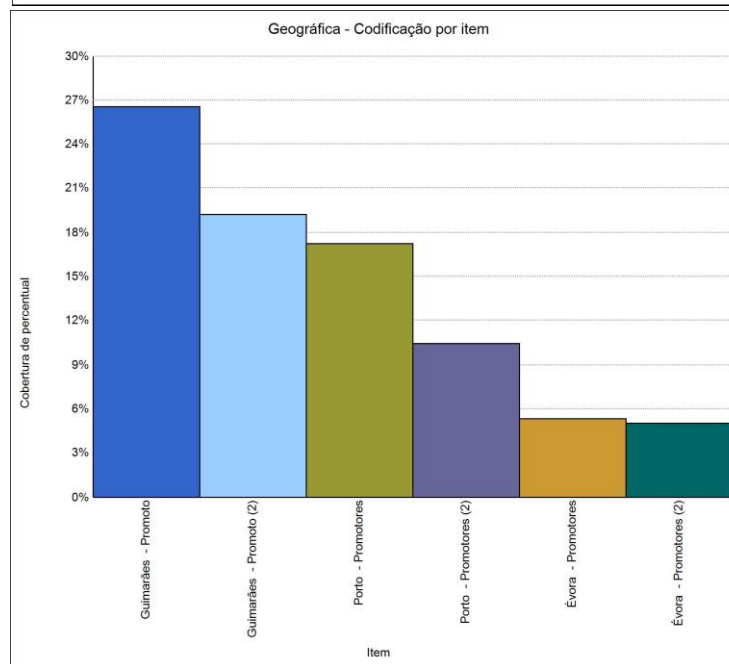
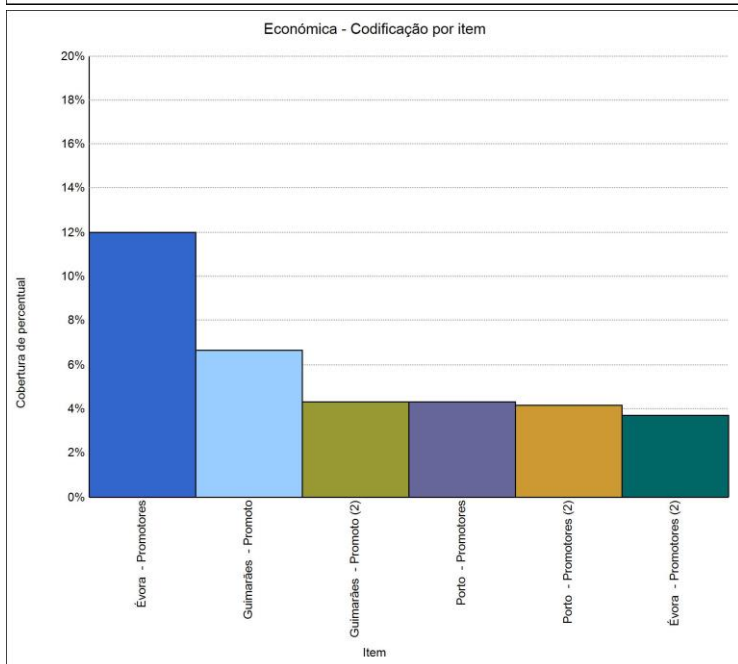
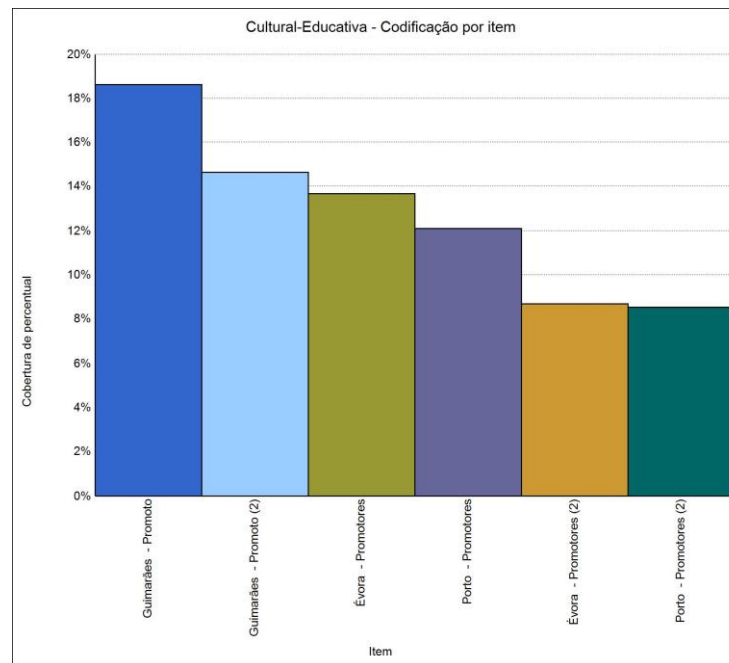
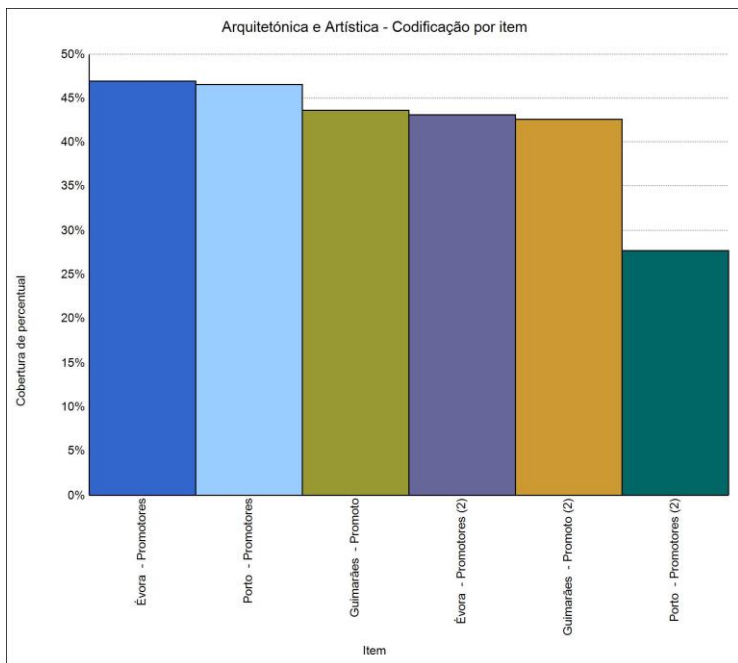
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Categorias – Experiências)



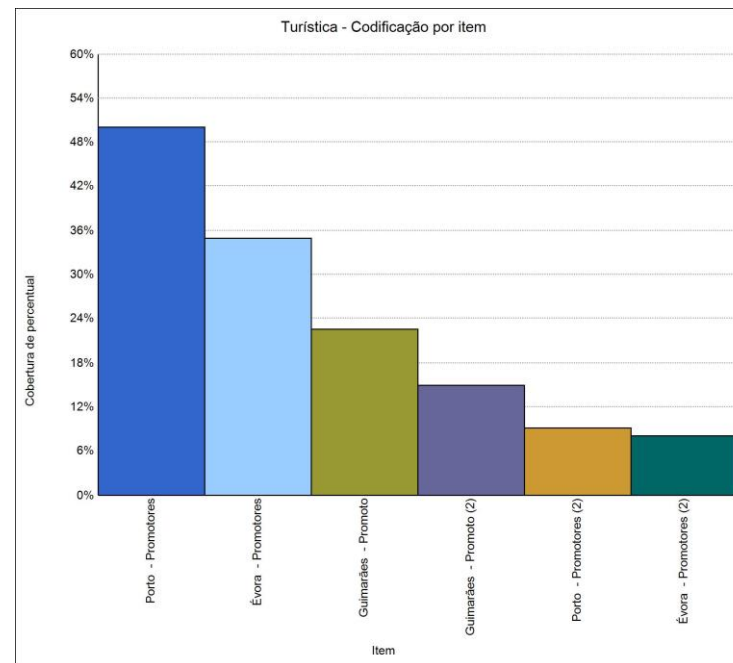
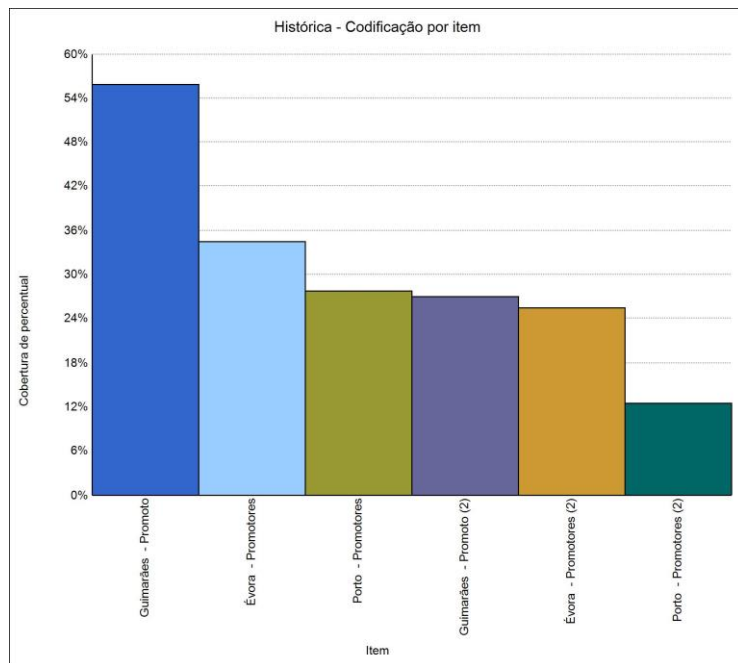
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Categorias – Experiências)



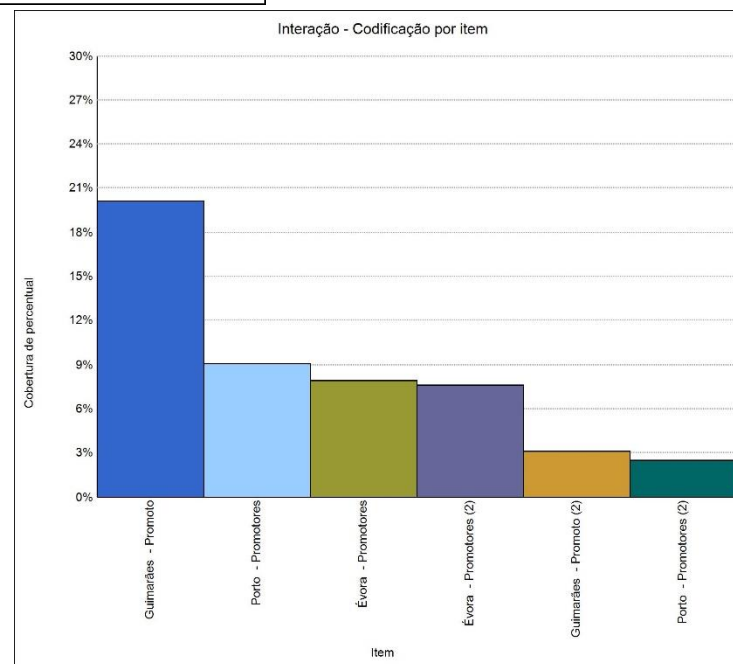
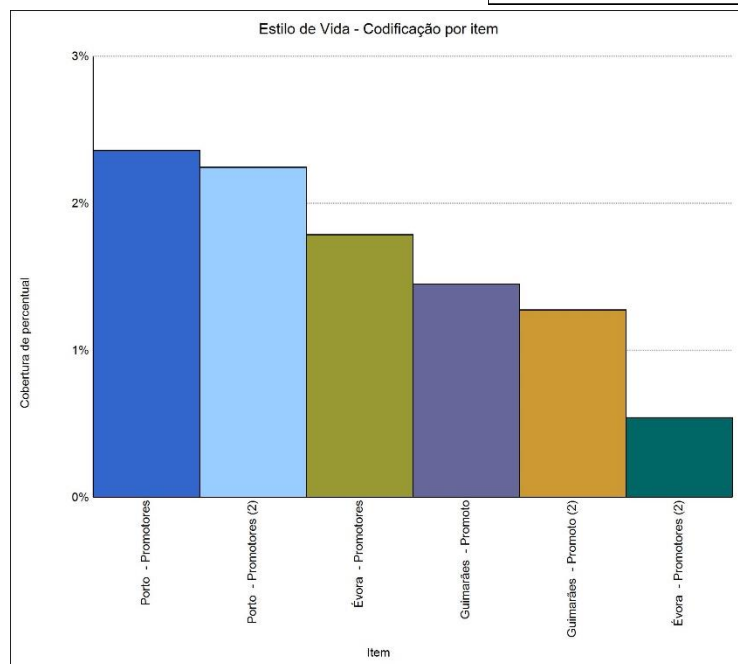
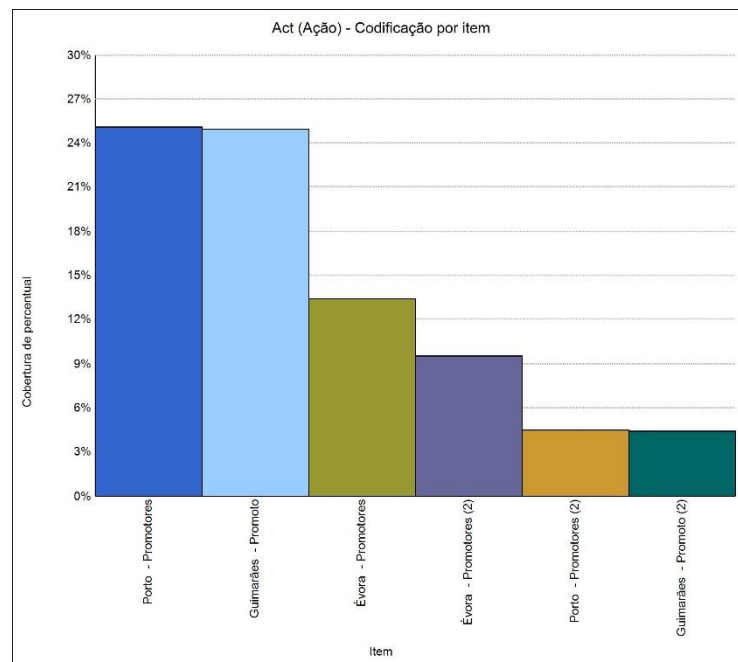
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Categorias – Informação)



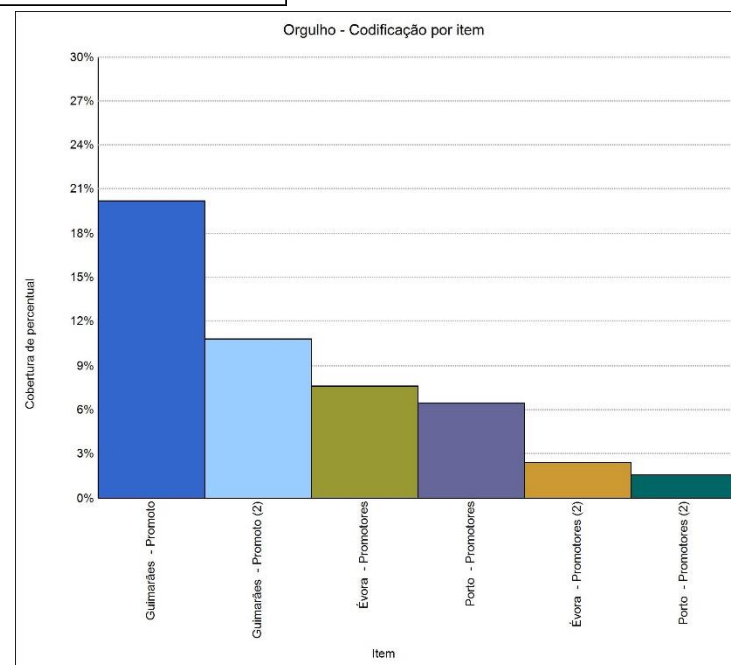
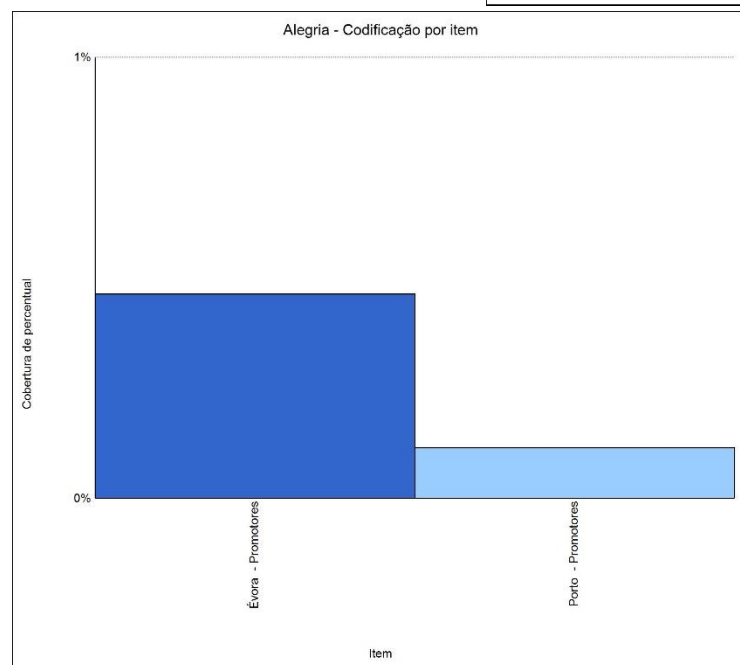
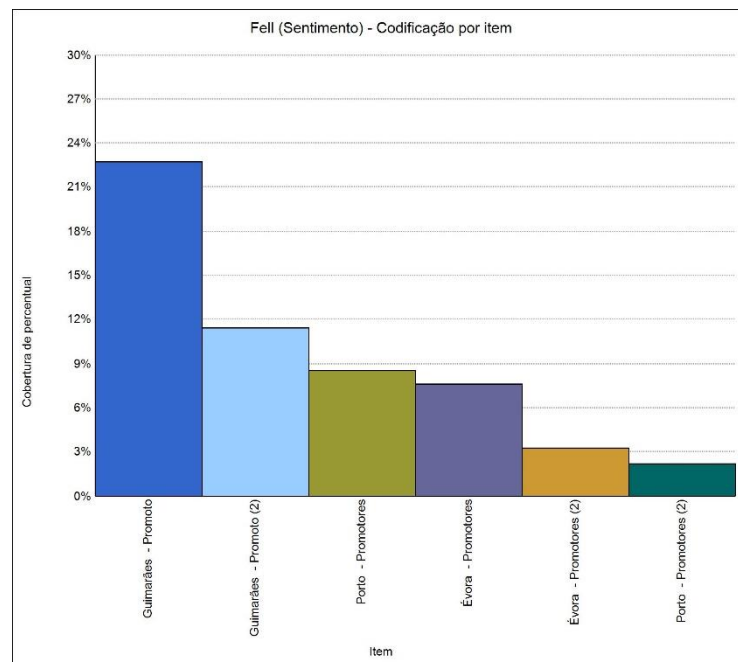
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Categorias – Informação)



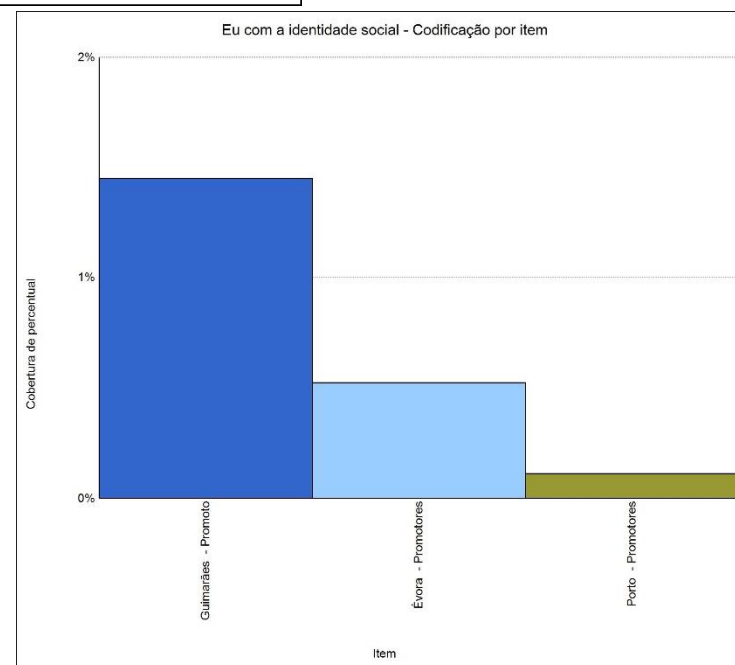
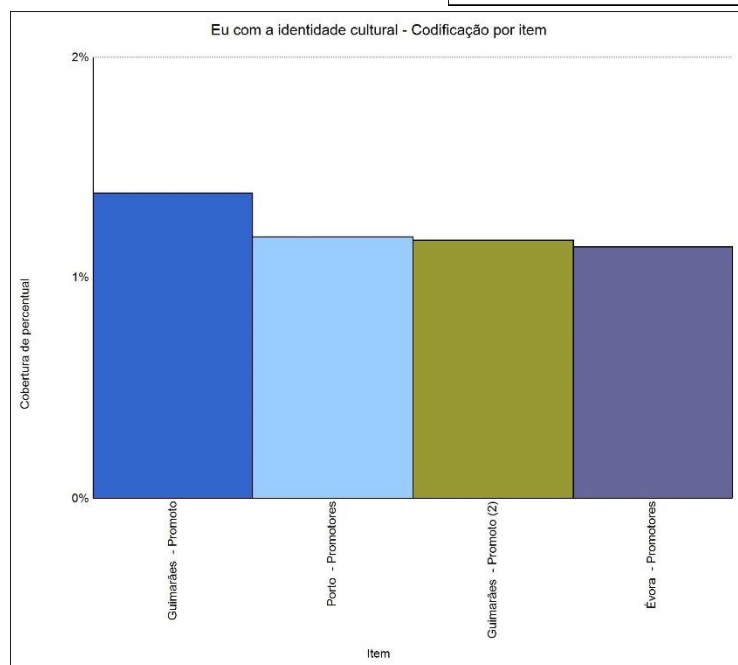
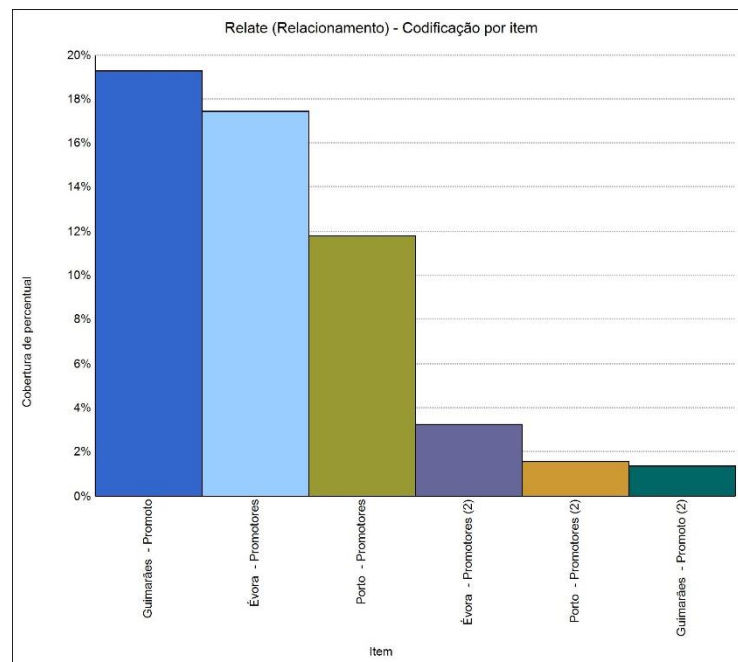
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)



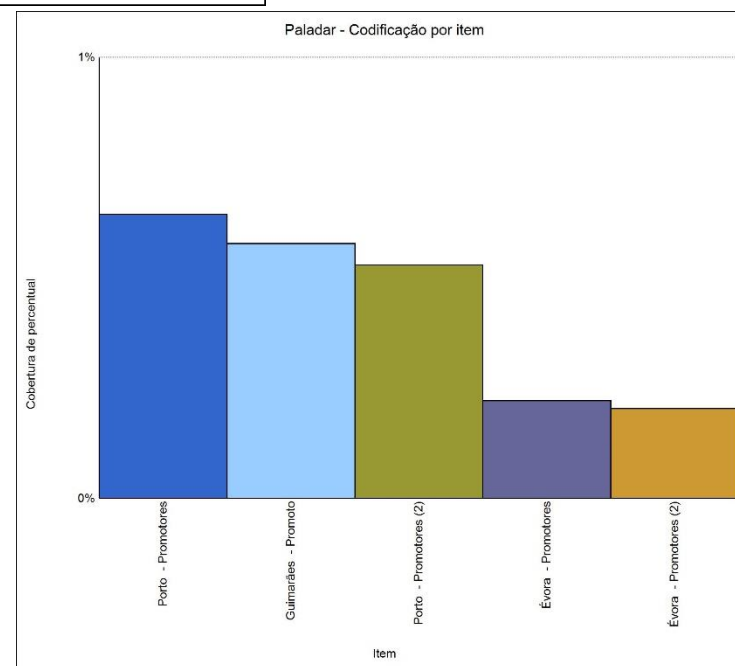
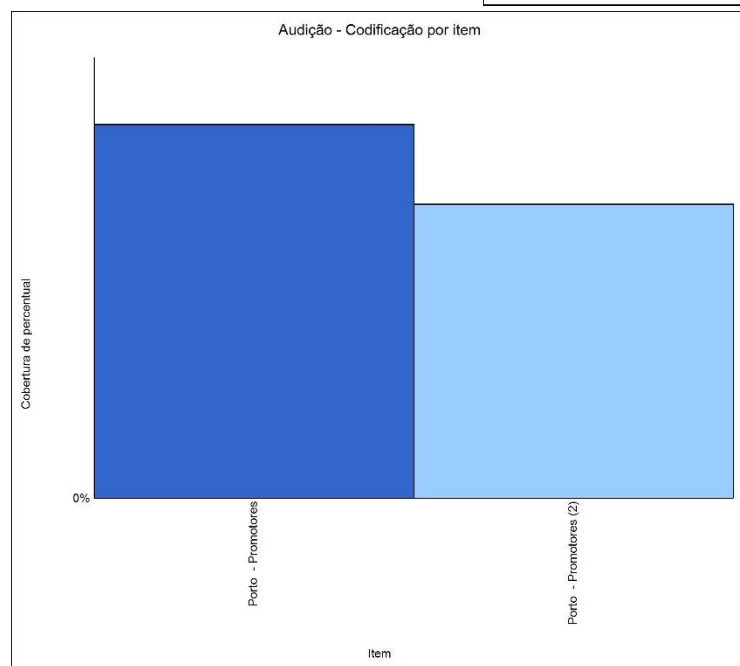
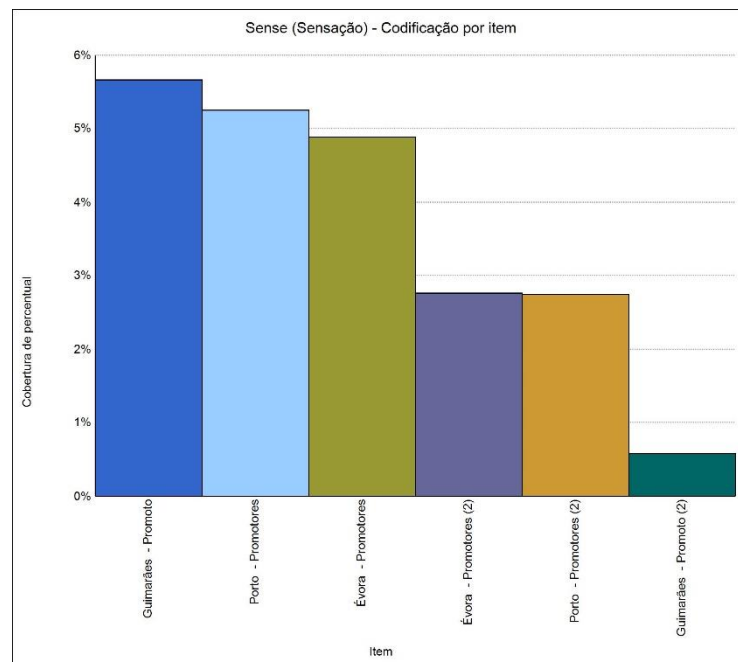
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)



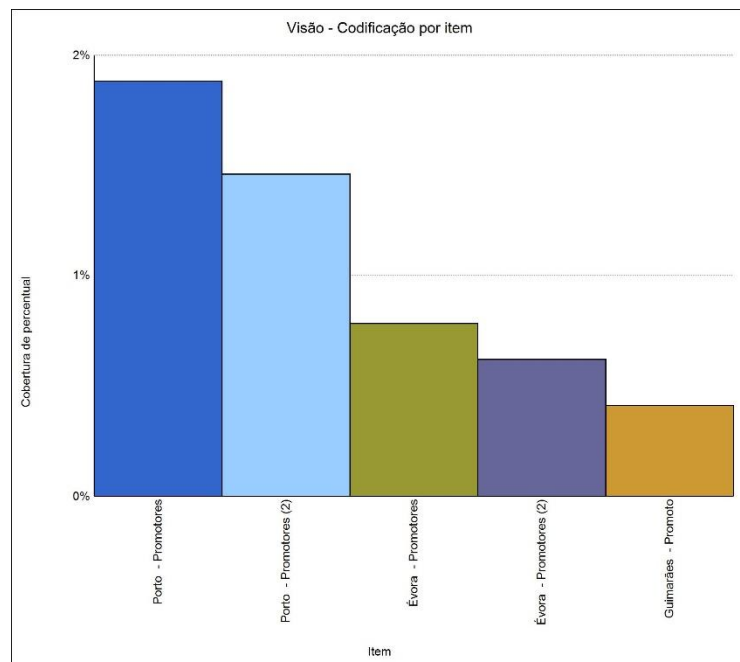
Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)



Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)



Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)



Anexos – Gráficos de Resultados de Nós (Subcategorias – Experiências)

